Ho-ba-la-lá

À PROCURA DE JOÃO GILBERTO

MARC FISCHER

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Para Chon Choi

I’m being followed by a moonshadow
Moonshadow, moonshadow

Cat Stevens

Prólogo

Sou um homem de 83 anos; minha memória e meu inglês têm a mesma idade.

Conheci jg por volta de 1949. Ele tinha dezoito; eu, 22 anos. Ele queria ser cantor, mas não sabia nada de música americana. Eu possuía muitos discos, porque tinha morado por algum tempo nos Estados Unidos. João ouvia sempre os mesmos discos, sem parar, sobretudo de música instrumental.

Era um sonhador e um romântico, e não um rebelde. Livros não eram para ele. O que ele queria estava encravado em sua cabeça, e ele não falava sobre isso. Gosta de ter notícias, mas não fala sobre si mesmo.

No tocante às mulheres, era tímido, ainda é. Acho que sempre foi um solitário. Gosta de futebol e de astrologia.

Antes, éramos amigos, mas a vida ou o destino — seja lá o que for — nos separou. Não sei se ele é feliz ou não. Vive muito recluso.

Eu lamento ter tão pouco a dizer.

Jorge Cravo

A torre

É aqui. Não é aqui?

Uma torre no Rio de Janeiro, grande, cinza, brutal, trinta andares de altura: o Rio Flat Apart Hotel.

— Ele mora aqui — Watson diz. — Agora, vai lá buscar ele, Sherlock!

O edifício é um complexo hoteleiro octogonal da década de 70, fincado qual uma estaca no meio de uma área comercial do Leblon, bairro rico do Rio. São 256 apartamentos com, em média, sessenta metros quadrados cada um e vista para as praias do Leblon e de Ipanema, até o Pão de Açúcar ou mesmo além, para a figura do Cristo no Corcovado.

Ele pode ver Jesus, penso comigo.

Em um daqueles apartamentos mora um senhor estranho, de óculos bem grandes. Ele é famoso no mundo inteiro, todos conhecem suas canções, qualquer um poderia assoviá-las de improviso, mas muito poucos o reconheceriam na rua. Isso se deve ao fato de ele nunca sair para a rua. Há trinta anos vive escondido em seu apartamento, levando uma vida oposta à das pessoas: levanta-se quando os outros vão dormir e vai se deitar quando os outros estão acordando, como um fantasma. Quase ninguém chega a vê-lo de fato.

Em algum lugar, lá no alto, mora João Gilberto — o cantor e violonista que, há mais de cinquenta anos, presenteou o mundo com a Bossa Nova. “Garota de Ipanema”, por exemplo. E, desde então, permanece calado.

É a ele que queremos encontrar, Watson e eu.

— Bom trabalho, Watson!

Sorridente Watson, que na verdade não se chama Watson coisa nenhuma, e aliás não é homem. Trata-se da minha fiel companheira Rachel, o cão rastreador mais rápido do mundo e a intérprete mais habilitada do Rio de Janeiro, porque, claro, não falo uma palavra de português. É uma judia líbano-brasileira com um diabo tatuado na panturrilha; pesa duas vezes mais que eu, prefere mulheres a homens e desde o primeiro instante eu soube: aí está meu Watson. E como teria ela podido demonstrar melhor suas habilidades do que me apresentando, apenas quatro dias após minha chegada, o hotel do supostamente inalcançável João Gilberto?

Hotel adentro. Watson de vestido ondeante e com uma orquídea nos cabelos cacheados; eu, vestido como um perfeito detetive: calça curta, poncho de tricô de

surfista mexicano (o chamado “surfista da Baixa Califórnia”) e guarda-chuva em punho (porque guarda-chuvas inspiram respeito e, além disso, a previsão do tempo anunciara pancadas de chuva, embora estejamos no Brasil, no começo de verão).

O saguão é o típico inferno de latão de um apart-hotel; os apartamentos com *room-service* custam 2 mil euros por mês. Hospedam-se ali sobretudo pessoas endinheiradas, solteiras ou de mais idade: atores, modelos, apresentadores de programa de tv , estrelas e executivos. João paga 2 mil euros pela caixa de sapatos que parece ser sua vida.

De pronto, Watson e eu aparecemos nos dezesseis monitores do equipamento de vigilância do hotel. O recepcionista é um jovem esperto de terno chamado Amarildo.

— Bom dia, nós queremos ir ao apartamento de João Gilberto, o músico de fama internacional — eu digo.

— Ele se mudou faz mais de dez anos para um prédio de apartamentos — responde Amarildo.

Desanimado, olho para Watson.

— E onde fica esse prédio?

— Não faço a menor ideia — diz Amarildo.

Meu olhar para Watson agora é de raiva. Ela dá de ombros e faz cara de “e eu lá tenho culpa?”.

— Mas a ex-mulher dele, Miúcha, ainda mora aqui — Amarildo acrescenta.

De todo modo, não deixa de ser uma pista. João viveu com Miúcha de 1964 a 1969, em Nova York. É sua segunda ex-mulher. Os dois têm uma filha, Bebel Gilberto, que é cantora e mora em Manhattan. A primeira ex-mulher é Astrud Gilberto, também cantora, que, para todos os efeitos, desapareceu nos Estados Unidos. Com Astrud, ele teve João Marcelo, um músico que mora em alguma parte de Nova Jersey. Nem Astrud nem João Marcelo responderam a minha sondagem; Bebel também não. Quem sabe Miúcha?

De imediato, escrevo-lhe um bilhete:

> Cara Miúcha,
>
> Meu nome é Marc Fischer, sou de Berlim e estou à procura de João Gilberto e do coração da Bossa Nova, que é o coração da beleza.
>
> Será que poderíamos nos encontrar?
>
> Cordialmente,
>
> M. F.

A queda

Para que encontrar um homem que, evidentemente, não deseja ser encontrado? Para que fazer contato com quem não quer contato nenhum?

Razão nº 1: Porque João Gilberto é um enigma. Porque não está claro o que o instiga, ou se alguma coisa ainda o instiga em seu quarto de hotel — ou onde quer que ele more no momento. Porque circulam histórias estranhas a seu respeito, e não se sabe quais são verdadeiras e quais são estapafúrdias, fantasiosas, inventadas:

Dizem que toca violão o tempo todo, sempre as mesmas canções.

Dizem que conversa com gatos.

Dizem que fala com os mortos.

Dizem que uiva para a lua.

Dizem que, mesmo com os parentes, ele só se comunica por intermédio de bilhetes que lhe são passados por debaixo da porta.

Dizem que, em resumo, ele não se comunica.

Dizem que pratica uma religião estranha.

Dizem que odeia tanto as pessoas que não consegue suportá-las.

Dizem que ama tanto as pessoas que não consegue suportá-las.

Entrevistas, ele não dá mais, e isso há décadas. Tampouco lança discos. Seu último álbum, *João, voz e violão* , saiu em 1999, cheio de canções antigas, quase como uma despedida. Para o livro do jornalista Ruy Castro, *Chega de saudade* , contou algumas histórias ao telefone, faz mais de vinte anos, mas se arrependeu tão logo a obra foi publicada, porque ali se fala também de maconha e de uma rápida passagem por uma clínica psiquiátrica. Certa feita, um repórter do *New York Times* conseguiu, de alguma forma, marcar um encontro com ele e, depois de voar para o Rio, esperou uma semana, até que, por um intermediário, João mandou lhe dizer que gostaria muito de comprar uma casa para ele no Brasil, a fim de que aprendesse a compreender melhor o país, mas que no momento não tinha dinheiro para tanto, razão pela qual o repórter podia viajar de volta para os Estados Unidos. Vinte anos faz também que João permitiu a uma jornalista francesa que o visitasse. Era meia-noite e, na companhia de dois ou três amigos do músico, a jornalista pôde ouvir o cd intitulado *João* . João bebeu champanhe e começou a falar coisas esquisitas, maravilhosas, coisas de João. Falou das estrelas “que giram, giram como luzes, luzes como as estrelas”. Falou das

bolhinhas do champanhe, “que se dissolvem no espaço, veja, estão por toda parte, já saíram da taça, desta sala, faz muito tempo, são como as notas musicais, ah!”.

Esse caráter enigmático de João e seu afastamento do mundo perturba muitos brasileiros. Alguns chegam a se enervar, embora ele lhes tenha dado tanta beleza como só Pelé, em seus melhores momentos, o fez. Se você vai a uma loja de discos, como, por exemplo, a Modern Sound,* em Copacabana, e começa a perguntar um pouco, ouve comentários como estes:

— Doido. Doido, doido, doido!

— Ah, não me venha com essa história de João, ele é maluco, cara! Que fique lá fazendo música.

— Um velhinho engraçado, que tem, de fato, um problema muito sério. Se você quer saber, para mim é caso de Pinel.

— Não bate bem. Não consegue superar o fato de que seu tempo já passou.

— Telefona um bocado. Ouvi dizer que tem mais de cem celulares. Não admira que fique doido.

A todo momento, cabeças balançam negativamente, e nisso há muita decepção também. Por que o maior intérprete do país não lhes dá mais nada? Não gosta de seu povo? Sente-se incompreendido? É um artista inflexível, tudo precisa estar perfeito quando, em datas comemorativas especiais, ele faz um show: o dinheiro (mais de 1 milhão de dólares, dizem, por três ou quatro concertos), a acústica, o lugar, a temperatura, seu humor, o público. E se, na sua opinião, o público não está a contento, se alguma coisa o incomoda — um ruído, um detalhe, a luz, uma frase —, ele se levanta depois de duas canções e vai-se embora para nunca mais voltar.

— Eles não gostaram — diz então.

Recentemente, andou causando sensação porque, assim disseram, tinha entrado no Facebook e já contabilizava 5 mil amigos. João Gilberto, às vésperas de completar oitenta anos, o tipo do artista romântico em pessoa, sentado diante de um teclado de computador e decidindo quem é ou não seu amigo e postando notinhas e vídeos do YouTube? “Impossível!”, opinou metade do Rio de Janeiro. Em seguida, porém, alguns conhecidos seus vieram a público para dizer que só podia ser ele mesmo, porque dos escritos do Facebook constavam fatos que só João sabia: casos, histórias familiares, experiências pessoais. Toda uma horda de repórteres se pôs a investigar o mistério, mas sem resultado. Ainda de Berlim, candidatei-me a amigo e escrevi-lhe uma nota dizendo que gostaria de me encontrar com ele. Tentei por outros meios também, todos os canais possíveis, ex-gravadoras, empresários, produtores de shows etc. Nunca obtive resposta.

Quero, portanto, encontrá-lo, porque não está claro se se trata de um louco, de

um excêntrico, de um fantasma, de um homem invisível, de um monge ou de alguém alérgico ao sol.

Ou seja, porque nada está claro. O que ele faz o tempo todo? Nega-se a sua arte? Ele, que a formulou para si com tanta exatidão? E, se absolutamente nada está claro, se as perguntas acordam a gente durante a noite, porque não se consegue respondê-las, então é hora de partir. Então, é hora de empacotar o violão antigo, de pegar um avião para o Rio, de arrumar uma vaga em algum apartamento em Ipanema e de sair em busca de respostas.

Agora faz dois dias que estou morando no Ipanema Penthouse, num apartamento que encontrei na internet e que divido com:

— Sasha, um corretor de imóveis francês de cabelos encaracolados, igualzinho ao Vinnie Chase, personagem principal do seriado americano *Entourage* ;

— Hannah, a namorada dele, uma modelo norueguesa de um loiro esbranquiçado natural, que veio para cá porque Sasha não embarcou no voo 447 da Air France, aquele que caiu no Atlântico em 1º de junho de 2009, e graças unicamente a um cartão de crédito bloqueado, e agora nem Sasha nem Hannah querem fazer o voo de volta pela mesma rota, nunca mais;

— Tim, jovem funcionário de um banco americano;

— Lloyd, um surfista australiano com músculos do peito esculpidos de um modo que só se vê nos livros de Bret Easton Ellis e que, segundo ele próprio diz, trabalha com alguma coisa entre “ser modelo e trampar na internet”;

— E Laura, uma jovem alemã à procura de um emprego, porque quer ficar aqui com o namorado, Cristian, o qual, embora seja na verdade morador de Copacabana, passa o tempo todo sentado no terraço da cobertura do nosso apartamento.

Essa é minha turma aqui no Rio. Eles e Watson. Todos querem alguma coisa: pegar uma cor, ficar rico, ir à praia. Eu não quero ir à praia. Só quero João.

A razão nº 2 para minha busca diz assim:

É amor o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá uma canção
Quem ouvir o ho-ba-la-lá
Terá feliz o coração
O amor encontrará
Ouvindo esta canção
Alguém compreenderá
Seu coração
Vem ouvir o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá
Essa canção

Exatamente, é isso aí.

* A Modern Sound encerrou suas atividades no final de 2010. (N. E.)

Ho-ba-la-lá

Um japonês me transmitiu o vírus. Toshimitsu Aono.

Foi há quinze anos. Eu tinha viajado a Tóquio com um amigo, na tentativa de esquecer alguém. Não deu certo: a estranheza de Tóquio me fazia pensar nela ainda mais.

Em algum momento, topei com Toshimitsu. À época, ele editava uma daquelas revistas então consideradas modernas, cheias de tênis e fotos pornô de Terry Richardson. Uma noite, tomando uma cerveja na casa dele, no bairro de Harajuku, me chamou a atenção uma pequena instalação que ele havia montado em cima da estante de livros, cds e discos. Era uma espécie de relicário, composto de alguns recortes de jornal, compactos de vinil envoltos em papel branco, duas ou três fotos, o famoso gato japonês a acenar e uma vela.

No centro desse relicário erguia-se um lp . Na capa, um homem jovem, de aspecto meio rabugento, cabelos pretos um pouco crespos, pulôver branco e o queixo apoiado na mão direita, de forma a ocultar metade da boca.

Seu olhar expressa distância, como se dissesse: “Vocês não me entendem, eu não sou como vocês”.

O homem era João Gilberto, na capa de seu primeiro álbum, *Chega de saudade* , lançado em fevereiro de 1959. O ponto de partida oficial da Bossa Nova.

— Você conhece? — Toshimitsu perguntou.

— É o cara que toca “Garota de Ipanema” com o Stan Getz, não é? E a mulher dele, Astrud, é quem canta.

— Isso mesmo — confirmou Toshimitsu. — Mas esse é só um pedacinho da história, o pedaço que todo o mundo conhece. Na verdade, esse homem é um dos maiores artistas de todos os tempos. Vou mostrar para você.

Toshimitsu esticou o braço não na direção da instalação, mas na de uma prateleira ao lado, de onde puxou exatamente o mesmo lp . Depois, fiquei sabendo que ele tinha cinco exemplares de *Chega de saudade* , arrematados no eBay por muito dinheiro, porque João havia proibido a emi de lançar em cd tanto *Chega de saudade* como também seus discos seguintes, *O amor, o sorriso e a flor* e *João Gilberto* . E isso porque, na opinião dele, o som não era bom; na opinião dele, o haviam enganado. O fato de hoje esses discos serem difíceis de encontrar é mais ou menos como se *O apanhador no campo de centeio* , de J. D.

Salinger, não fosse mais publicado, e *Franny & Zooey* e *Nove estórias* também não.

Toshimitsu tirou o lp da capa, segurou-o cuidadosamente com as pontas dos dedos, soprou a poeira e colocou-o no toca-discos. Depois, ergueu o braço do aparelho, puxou-o para trás até ouvir o clique, e o prato começou a girar. Toshimitsu levou a agulha até um sulco vazio no meio do disco: lado um, faixa quatro. Seguiu-se um pequeno estalo, e a música começou.

Percussão leve, saltitante. Um ritmo de samba, bem seco, como se tamborilado num balde com as pontas dos dedos, mas, ainda assim, firme. De muito longe vem o som de um violão, só algumas notas.

E, então, uma voz:

Diu, n'diu
bop n'bo (mais agudo)
Diu, n'diu (mais grave)
N'bop n'bo (mais agudo)

A voz, suave e calorosa, canta:

É amor o ho-ba-la-lá

O som do violão se torna mais nítido, avança tateante rumo ao primeiro plano, faz soar dois ou três acordes.

Ho-ba-la-lá uma canção (a voz soa como um sorvete)

Uma flauta aparece como o canto de um pássaro.

Quem ouvir o ho-ba-la-lá

Praticamente do nada, surge um piano, que, chapinhando, assume a sequência de notas, enquanto o violão, divertido, segue flanando.

Terá feliz o coração
O amor encontrará
Ouvindo esta canção
Alguém compreenderá
Seu coração

Sopros se somam, retomando as últimas sílabas, até que todos os instrumentos se juntam, inclusive a voz, que se deita sobre a música, não há como dizê-lo de outra forma.

Vem ouvir o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá
Essa canção

Dois minutos e dezessete segundos depois, fim, acabou-se. Antes que começasse a faixa seguinte, Toshimitsu devolveu o braço do toca-discos à posição de repouso, voltou para a mesa, abriu uma cerveja e remexia sua sopa de macarrão gelada.

Mas claro que não era o fim. A música seguia preenchendo o espaço. Havia se juntado aos objetos, ao ar, a nós. Como as bolhinhas de champanhe de que João falara. Justamente porque tocada e cantada tão baixinho, ela continuava ali.

O vírus havia me contaminado.

O que tínhamos ouvido era a essência de alguma coisa. O resultado final. Como os contos de Hemingway, depois de ele ter cortado todos os adjetivos; como a arquitetura de Mies van der Rohe, deixando de fora tudo quanto era superficial; como o piano de Glenn Gould, quando ele decidiu cantarolar enquanto tocava.

— Às vezes eu acho que ele não é brasileiro coisa nenhuma, mas japonês — Toshimitsu disse. — Por causa dessa sua estética tão reduzida, sucinta, exata, repetindo-se infinitamente. Além disso, canta num ritmo que não bate com o que está tocando. E, ainda assim, tudo se encaixa, como se nascesse daí um instrumento completamente novo.

Pouco depois, prosseguiu:

— Ele só vive à noite. Como alguém constantemente em outro fuso horário. Alguém que só existe num tempo próprio. Sem os outros.

De Toshimitsu, ouvi pela primeira vez a história de João. Ele tinha pesquisado, havia lido o livro do Ruy Castro, mandara traduzir artigos. Sabia um bocado, minúcias, detalhes secundários, conexões indiretas. Assim são os japoneses. Toshimitsu também sabia o nome completo: João Gilberto Prado Pereira de Oliveira. Sabia que João tinha nascido em 10 de junho de 1931, em Juazeiro (à época, uma cidadezinha de 10 mil habitantes), no estado da Bahia; que era filho do bem-sucedido comerciante Juveniano de Oliveira e de sua esposa, dona Patu. Juveniano, filho de camponeses, tinha subido na vida graças ao comércio de tecidos e cereais, e esperava dos filhos o mesmo tipo de ascensão. Cabia-lhes concluir os estudos secundários e seguir uma carreira sensata, de médico, advogado ou comerciante. Assim foi com seis de seus sete filhos, mas não com João. João era esperto, mas desconcentrado, distraído.

— Sua cabeça vivia voando por aí, por regiões onde ninguém conseguia acompanhá-lo — Toshimitsu diz. — E, nessas regiões, a música tocava sem parar. As canções de Orlando Silva, um distinto cavalheiro de bigode cuja voz de tenor era tão bonita que podia fazer cair anjos do céu; mas também as canções de Fred Astaire, Duke Ellington ou dos musicais norte-americanos da década de 1940. Tudo ressoava, tudo cantava nesse jovem João. E, um dia, ele ganhou um violão de presente, com o qual, na companhia de dois ou três amigos, foi para debaixo de um velho tamarindeiro na praça central de sua cidadezinha e ali começou a tocar.

— Como Buda! — exclamei.

— Como Buda, mas com um violão — corrigiu Toshimitsu. — A diferença é que, no começo, deu tudo errado para ele. Quando, aos dezenove anos, João foi para o Rio, a fim de se tornar famoso, nada deu certo. Ele não cumpria nenhum

compromisso, fumava maconha, bebia, pedia dinheiro emprestado e nunca pagava, foi morar de aluguel em casa de amigos, aos quais também não pagou. Era um vagabundo, um perdido, até que a coisa chegou a um ponto que, fracassado, ele foi embora da cidade, saiu em viagem pelo Brasil. No fim da viagem, refugiou-se na casa da irmã. Lá, conta-se, teria passado meses trancado no banheiro, onde cantava e tocava violão, como um paciente num manicômio depois de ganhar um brinquedo complicado.

Só tinha uma coisa que Toshimitsu não sabia. Por que João havia se tornado tão estranho e distante de todos, como o magnata norte-americano Howard Hughes ou o escritor Thomas Pynchon? O que teria acontecido com ele durante aquela viagem pelo Brasil? O que tinha encontrado e, talvez, perdido? Teria vendido a alma ao diabo para poder cantar e tocar como ninguém? Ao preço de, dali em diante, ter de viver num mundo de sombras?

Ouvimos “Ho-ba-la-lá” ainda muitas vezes naquela noite, além de outras canções do lp de João: “Chega de saudade”, “Maria Ninguém”, “Bim bom”, “Brigas nunca mais”. De volta a Berlim, mostrei todas aquelas músicas a meus amigos, e também eles ficaram enfeitiçados: o vírus os contaminara.

— “Ho-ba-la-lá” fala de quê? — perguntei ainda a Toshimitsu.

— Não faço ideia. É uma das poucas músicas compostas pelo próprio João. Fala de beleza? Do amor? Da dor? Só o João é que sabe. Afinal, foi ele quem inventou a palavra.

No fundo, foi por causa de “Ho-ba-la-lá” que vim ao Rio. Quero que João toque a canção para mim.

Primeiras investigações

— Isso não vai dar em nada, Watson.

Estamos sentados num café no Leblon, na esquina da avenida Ataulfo de Paiva com a rua Carlos Góis, a uns cem metros do Rio Flat. No cinema ao lado, as pessoas formam fila para ver *Tropa de elite 2* , o filme que trata das gangues do tráfico de drogas nas favelas, de corrupção policial e de toda a confusão da qual a administração da cidade tenta se livrar o mais rápido possível, antes das Olimpíadas e da Copa do Mundo, enviando às favelas tropas com blindados do Bope, fortemente armadas.

— Isto aqui logo vai virar uma guerra — diz Watson.

— Não era disso que eu estava falando.

— Eu sei. Mas é que não é fácil mesmo. Não se esqueça de que João é um mestre do sumiço.

— Precisamos de informantes melhores, Watson. Numa situação como esta, a única coisa que pode ajudar são informantes. Informantes e testemunhas que se possam interrogar. Testemunhas de João. Precisamos ver todas essas pessoas, para que a gente vá se aproximando dele em círculos.

Havia sido mais ou menos assim que eu começara minha busca, ainda em Berlim. Tinha escrito para Jorge Cravo, o Cravinho, ex-amigo íntimo de João, e ele me respondera numa cartinha breve, que só fizera levantar mais perguntas. E, assim que cheguei ao Rio, fui à rua Vinicius de Moraes, a qual, antes da morte do célebre poeta e diplomata (sediado em Los Angeles, Paris, Montevidéu) que lhe deu nome, se chamava rua Montenegro. Nela situa-se a pequena loja de discos Toca do Vinicius, de propriedade de Carlos Alberto Afonso, um ex-professor de literatura de barba e cabelos grisalhos.

A loja do Carlos é como uma máquina do tempo que nos leva de volta ao Brasil do final da década de 1950, início da de 60. Até hoje, é o país que a maioria das pessoas tem na cabeça quando pensa no Brasil — um país de gente bonita, bela música e de belas e novas ideias.

Carlos, o maquinista do tempo, me falou com saudade daqueles anos, do despertar de um país, que até aquele momento se arrastava, sob o governo do presidente Juscelino Kubitschek, que queria trazer progresso e bem-estar, moldados arquitetonicamente nas construções curvilíneas de Oscar Niemeyer para a nova capital, Brasília. E me contou também a velha história, a bela

história da Bossa Nova: o encontro, no Rio, de Vinicius de Moraes com Antonio Carlos Jobim, o Tom, em 1956. O repórter e *bon-vivant* Ronaldo Bôscoli, que mais tarde trabalharia em estreita parceria com os músicos Carlos Lyra e Roberto Menescal, os havia apresentado.

À época, Vinicius era um poeta conhecido; Jobim, ex-estudante de arquitetura, um músico jovem e promissor que, de início sob a influência de compositores como Heitor Villa-Lobos, Claude Debussy e George Gershwin, agora encontrava seu próprio estilo. Ambos gostavam de beber, gostavam de mulheres e do sofrimento que elas causavam. Impossível imaginar dois artistas mais antiquados. Ou mais charmosos.

— Estou trabalhando numa opereta que trata da morte e de um amor condenado e se passa no Rio. Chama-se *Orfeu da Conceição* — disse Vinicius, grande bebedor de uísque, no bar Villarino, no centro do Rio de Janeiro. — Mas preciso da música para o libreto.

— Parece interessante, mas tem um dinheirinho nisso aí? — perguntou Jobim, que bebia de tudo.

Silêncio no recinto. O músico iniciante quer dinheiro do grande poeta!

De acordo com o livro de Ruy Castro, assim transcorreu a primeira conversa entre os dois. Dali em diante, começaram a fazer música juntos, incontáveis canções: “Chega de saudade”, “Insensatez”, “A felicidade”, “Brigas nunca mais”, “O nosso amor”, “Eu sei que vou te amar” — e, em algum momento de 1962, a mais famosa delas, ao ver passar por eles uma bela garota, Helô Pinheiro, a caminho de um maço de cigarros: “Garota de Ipanema”, uma canção de quarenta compassos e um arranjo complicado, que jamais soa complicada ou cansativa, mas, antes, parece tão simples e fácil como música pop. Jobim gravou-a em Nova York em 1963, com João, Astrud Gilberto e com o sax tenor de Stan Getz. Pouco depois do lançamento, em janeiro de 1964, circulavam já quarenta versões, entre elas as de Sarah Vaughn, Ella Fitzgerald e Nat King Cole. Mais tarde, em 1967, Frank Sinatra gravou-a para o álbum *Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim* , em parceria com o próprio Tom. Hoje, talvez seja a melodia mais conhecida no mundo todo; milhões de pessoas sabem cantarolá-la. “Garota de Ipanema” é tocada em lojas de departamentos, saguões de hotel, perfumarias e cafés — nesse meio-tempo, até com demasiada frequência. Tornou-se uma espécie de peça de mobília universal, um clássico do design, como se de autoria de Charles e Ray Eames, algo que se vê em todo lugar, o que lhe custou parte da elegância.

Ainda assim, cumpre imaginar os dois boêmios, lá no passado, escrevendo a canção. Decidindo-se — embora muito bem-educados, inteligentes e críticos — a expressar sua postura diante da vida e do mundo numa canção de amor. A mola

propulsora da Bossa Nova: o anseio por amor, por redenção, por felicidade, por transcendência, sabendo ser na verdade ingênuo considerar tudo isso possível. Para que as coisas caminhem, o anseio deve cessar; para que as coisas caminhem, ele deve permanecer para sempre — assim pensa o bossa-novista.

É bem assim que se há de ouvir o primeiro *single* de João Gilberto, o manifesto de fundação da Bossa Nova:

Vai, minha tristeza,
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer
Chega de saudade, a realidade
É que sem ela não há paz, não há beleza
É só tristeza, e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai
Mas se ela voltar, se ela voltar
Que coisa linda, que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos que eu darei na sua boca
Dentro dos meus braços os abraços
Hão de ser milhões de abraços apertado assim
Colado assim, calado assim
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio
De viver longe de mim
Não quero mais esse negócio
De você viver assim
Vamos deixar desse negócio
De você viver sem mim

Quando pensamos na boemia, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir são os nomes que em geral nos vêm à mente. Pensamos em um milhão de cigarros, um milhão de cafezinhos no Café de Flore, em pulôveres pretos de gola rolê, em niilismo, existencialismo e socialismo. Que a boemia do Rio jamais tenha se tornado tão conhecida é coisa que se explica pelo fato de sua relação com o mundo expressar-se sobretudo em música e versos, e não tanto em romances ou ensaios filosóficos (ainda que Vinicius de Moraes citasse mitos gregos com frequência). Como em “Desafinado”, escrita por Jobim em parceria com o poeta e pianista Newton Mendonça. A canção trata de um cantor desafinado que se queixa de que os outros riem dele. Essa queixa, porém, é transmitida mediante uma melodia tão ambiciosa que só lhe resta desafinar de novo, e mais do que nunca. Sua situação é absurda, mas o absurdo é engraçado para os bossa-novistas.

Se você disser que eu desafino amor
Saiba que isto em mim provoca imensa dor
Só privilegiados têm ouvido igual ao seu

Eu possuo apenas o que Deus me deu
Se você insiste em classificar
Meu comportamento de antimusical
Eu, mesmo mentindo, devo argumentar
Que isto é bossa nova
Que isto é muito natural
O que você não sabe nem sequer pressente
É que os desafinados também têm um coração
Fotografei você na minha Rolleiflex
Revelou-se a sua enorme ingratidão
Só não poderá falar assim do meu amor
Ele é o maior que você pode encontrar, viu?
Você com a sua música esqueceu o principal
Que no peito dos desafinados
No fundo do peito bate calado
Que no peito dos desafinados
Também bate um coração

Esse "desafinado", afirma Carlos, era João Gilberto.

— Um rapaz que tinha vindo da Bahia para o Rio, que quase ninguém conhecia e que, aos ouvidos de muitos brasileiros, de fato desafinava ao cantar. Isso porque não punha volume na voz, mas cantava baixinho, quase sussurrando, com um fraseado diferente e uma voz pequena, nada poderosa, da qual, aliás, não parecia se envergonhar. Sua dissidência é suave, a dissidência de um cavalheiro. Mas, ainda assim, dissidência.

— Contra o quê?

— Quase tudo. Contra o velho. Antes de João, todo sujeito com um violão era tido como vagabundo, e sensibilidade masculina era coisa de veado; antes dele, não havia propriamente um movimento da juventude, uma boemia brasileira que se definisse por sua postura musical.

— Ele tinha consciência disso?

— Duvido. Acho que ele seguiu seu instinto, acima de tudo. O que não muda nada o fato de que ele foi a figura decisiva no surgimento da nova música. Jobim era um compositor altamente inspirado; Vinicius, um grande poeta; e os outros (Roberto Menescal, Carlos Lyra, Edu Lobo, João Donato, Ronaldo Bôscoli), músicos e letristas talentosos. Mas o verdadeiro coração da Bossa Nova é João Gilberto, e só ele.

E essa posição única de João é reforçada ainda pelo fato de muitos daquela época já terem morrido faz muito tempo. Idade avançada, nenhum deles atingiu, de modo geral graças a muito uísque, muito cigarro e muita vida. Jobim morreu de infarto em 1994, em Nova York, aos 67 anos; Vinicius, que se casou oito vezes, morreu em 1980, com 66; Bôscoli, em 1994, no Rio, também aos 66 anos de idade; e Newton Mendonça morreu ainda em 1960, de um segundo infarto,

quando tinha acabado de fazer 33.

Também as grandes cantoras do passado já se foram, todas muito jovens: Sylvia Telles (31, acidente automobilístico), Maysa (quarenta, acidente automobilístico), Elis Regina (36, drogas, álcool e remédios), Nara Leão (49, tumor cerebral). Visitei muitos deles no cemitério São João Batista, o cemitério dos bossa-novistas mortos. Os túmulos de Nara Leão e Vinicius de Moraes foram os mais difíceis de encontrar. O de Nara situa-se no alto das colinas, escondido como uma gaveta em meio a milhares de outras; o de Vinicius não tem número. Um dos empregados do cemitério me perguntou se eu não queria doar um número para o túmulo de Vinicius, por quarenta reais, cerca de vinte euros. Eu pensei um pouco, mas decidi que não era minha função. Se Vinicius não tinha número talvez fosse porque não queria ser um endereço.

— De uma vez por todas, o que significa "Bossa Nova", afinal?

— Pelo mundo afora, na Alemanha, nos Estados Unidos, por toda a Europa, na Ásia, significa "nova onda", um novo estilo, como a *nouvelle vague* , que, na França, marcou o renascimento do cinema. Mas para nós, brasileiros, "bossa" tem outro significado. Quando você diz que alguém tem "bossa", quer dizer que essa pessoa tem um jeito próprio de fazer as coisas. Tem suingue, personalidade.

— Quer dizer que é *cool* ?

— Não, nunca teve a ver com isso. Tinha a ver com verdade, com poesia, com vulnerabilidade e modernidade, ou seja, com ser uma pessoa especial.

Os bossa-novistas tiveram seis anos de liberdade, de 1958 a 1964, quando Juscelino Kubitschek assumiu a presidência da República e deu nova esperança ao país, depois dos anos da ditadura Vargas. Sucederam-no dois presidentes fracos. O último deles, João Goulart, que não escondia sua simpatia por Che Guevara e pelo socialismo, foi derrubado pelos militares, sob o comando do marechal de direita Humberto Castello Branco. O marechal mandou prender oposicionistas, restringiu direitos civis, censurou artistas e jornalistas. Eleições livres e diretas para presidente da República só voltariam a acontecer em 1989.

— Carlos, por que você admira tanto João?

— Porque ele é o arquétipo do grande artista. O último magnata da música do nosso tempo. Nem agradável nem fácil de tratar. Nunca se deixou corromper, nem por dinheiro, nem pela indústria fonográfica ou pelo público. Nunca aceitou nada que não quisesse; nunca se apresentou onde não queria; nunca conversou com quem não quisesse conversar. Porque ele sabe que a grande arte é dádiva e dever ao mesmo tempo. E porque não quis pôr em perigo a fórmula: sabe que ela é muito delicada.

— A fórmula?

— É, a fórmula — Carlos repete. — João encontrou uma receita, uma equação

de canto e violão, respiração e harmonia, a partir da qual é capaz de transformar tudo que canta em Bossa Nova. Ou seja, numa canção que flutua, cintila e rebrilha de um modo muito particular, tanto faz se de autoria de um compositor brasileiro, como Dorival Caymmi ou Ary Barroso, se de contemporâneos seus, como Jobim, Menescal e Carlos Lyra, ou ainda se de George Gershwin ("S' wonderful"), Cole Porter ("You do something to me") ou Charles Trenet ("Que reste-t-il de nos amours"). É por isso que ele próprio nunca precisou escrever muitas canções, a não ser por "Ho-ba-la-lá", "Bim bom" e um punhado de outras. João é capaz de transformar em *sua* qualquer canção, mesmo as dos outros; e não como *cover* , como cópia, e sim como um novo *original* .

O que ele toca é dele.

Mas como é que um jovem rapaz acha seu estilo, como encontra sua própria voz em meio a todas as outras que o circundam constantemente? E como é que essa voz se transforma, então, na voz de todo um país? Como fez para descobrir quem *ele* era?

Há uma lacuna na biografia de João. Trata-se da época em que ele viajou pelo Brasil, aquela que o levou, em primeiro lugar, a Porto Alegre; depois, até Diamantina, Juazeiro e, por um breve período, a Salvador. Isso antes de ele voltar ao Rio, em 1958, já de posse de sua fórmula.

— Você já viu ele pessoalmente, Carlos? Ele já esteve aqui na loja, você já conversou com João?

— Infelizmente não. Ele deve saber que eu existo, mas só cheguei perto dele duas vezes na vida. A primeira, num concerto em Paris, em que me sentei na primeira fila. A segunda...

Carlos foi até a porta do estabelecimento, girou a chave, pendurou uma placa de "Fechado" na vitrine e, por uma escada estreita, me conduziu até o piso de cima da loja. Ali, num cômodo forrado de caixas, discos, fitas, livros e documentos, e depois de revirar um fichário, ele ergueu a página de abertura do suplemento cultural de uma velha edição do *Figaro* .

— Aqui está — disse, com um sorrisinho tristonho, e me mostrou a foto de João, sentado num banquinho, tocando violão.

Logo abaixo, uma pequena foto mostrava Carlos e um jornalista francês, a quem ele explicara a arte de João e dera algumas dicas sobre discos.

— O que é isto aqui, este cômodo? Um museu? Um templo?

— É o quarto da história da Bossa Nova — respondeu.

Depois de Carlos, encontrei-me com outras pessoas que, assim esperava, poderiam me ajudar. Passeei a pé com Cesar G. Villela, o agora octogenário e quase depauperado artista gráfico que, com suas ilustrações reduzidas nas capas dos discos, inventou a linguagem gráfica da Bossa Nova. Visitei o pesquisador

musical Ricardo Cravo Albin, que me contou ter tido febre uma única vez na vida: depois de ter sido contaminado por João Gilberto num voo de Nova York para o Rio. E me encontrei com o letrista e compositor Carlos Lyra, que tentou politizar a Bossa Nova, levá-la da classe média para os pobres e, mais tarde, frustrado com o fracasso de sua tentativa, se mudou para Los Angeles, onde, junto com John Lennon, se submeteu à terapia do grito primal. Num restaurante que servia guisados, Lyra me disse que, sim, admirava João como artista, mas não gostava muito dele como pessoa, embora João Gilberto tivesse gravado muitas de suas canções. Lyra achava que, com sua maneira de tornar suas as canções dos outros, João roubava outros músicos. Julgava-o um tanto desrespeitoso.

Cada um desses encontros me entusiasmava e enriquecia. Sobre o próprio João, porém, nenhum deles me disse nada de novo.

— Precisamos de gente que conviva ou tenha convivido mais de perto com ele — digo a Watson, que está no quinto cafezinho. — Precisamos de toda a maldita turma da Bossa Nova. De cada testemunha que pudermos encontrar!

— Está bem — ela diz. — Então vamos encontrar todo mundo e ouvir as histórias de todos eles. E o primeiro, eu já arrumei para você. Telefonei para ele. Seu nome é Garrincha.

— Como o jogador de futebol?

— Não, como o cozinheiro.

— Ahn?

— É o ex-cozinheiro do Plataforma, o restaurante onde João pediu comida durante anos, sempre falando diretamente com ele. Se você conhece o estômago de um homem, fica conhecendo um pouco do homem também, não é verdade?

— Verdade verdadeira! — exclamo eu em resposta.

Corro para a rua e paro um táxi. Erguendo meu guarda-chuva, é claro, como convém a um grande detetive.

Steak à João

Chovia pesado e o vento assoviava quando nos encontramos defronte ao restaurante Couve-Flor, no Jardim Botânico. Garrincha já estava à espera na entrada, também ele de guarda-chuva. Era um homem baixinho e grisalho, muito sorridente e simpático, vestindo um terno cinza e uma gravata com listras diagonais. Trabalhava no Couve-Flor, e já à primeira vista fica-se sabendo por que Garrincha se chama Garrincha. É que ele é a cara de uma lenda do futebol brasileiro, o Garrincha, que foi campeão do mundo em 1958 e 1962 com a Seleção, e que em seu clube, o Botafogo, marcou 232 gols. Tom Jobim e Vinicius de Moraes puseram o apelido de Garrincha no Garrincha do Couve-Flor; também eles amavam sua cozinha — Tom, o peixe; Vinicius, a carne.

— Boa noite, Garrincha!

— Boa noite, meus caros!

Garrincha nos conduz pelo restaurante. A casa é de tamanho médio, clara, luminosa. Nós nos sentamos. Garrincha sorri. Não para de sorrir, pelo rosto todo, de orelha a orelha.

Começo de imediato com meu interrogatório:

— Garrincha, por quanto tempo você foi o cozinheiro preferido de João?

— Pouco mais de cinco anos, mais ou menos.

— E o que fazia para ele?

— *Steak* no sal grosso.

— O que tem de especial nesse *steak* ?

— É um filé-mignon com uma fina crosta de sal grosso que, antes do preparo propriamente dito, é marinado por um bom tempo numa mistura de ervas cuja receita não conto a ninguém. Acompanham arroz e farofa. Farofa é farinha de mandioca tostada na frigideira com manteiga, uma especialidade brasileira.

— Como foi que João encontrou você?

— Um amigo dele, Moraes Moreira, o músico, e a ex-mulher de João, Miúcha, iam sempre comer no Plataforma, onde eu cuidava dos grelhados. Foram eles que me recomendaram ao João, que, uma noite, me ligou.

— E como era quando João ligava?

— Sempre a mesma coisa. Onze da noite, no Plataforma, o telefone tocava, e João dizia: “Boa noite, Garrincha”. E eu: “Boa noite, João”. Ele: “Como vai, Garrincha?”. “Tudo bem, João.” “E como vai sua esposa, Garrincha?” “Bem

também, João.” “E as crianças, como estão?” “Todas bem, João.” “Adriana sarou?” “Sarou, sim. A gripe já passou.” “O que tem hoje no cardápio, Garrincha?” “Acabamos de receber peixe fresco, João. Um bacalhau maravilhoso, servido com legumes e arroz. É muito bom, acabei de experimentar, comi ainda agorinha.” “E o que mais tem, Garrincha?” “O de sempre, João: picanha, churrasco, costelinha, lombo de porco, costeleta de cordeiro, atum, perca, lagosta, peixe-espada.” “O peixe-espada está bom, Garrincha?” “Está excelente, João. Vou mandar grelhar e temperar com uma nova mistura que acabei de inventar. Você vai adorar.” “Vou querer o *steak* , Garrincha.” “Está bem, João.” Então, entre meia-noite e uma da manhã, o mesmo entregador levava quase sempre o mesmo prato para ele. Deixava o pedido no chão, diante da porta. E, no dia seguinte, a cena toda se repetia.

— Quanto tempo durava a conversa ao telefone?

— Uns quarenta minutos.

— E assim foi durante cinco anos?

— Assim foi durante cinco anos.

— Você nunca viu João pessoalmente?

— Não, nunca vi.

— O entregador chegou a ver ele?

— Só uma sombra, ou a mão que surgia de detrás da porta para, rapidinho, estender o dinheiro. Às vezes, ele já deixava um envelope com o dinheiro no chão.

— Mas isso é piração, Garrincha.

— Isso é João Gilberto, meu senhor.

— O *steak* era malpassado, bem passado ou ao ponto?

— Ao ponto.

— E ele pedia bebida também?

— Nunca.

— O que é que João não come?

— Ele só come grelhados.

— Depois de todas essas horas que você passou com João ao telefone, como você descreveria ele?

— Um homem suave, amoroso, interessado. O melhor amigo virtual que já tive.

— Quando foi a última vez que falou com ele?

— Mil novecentos e noventa e nove.

— E, em todos esses anos, você nunca pensou em convidar João para tomar uma cervejinha aqui no restaurante?

— Não, nunca. Ia botar tudo a perder.

— Como assim?

— Uma velha lei da gastronomia. É ótimo quando o cliente vê a gente como amigo, mas daí a incomodar o freguês com nossos desejos, nem pensar.

— E hoje, onde mora o João?

— Ouvi dizer que se mudou para perto da avenida Bartolomeu Mitre, no Leblon. É tudo que eu sei.

Watson anota: avenida Bartolomeu Mitre.

— É verdade que ele nunca sai do apartamento?

— Praticamente. Parece que às vezes, quando está de muito bom humor, ele pega o carro, que em geral fica sempre guardado na garagem, e pede ao motorista, logo cedinho, para ir até a Vista Chinesa. É um mirante perto do Corcovado, de onde se vê toda a baía. Dizem que manda o motorista deixar o carro ligado e que fica ouvindo o barulho do motor como se fosse música.

— Ahã. E, da Bossa Nova, qual sua música preferida, Garrincha?

— "Garota de Ipanema".

— Eu gostaria de experimentar esse *steak* à João Gilberto.

— Mas claro!

Acho a farofa meio seca demais, mas o *steak* é delicioso. Supermacio, e a crosta de sal é tão leve que desmancha na boca. Preço: 59 reais. Muito decente, nada a reclamar. Watson e eu limpamos o prato rapidinho. Tomo uma cerveja, Bohemia, para acompanhar.

O que se aprende sobre um homem quando se come seu prato preferido? Que tipo de conhecimento se adquire? Que ele tem muito bom gosto.

O suicídio

Ontem, enquanto eu e Watson estávamos sentados no café, um homem pulou da janela de um prédio. Entrou na agência bancária em Ipanema, onde trabalhava, subiu ao 11º andar e, lá de cima, se jogou na rua. Em sua mesa, a polícia encontrou uma garrafa vazia de vodca e restos de alguns sanduíches do Burger King.

Era Tim, o americano com quem Sasha, Hannah, Lloyd, Laura e eu dividíamos até então o apartamento. Seu quarto era o menor de todos, do tamanho de uma cama.

Estamos sentados no sofá de couro sintético do terraço.

— Depressão? — eu pergunto.

— Não faço ideia — Laura responde. — Outro dia, a gente saiu e ele parecia bem.

— Falta de grana?

— Ele tinha um bom emprego.

— Problema amoroso?

— Tinha uma namorada.

— Onde ela está agora?

— Sei lá. Eu nem conhecia ela direito.

— O que diz a polícia?

— Não muito. Só passou por aqui ontem à noite, com uma sacola de plástico contendo as coisas dele, e fez algumas perguntas.

— A família já sabe?

Encolher de ombros.

— Lloyd, o que você acha?

Ele está navegando na internet.

— Estou pouco me lixando. Mal conhecia ele.

Silêncio no terraço. No prédio defronte, alguém está tocando “Garota de Ipanema” no saxofone, muito mal. A canção estrebucha.

Como é essa história de só viver à noite? A pessoa tem o mundo só para si, acende as próprias luzes, e todas as outras desaparecem. Decide por si só quem quer e quem não quer ver. Que tipo de estado é esse? Depressão eterna? Ou paz eterna?

— O que vocês vão fazer mais tarde? — Laura pergunta.

— Pintar o bar de branco — Sasha responde.
— Vou fazer compras — informa Hannah.
— Bater uma bolinha na praia — diz Cristian.
— Festa da Diesel — Lloyd diz.

Eu vou para o meu quarto. Quero ver se os outros brasileiros já responderam a meus e-mails. O compositor Marcos Valle respondeu.

A história do meu violão

Meu violão tem cem anos.

É um violãozinho robusto, de tamanho menor e cordas de aço. O aspecto é o de um violão comum, do tipo daqueles que sempre aparecem nos quadros de Picasso. O corpo e o braço são de pau-ferro marrom-escuro; o tampo é de um jacarandá quase alaranjado. No tampo, onde em geral se apoia o braço direito, tem um buraquinho, mas ele não atrapalha. O som do violão ainda é bastante bom.

A data exata em que ele foi construído, não sei dizer; sei apenas quando, onde e de quem ele foi comprado. O proprietário anterior me contou a história. Sua avó, Klara Waldstätter, comprou o violão em 1910, na loja Carl Hohn Sohn, em Siegen, na Vestfália, para dar de presente de aniversário ao filho Theo, que faria onze anos. Ao instrumento, Theo tocava cantigas infantis e canções militares, inclusive aquelas ao som das quais os alemães, à época, marchavam rumo à Primeira Guerra Mundial, como “Flieg, Kugel, fliege, du hilfst uns gut im Kriege”. No começo da década de 1920, Theo foi estudar em Berlim. Quando queria um descanso dos livros de medicina, dedilhava sucessos populares, de preferência uma canção do teatro de revista, ou, mais precisamente, de *Es liegt in der Luft* : “Wir haben einen kleinen Stich, wir stehlen wie die Raben, trotzdem wir es ja eigentlich gar nicht nötig haben”.[*] As mulheres gostavam do modo como ele tocava e cantava. Em 1930, Theo se mudou para Hamburgo, onde se casou e teve dois filhos: Leo e Gustav. Convocado na Segunda Guerra Mundial, ele teve de ir à Rússia, como médico militar. Nunca voltou de lá. Então, em meados da década de 1960, Gustav, o filho caçula, foi para Bonn. Antes, perguntou a Leo se podia ficar com o violão. Como Leo preferisse jogar futebol, Gustav levou o instrumento consigo, inclusive mais tarde, quando se mudou para Berlim, após a queda do muro. Foi lá que, certa tarde, ele topou comigo numa loja de instrumentos usados em Kreuzberg, para a qual, já aposentado, queria vender o violão. Não sei bem por que razão, tendo achado aquele instrumento muito simpático, arrebatei-o da loja debaixo do nariz do dono, e convidei Gustav a ir tomar uma aguardente comigo.

O som do violão continua muito bom. Às vezes, é meio difícil de afinar. Nele, sei tocar exatas três músicas: “Blue Moon” (de Richard Rogers e Lorenz Hart), “Moon River” (de Johnny Mercer e Henry Mancini) e “Moon Shadow” (de Cat

Stevens).

Está bem, estou me subestimando um pouco. Também toco “The kkk took my baby” e “Blitzkrieg bop”, dos Ramones. Mas me saio melhor nas canções que falam da lua. Por quê, não sei. Seja como for, estava claro para mim desde o início que o violão precisava me acompanhar naquela busca, na procura por João. Queria que João tocasse alguma coisa nele, de preferência “Ho-ba-la-lá”.

Sim, porque o sol dele é a lua.

[*] “Voe, bala, voe, você nos presta bom auxílio na guerra” é o título traduzido da primeira canção. *Está no ar* , espetáculo de 1928, tinha Marlene Dietrich no elenco e, no trecho citado, diz: “Roubamos como os corvos, embora nem precisemos disso”. (N. T.)

Marcos Valle parece mesmo bem mais novo do que é

— Afinal, por que você se interessa por música brasileira? — Marcos Valle me pergunta.

— Por causa dos malditos nazistas — respondo. — Porque eles expulsaram, proibiram ou mataram os artistas, músicos e compositores alemães que poderiam ter dado em alguma coisa. E, por causa disso, desde os anos 20, nenhuma música pôde brotar que favorecesse, de alguma maneira agradável, o país deles. Hitler acabou com tudo.

Estamos sentados à beira da piscina da casa dele, no Recreio dos Bandeirantes, Zona Oeste do Rio. O sol acaba de se pôr, e os gatos de Marcos Valle vagam ao redor. O compositor de uma das canções mais tocadas no mundo todo — "Samba de verão", seu maior sucesso — é um hippie tranquilo com cabelos loiros de surfista. Está no quarto casamento e tem três filhos. Supostamente, teria 67 anos, mas deve ser mentira, a julgar pela aparência jovial.

— E foi por isso que você trouxe seu violão?

— Foi. Ele é muito desafinado. Precisa ser "brasilificado", para se ver livre dos diabos nazistas. E você, Marcos, vai ter de fazer isso para mim.

— O.k.

Marcos Valle ainda era jovem quando a Bossa Nova surgiu. Tinha dezesseis anos. Jobim o incentivou.

— Que imagem eu devo fazer dos bossa-novistas? Um grupo alegre de boêmios de praia que andavam pelas ruas com seus violões?

— A gente era muito bem-humorado. Era uma época fantástica para o Brasil. Com Juscelino presidente, veio o progresso. "Cinquenta anos em cinco" era o lema dele. Na música, nos libertamos do samba-canção, que tinha melodias muito bonitas, mas imensamente tristes, em que muitas vezes amor era sinônimo de morte. Ficamos mais descontraídos. A natureza era importante — a praia, o mar —, e amar era bom. Eu era surfista; o Roberto Menescal, com quem você também deveria conversar, pescava; e o Carlos Lyra lia uma porção de livros. O Tom e o Vinicius exploravam a noite, bebiam, tinham também algo de sombrio, mas sempre com leveza, isso era importante.

— Era uma espécie de clã?

— Bom, a gente se encontrava uma vez por semana na casa de alguém e ficava tocando música. A ideia era que a música deveria tornar nossa vida e o país um pouco melhores, mas sem ser boba.

— E essa boemia tinha regras, um estilo definido?

— Não. Seja feliz, beba alguma coisa, escreva canções. Era isso. O estilo era uma coisa leve, *à la* Ipanema. Sem essa de uniforme. Calção e gravatinha, se você quisesse. Mas, se a ideia era impressionar, aí você tinha de aparecer com coisa boa: um verso ou uma melodia que ninguém ainda tinha ouvido.

— E o papel das mulheres, foi decisivo?

— Havia sempre supermulheres naqueles nossos encontros, mulheres muito cultas, que procuravam a proximidade dos músicos e dos poetas, que, por sua vez, queriam estar perto das mulheres. Elas fizeram muito pela Bossa Nova. Com seu pensamento e sua postura moderna, deram um impulso e também uma casa à Bossa Nova: o apartamento da cantora Nara Leão, que era onde a gente se encontrava com frequência.

— Por que não existia rock and roll no Brasil?

— A Bossa Nova foi nosso rock and roll.

— E ela alguma vez foi política?

— No começo, não, mas com a implantação do regime militar, aí, sim. Houve uma divisão entre aqueles que queriam mudar o mundo (Carlos Lyra, Edu Lobo, Nara Leão) e aqueles que falavam sobretudo por intermédio da música, principalmente Jobim. Os engajados atacaram os não engajados, ou seja, sua própria origem, seus pais musicais. Deu briga. Jobim foi criticado porque não queria ser socialista.

— E como o regime militar se fazia sentir?

— Sobretudo por meio da censura. Você já não podia dizer o que queria. Por toda parte, nas ruas, nos bares, na praia, havia dedos-duros e policiais. Pessoas foram parar na cadeia. A reação de alguns de nós foi tentar enfiar nas canções textos e jogos de palavras subversivos.

— Ajudou em alguma coisa?

— Bom, não chegou a provocar uma revolta. Uma atuação política muito maior teve a geração seguinte à nossa: Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil. Esses foram presos e, mais tarde, partiram para o exílio. Aí a Bossa Nova deu uma desaparecida. Talvez porque fosse bonita demais, suave demais.

— A Bossa Nova chegou a ser uma espécie de fuga do mundo?

— Quando o mundo era bom, ela foi na verdade uma acolhida do mundo. Mas, conforme ele foi piorando, aí talvez tenha havido um elemento de fuga. Como em todo movimento desse tipo.

— João Gilberto morou em Nova York durante a maior parte da ditadura

militar.

— Com o João, eu tenho uma história engraçada. Nunca estive com ele pessoalmente, mas uma vez, doze anos atrás, nos falamos por telefone. Ele adora telefonar; dizem que tem vários celulares. Foi durante um almoço. Almir, um conhecido de João, estava lá. O telefone do Almir tocou. Era João. "Como vai, Almir?" Almir: "Bem, estou aqui, almoçando". João: "Quem está com você?". Almir: "O Marcos Valle". João: "*Marcos Valle? Deix'eu falar com ele* ". Eu: "Oi, João". João: "*Marcos, eu adoro você, você nem sabe quanto eu adoro você, sua música, você escreveu tantas canções bacanas, preciso cantar essas canções para você. Posso?* ". Eu: "Mas é claro, João". Pois bem, ele começou a cantar minhas canções para mim, ao telefone, cantou por quinze minutos. Então eu disse: "Obrigado, João. Eu fico comovido. Faz tanto tempo que espero por uma oportunidade para poder conversar com você, é um momento de imensa felicidade para mim. Vou escrever uma canção para você". João: "*Não, Marcos, não precisa, não. Você já escreveu tanta coisa boa, eu vou gravar suas músicas. Todas elas, logo, logo* ".

— E?

— Nunca mais deu notícia.

Marcos ri, e se chacoalha de tanto rir.

— João é feliz? É possível isso, ser feliz assim, tão sozinho?

Marcos dá de ombros.

— Eu acho que sim. Está bem instalado nessa sua solidão. Conheço até uma mulher com quem ele teve alguma coisa. Conheceu ela por telefone também, acho. Ele vê televisão, lutas de boxe e futebol, toca violão. Ouvi dizer que às vezes passeia em segredo pelo Rio, de carro, à noite. Felicidade é uma coisa engraçada, Marc. São só momentos, e cada um vê esses momentos de um jeito diferente. É bem capaz que, à sua maneira, João seja até mais feliz que eu.

— A mulher com quem ele teve alguma coisa, quem é?

— Posso tentar conseguir o telefone dela, se você quiser.

— Quero, sim. E quem mais tem contato com ele?

— Tinha um sujeito chamado Krikor Tcherkesian. Ele trabalhou para João, nas mais diversas funções. Não sei que fim levou.

— Parece nome inventado.

— Muito do que tem a ver com João parece inventado.

Um dos gatos de Marcos, o cinza, vê a própria imagem no azul-claro da piscina e lambe a pata dianteira direita.

João também sempre amou gatos. Um deles, Gato, que viveu com Astrud e com ele em Nova York, ficou famoso. Um dia, João estava no estúdio, Astrud ligou para dizer que Gato tinha caído da janela do apartamento. João pegou um

táxi correndo, seguiu para o local do acidente e pegou Gato no colo com todo o carinho. Mas o animal morreu antes de chegar ao veterinário. Mais tarde, as pessoas começaram a dizer que Gato cometera suicídio por não aguentar mais ouvir João ensaiando a canção “O pato”, sem parar. De fato, João grasna um bocado na música e, claro, odeia essa história. Seja como for, deve ter culpado Astrud por ela ter deixado a janela aberta. Quando Astrud foi visitá-lo durante uma turnê pela Itália em 1963, ela simplesmente desceu do carro a caminho de Viareggio — local do show seguinte —, e, para espanto dos colegas, João chegou acompanhado não de Astrud, e sim de um gato de rua romano que batizara de Romainha. Mais tarde, o produtor Massimo Berdini observou João, diante de um restaurante, conversando durante horas com outro gato de rua. João explicou ao produtor que o animalzinho prestara muita atenção e compreendera o essencial.

Nakata, a personagem principal de *Kafka na praia* , romance de Hakuri Murakami, também sabe conversar com os gatos. Depois de um acidente e de três semanas em coma, aprende a língua deles. Desde então, sente-se mais próximo dos gatos que dos seres humanos.

Muita coisa em João lembra os livros de Murakami: a esquisitice, a solidão e a sensibilidade para o mundo das coisas invisíveis.

— Será que a questão é que João não pode ter as duas coisas ao mesmo tempo, isto é, os seres humanos *e* a música? E, por isso, teve de fazer uma escolha?

— João Donato, o pianista, há muito tempo o melhor amigo dele, explica a coisa da seguinte maneira: João Gilberto busca a perfeição. Perfeição *absoluta* . Ele maltratava Astrud, sua ex-mulher, que gravou “Garota de Ipanema”, mandando ela volta e meia para o banheiro, para que ela cantasse uma certa canção, um verso ou uma determinada nota. Isso por horas, dias. Num certo momento, ela não aguentou mais.

— Por que o banheiro?

— Porque a acústica dos ladrilhos não perdoa. Ela reflete o som, você é capaz de ouvir cada nota. Pode analisar cada uma delas como se fosse num aparelho de raio X. Eu mesmo já fiz isso algumas vezes. Mas o que eu quero dizer é que, *quando você quer uma coisa específica, que só você sabe o que é, aí precisa estar sozinho. Sem ninguém* . Tocar o mesmo acorde, cantar o mesmo verso diversas vezes, ficar peregrinando sem cessar pela própria cabeça. Esse é o preço.

— Mas ele tem o que quer, não tem?

— O verdadeiro perfeccionista nunca tem. Além disso, a voz dele vai mudando com a idade. Fica cada vez mais difícil. Mas ele segue querendo o que

tem na cabeça. Por isso não para nunca.

— Vai se acabando?

— Como todos nós. A diferença talvez seja que ele luta mais pesado contra isso.

Marcos Valle pega meu violão, afina as cordas e toca “Samba de verão”, assoviando a melodia. Pela primeira vez desde muito tempo, o violãozinho soa bem.

Os dois Joões

São três horas da tarde, e o pianista João Donato está no escritório de sua casa, no bairro da Urca (onde fica o Pão de Açúcar). Fuma um cigarro e veste uma enorme camiseta alaranjada e uma calça de pijama adornada com cenouras engraçadas. Acaba de acordar.

— Você é o último brasileiro que ainda fuma, não é?

— Sou, e provavelmente o último que ainda está vivo também. Quer um café?

João Donato, 76 anos, é o outrora melhor amigo de João de que Marcos Valle me falara. Acaba de ganhar dois prêmios Grammy: um pelo cd *Sambolero* , outro pelo conjunto da obra. Ambos mais do que justos.

Ele põe para tocar seu cd com ruídos da floresta, arrasta os pés na direção do sofá, senta-se numa espécie de cadeira do papai, que de pronto deita, e só se levanta dali para bebericar o café, a fim de não emporcalhar ainda mais a camiseta. Depois, fecha os olhos.

Os dois Joões se conheceram em meados da década de 1950. O Gilberto tinha acabado de chegar ao Rio, um novato cheio de grandes sonhos; o Donato já era mais conhecido, quase uma lenda nos bares e nas casas dos músicos. Um gênio que escrevera sua primeira valsa aos sete anos de idade e que inventara uma maneira inteiramente nova de tocar piano: sincopada, fazendo uso de nuances e intervalos. Um estilo saltitante, que confundia muitos ouvintes. Diz-se que o primeiro encontro dos dois transcorreu como o encontro de duas almas gêmeas. “João em dobro” é como eram chamados, quando apareciam juntos em algum lugar, e eles volta e meia apareciam juntos em algum lugar. Tocavam juntos, fumavam maconha juntos, excursionavam juntos e, juntos, escreveram duas canções (“Minha saudade” e “Mambinho”, 1958). Donato é tido como, no mínimo, tão louco quanto João, ainda que mais sociável.

— Senhor Donato...

— João — diz ele, ainda de olhos fechados.

— João, consta que você e João Gilberto se tornaram grandes amigos assim que se conheceram. Por quê?

Um minuto se passa. Depois, mais um. Então, João Donato abre os olhos.

— Não foi nada de especial. Primeiro, encontrei ele no estúdio, num ensaio de amigos meus. “Daqui a pouco vai chegar um sujeito que é como você”, me disseram. Tinham dito o mesmo a ele. Quando João chegou, nos olhamos. Não

falamos quase nada. Cinco minutos depois, João sorriu e disse: “É mesmo”.

— E que tipo de ligação foi essa?

— Foi tudo junto. Nosso jeito de ser e sentir, tanto na música como na vida em geral. Ele estava sozinho no Rio, tinha acabado de chegar da Bahia. A gente se queixava um bocado quando estava junto.

— Do quê?

— Estávamos, os dois, numa busca, queríamos uma nova música. Eu, no piano e no acordeão; ele, no canto e no violão. Só que ninguém entendia a gente! Ninguém gostava das minhas dissonâncias. João tinha uma voz muito pequena, diziam. Viajamos juntos para Minas Gerais, para uma semana de shows num lugar que era uma aldeia. Terminado o primeiro show, o organizador disse: “Não se preocupem. Vou pagar a semana toda, a estada, as despesas, a viagem, tudo. Mas, por favor, não se apresentem de novo amanhã, nem em nenhum outro dia da semana”. E passamos o resto da semana falando da fama, das mulheres, do champanhe, em suma, de tudo aquilo que, provavelmente, nunca íamos ter.

— Por essa época, vocês fumavam muita maconha, não é?

— Naquela época, todo mundo fumava um bocado. Eu fumo desde os dezesseis. Nunca me fez mal.

— Vocês chamavam “maconha” de quê, naquele tempo?

— Rafa. Era uma forma abreviada de “O Rafael está aí?”, que significava algo como “Tem aí?”.

— Parece que, uma vez, levaram você e João Gilberto para uma instituição psiquiátrica, porque vocês queriam ver os loucos. É verdade essa história?

— É. A gente queria ver como eles eram. Naquele momento, achamos uma boa ideia. Para falar a verdade, era meio perigosa. Podiam ter segurado a gente lá.

— E aí? Como eles eram?

— Eu me esqueci. A gente estava bem fumado.

Os dois Joões, Donato e Gilberto, estavam à frente de seu tempo. Depois, quando a grande onda da Bossa Nova ganhou impulso, no início da década de 1960, João Donato perdeu o bonde da fama, porque não participou do lendário concerto no Carnegie Hall nova-iorquino que transformou os outros em estrelas internacionais. Donato tinha sido convidado, mas apenas na véspera. Considerou aquilo um descaramento.

— Eu tinha minha vida, tinha uma família. Não dava para me avisar com uma semana de antecedência?

“Bossa Nova no Carnegie Hall” foi o acontecimento que levou a Bossa Nova para fora do Brasil, o momento em que ela se espalhou pelo mundo. O concerto teve lugar em 21 de novembro de 1962, uma noite chuvosa. Lá estavam Tom

Jobim, Roberto Menescal, Carlos Lyra, o *band leader* Sérgio Mendes (famoso por “Mas que nada”), o baterista Milton Banana e uma porção de outros músicos. Além de João Gilberto, é claro, que foi saudado como um guru. E ele quase desistira de se apresentar, porque o vinco da sua calça não estava paralelo à costura lateral.

Foi o ponto de partida de sua carreira internacional, que, dois anos mais tarde, chegaria ao céu com *Getz/Gilberto* , o disco gravado com o saxofonista Stan Getz para o selo Verve. O sucesso se explica também pelo fato de o disco conter “Garota de Ipanema”, que João ensaiara com Astrud.

Mas o concerto no Carnegie Hall marcou também o fim da até então engajadíssima comunidade de bossa-novistas que, no Rio, escrevia canções e fazia música todo santo dia. João e Astrud se mudaram para Nova York e logo se separaram. Sérgio Mendes e Carlos Lyra foram para Los Angeles. Jobim gravou com Sinatra. No Brasil, mandavam os militares. Na prática, o grupo dissolveu-se em um único dia. O movimento para fora fez desaparecer também a energia que os unira. Jazzistas norte-americanos tomaram conta daquele som: Miles Davis, Stan Getz, Charles Byrd, Gerry Mulligan, Herbie Mann, Gil Evans, Sarah Vaughn, Frank Sinatra. Tudo e todos viraram Bossa Nova.

— Que tipo de animal é a Bossa Nova, meu caro Donato?

— Um passarinho.

— Que passarinho?

— Um sabiá. Faz muitos anos, ouvi um sabiá cantando no quintal de um amigo.

Ele assovia uma melodia. “Garota de Ipanema”, é claro. E segue relembrando:

— Estranho, pensei comigo, e perguntei ao caseiro que, naquele momento, estava trabalhando no jardim: “Que passarinho é esse, que canta assim?”. O homem respondeu: “Um sabiá. Ele sempre canta quando os filhotes saem do ninho”. Eu acho que foi daí que ele tirou.

— Quem?

— O Tom. Eu acho que ele estava musicando o canto do sabiá quando compôs “Garota de Ipanema”. É muito fácil transformar o canto dele numa melodia. E o Tom estava sempre no jardim, no meio da natureza.

— Então, uma das mais belas e conhecidas canções deste mundo saiu do canto de um pássaro?

— E por que não?

— Dá para ganhar uma mulher com música?

— Não aquela para quem se dedica a música, eu acho. As musas são frias. Precisam ser, provavelmente. Uma vez, eu tive uma namorada, Leila. Escrevi três músicas para ela: “Leila 1”, “Leila 2” e “Leila 3”. Ela me deixou. A Beatriz

de Dante era gelada também. É assim que vem a inspiração: de todas essas mulheres gélidas que você não consegue conquistar. Aí, você fica melancólico, escreve uma canção, e as pessoas que ouvem a canção ficam melancólicas também e pensam nas mulheres ou nos homens que nunca conseguiram conquistar. É o eterno círculo do anseio, meu amigo.

Donato canta “La vie en rose”.

— Quando foi a última vez que você falou com João Gilberto?

— Faz dez anos. Ele sumiu, parou de falar comigo. Tentei ligar para ele umas duas vezes, mas ele nunca atende.

— Não é uma coisa triste? Vocês são amigos.

— Somos amigos, mas não conversamos.

— Por que ele dorme de dia e passa as noites acordado?

— Não tenho ideia. Também faço a mesma coisa.

— O que aconteceu com ele durante aquela viagem pelo Brasil?

— Não sei. Ele sempre foi estranho. Deve ter encontrado alguma coisa que complementou sua esquisitice.

— Você esteve naquele concerto dele, o dos cinquenta anos da Bossa Nova, no Rio, alguns anos atrás?

— Não. Não gosto muito dos concertos dele. Seis minutos cantando e tocando a mesma coisa, do começo ao fim e de volta para o começo. Com ele, nada muda. Não é como o *Bolero* de Ravel, que também gira sobre si mesmo, mas sempre numa nova direção. Acho meio aborrecido. É o preço da perfeição.

— Você sabe onde ele mora hoje? Eu queria muito deixar um bilhete.

— Não. Vamos fumar um?

— Vamos.

Donato curva-se para a frente, se levanta da poltrona, vai até a estante na parede e puxa com o dedo uma latinha que está atrás de uma fileira de cd s. Depois, abre a lata e retira dali um grosso baseado, estranhamente curvo.

— É haxixe do bom, lá das florestas de Iguaçu. Úmido e grosso. Como alcaçuz. O gosto é o mesmo também.

Ele acende aquela coisa, dá uma tragada, prende a fumaça e me passa o baseado. O gosto é mesmo de alcaçuz, doce, encorpado e bom.

De pé, junto da janela, contemplamos a baía de Guanabara vista da Urca. Barcos a motor, veleiros. Na praia algo miserável, gaivotas bicam restos de comida de uma lata de lixo tombada.

— Você fumou isto aqui com João?

— Fumei.

— Ele ainda fuma?

— Com certeza.

Imagens de João e João me vêm à cabeça, os dois em Copacabana. Complementando-se e desafiando-se nas boates da rua Duvivier. Velhas notas juntando-se em novas. Os dois suados, depois do concerto, bebendo cerveja lá fora, falando alto, felizes por terem se encontrado. À direita e à esquerda, as garrafas espatifam-se na calçada, garrafas arremessadas pelos moradores, quando acham que já é muito tarde para toda aquela barulheira, o que explica por que a rua Duvivier também é chamada de Beco das Garrafas. João em dobro ri em dobro, e aquela risada é, também ela, um pouco como música.

O que é preciso para que uma amizade dure para sempre? Que ela não seja tão estreita? Que seja especialmente estreita? São necessários dois egos fortes, ou um mais fraco e outro mais forte? Será um trato, um contrato, uma espécie de amor capaz de desaparecer tão rapidamente quanto chegou?

Maldito anseio.

— Tudo bem com você? — Donato me pergunta.

Não sei bem.

— Que fim levou Astrud? Por que ela se esconde lá nos Estados Unidos, vivendo uma vida praticamente anônima?

— Ela nunca gostou de verdade de ser cantora, acho. Toda vez que ia se apresentar, ela dizia: “Ah, meu Deus, é tanta gente. Tem gente *demais* aí”. E eu sempre respondia: “Como é que pode ser demais, Astrud? Afinal, toda cantora quer ser ouvida”.

Na linha do horizonte, um avião vem da direção do Pão de Açúcar.

— Uma loucura essa coisa de os aviões poderem voar, não é? — Donato comenta.

— Por que os homens inventaram a luz, se a gente já tem o sol? — O outro João perguntara, muitos anos antes, ao gerente de uma rede de lojas de disco.

Frases como essas, os dois Joões deviam dizer um ao outro o tempo todo naquela época.

A título de despedida, Donato põe outro baseado na minha mão. Eu guardo o presente no meu maço de cigarros.

Schilly, schilly, bang, bang

Avanço pelas ruas, sobre as ruas, túnel adentro, dentro do túnel, no escuro, em meio ao barulho, às buzinas, ao fedor, ao tráfico em sentido contrário, saio do túnel, cuspido para a luz, para o crepúsculo em Copacabana.

Terminado o encontro com João Donato, pensei em pegar um táxi, mas acabei me decidindo pela caminhada a pé, por certo em consonância com a fumaça sagrada do santo baseado de alcaçuz.

E assim foi que andei não sei quanto tempo, até chegar a Copacabana, o bairro da calçada ondeante à beira da praia que se tornou sinônimo do Rio — que nada, do Brasil inteiro.

Era ali que tudo tinha acontecido, lá nos anos 50. No Copacabana Palace, onde Sinatra brigava com Ava Gardner; no Hotel Plaza, em cujo bar Jobim, Vinicius e os outros fizeram suas primeiras apresentações; no beco das garrafas que se espatifavam; nas casas das mulheres bonitas e inteligentes.

Tudo soa glamoroso e belo, lembrando paletós brancos e traje a rigor, mas a verdade é que Copacabana nunca foi tão limpa como hoje é descrita em toda parte. Hoje, como naquela época, Copacabana é um bairro de vigaristas, prostitutas e de uma alta sociedade decadente. É claro que ali também moram cariocas normais, mas eles tropeçam diariamente em turistas sexuais, drogados e perdidos em geral.

Assim era também em 1951, quando João chegou ao Rio aos dezenove anos de idade, procedente de Juazeiro via Salvador. Lá, mal fizera música; no máximo, escutava duas ou três estações de rádio, desejoso de que elas, um dia, espalhassem seu canto por todo o país.

No Rio lhe tinham prometido trabalho como cantor, no grupo Garotos da Lua. Por um breve período, tudo parecia bem. Os Garotos da Lua adoraram sua voz, o volume e o vibrato que, à época, ainda imitavam o cantor que ele tinha por modelo: Orlando Silva. Por João, o conjunto se livrara de seu velho cantor, fez bons shows, era tocado no rádio. Além disso, um tio de João arrumara para ele um posto de contador. Mas João perdeu os dois empregos. E isso porque não era confiável nem pontual; às vezes, simplesmente desaparecia. Porque a cidade grande não era Juazeiro. E porque João se perdia dentro de si mesmo, queria outra coisa. Só que não tinha a menor ideia do que era.

João e seu violão circularam pelo Rio, sobretudo por Copacabana. Ele se

apaixonou por uma moça chamada Sylvia Telles, que queria ser bailarina, mas virou cantora. Como, porém, o sujeito vindo da Bahia não agradou ao pai dela, eles se separaram. Depois, João se apaixonou pela cantora Mariza, ao lado da qual se apresentou por algum tempo vestido de palhaço, o que o fez odiar a si mesmo. Separaram-se. Gravou, então, um primeiro disco, que foi mal e praticamente desapareceu. Aí, conheceu o cantor Lucio Alves, que se tornou seu ídolo; conheceu João Donato; descobriu a maconha e se apaixonou pela névoa suave de que ela revestia sua percepção. Foi morar de aluguel em casa de conhecidos, porque não tinha dinheiro; em compensação, vivia tendo dores de dente. Outro cantor, Luís Telles, dezesseis anos mais velho que ele, o acolheu como a um filho e cuidava para que João fizesse refeições regulares, tomasse banho e, vez ou outra, dormisse um pouco. Luís lhe fazia cobranças, mas também o incentivava, arranjou-lhe um dentista e deveria se tornar seu amigo mais importante: a ideia dele era mandar João para a casa da irmã, em Diamantina.

Tudo isso, porém, aconteceu mais tarde. João ainda não sabia de nada. Em vez disso, perguntava-se por que, em essência, estava perdido daquele jeito. Como podia amalgamar tudo aquilo numa única forma: o amor, a dor, a música, o êxtase, a busca, a juventude?

Eu poderia perguntar ao ex-juiz, secretário do Interior e subprefeito de Hamburgo, Ronald Barnabas Schill, que está bem a meu lado, de camisa polo e calção, num bar vizinho ao Dolce Vita Club, que, desde o fechamento da discoteca-puteiro Help, se transformou no palácio do sexo no Rio para todos aqueles que, além de “obrigado” e “Ronaldinho”, não sabem uma única palavra de português. Schill está ali com um amigo e observa as meninas, sobretudo as negras.

Parece tímido, excluído, de certa maneira. Em Hamburgo, era chamado de “Juiz Implacável”, porque punia mesmo as menores infrações com o máximo rigor. Depois de, com seu partido de direita, ter dominado por um tempo a política hamburguesa, Schill foi afastado do governo, porque acusou o então prefeito da cidade de ter ligações homossexuais com o secretário de Justiça. Desapareceu no Brasil. Ficou famoso graças a um vídeo surgido na internet, que mostra o ex-juiz cafungando no Rio de Janeiro.

Será que ele tem uma resposta para o dilema de João? Afinal, também é um mestre do sumiço, ainda que, pelo que se pode ver, não tão bom quanto João.

Qual o anseio de João?

Sócrates diz que o anseio é aquilo “que sempre é, sem nascer nem perecer”. Algum outro filósofo afirma que, no anseio, buscamos Deus. Thomas Mann escreve que, “a quem está fora de si, nada repugna mais do que retornar a si

mesmo”. Hegel, por sua vez, diz que o anseio é a consciência infeliz, dividida. O fato é que sempre, sem exceção, o anseio dói.

Meu anseio é uma pessoa em Berlim.

E João também, é claro.

— Muito boa noite, senhor Schill — eu digo, voltando-me para ele.

Mas ele não está mais lá. Nada mau, seu juiz. Continua esperto. Então, o negócio é ligar para Watson.

— Ei, alguma novidade sobre Miúcha?

— Até agora, não, embora eu tenha tentado várias vezes. Vou continuar insistindo. Em compensação, amanhã você tem um encontro com Roberto Menescal. No estúdio dele, no meio de uma lagoa. Também estou atrás de um encontro com a cantora Joyce. Ela passou um tempo com João no México, no começo dos 70. Ah, outra coisa: virei amiga dele no Facebook.

— E aí? É ele mesmo ou não?

— São duas as teorias. A primeira é que se trata do filho de um amigo rico dele, que dispõe de todas as informações que aparecem lá. O que se diz é que o rapaz mantém a página com a ajuda da namorada. A segunda teoria é a de que o sujeito no Facebook é o próprio João.

— Que indícios a gente tem disso?

— A linguagem dele. O modo como se expressa no Facebook. Ele separa as sílabas como às vezes faz quando canta. Escreve coisas como: “O io-gue é um bo-om homem; a-ama a pa-az e a mú-úsica”. Como em “Ho-ba-la-lá”!

— Você está me gozando?

— Não, ele escreve assim mesmo.

— Quem é esse iogue?

— Precisamos descobrir.

— E onde João está morando agora?

— A gente precisa descobrir também.

— E no mais, Watson? Como anda o amor?

— Partindo corações, um do outro.

— Entendo.

O sombrio pressentimento do barqueiro

O grande e velho Roberto Menescal está sentado à sua mesa de trabalho, tocando violão, quando chego à casa dele. Veste uma jaqueta do exército, sua barba é branca e ele parece uma versão simpática de Ernest Hemingway. Menescal faz 73 anos hoje. De presente, eu lhe trouxe um barquinho de madeira no qual se lê "Happy Menescal".

Plim, plim, plim, faz o violão.

De fato, Menescal tem alguma coisinha em comum até mesmo com Hemingway. No passado, assim como o escritor norte-americano, Menescal pescou no Atlântico por muitos anos. Várias vezes por semana, ia para o mar com seu camarada, o letrista Ronaldo Bôscoli, e içava um peixe atrás do outro das águas do oceano: marlins azuis, garoupas, atuns. Hoje em dia, ainda que não pesque mais ("Já não sou um predador"), segue rodeado de água. Para chegar a seu estúdio, no meio de uma lagoa da Barra da Tijuca, é preciso subir num pequeno barco a motor, que deixa a gente num ancoradouro. É como se estivéssemos no meio da selva.

João Gilberto nunca participava daquelas pescarias de outrora. Ele não toma banho de mar, não nada, não veleja. Contudo, nos primórdios da Bossa Nova, Menescal e João eram bons amigos. Conheceram-se quando, uma noite, João apareceu de repente na comemoração das bodas de prata dos pais de Menescal. Uma vez lá, pediu um violão a Roberto, levou-o a outro cômodo da casa e, ali, tocou suas canções para ele — antes de mais nada, "Ho-ba-la-lá", é claro, duas ou três vezes, e cada uma delas de um jeito diferente. Menescal ficou entusiasmado. Os dois saíram da festa e desapareceram por dois dias e duas noites nos bares, boates e apartamentos de Copacabana. Dois infectados que haviam contaminado um ao outro e que contaminaram também todos aqueles que encontraram durante as 48 horas seguintes.

Plim, plim, plim, faz o violão de Menescal, ao som do qual ele sussurra "tacataca, tacataca". Parece o motor de um barco que se recusa a pegar. Menescal toca seu grande sucesso, "O barquinho", uma canção alegre sobre um passeio perigosíssimo, em que os participantes quase morreram afogados, porque, de fato, o barco a motor não queria mais pegar.

Depois, põe de lado o violão e diz:

— Então... Quer dizer que você quer se encontrar com João Gilberto?

— É.

— Pois tome cuidado — avisa Menescal.

— Por quê?

— João é perigoso. Tem alguma coisa de sombrio. Ele muda as pessoas com quem tem contato. Capaz de mudar você também.

— Como assim?

— De repente, é capaz de você se tornar um amaldiçoado para todo o sempre.

Menescal diz aquilo sem sorrir. E continua:

— Há uns dois ou três anos, me ligou um produtor japonês. Um bom sujeito, muito ativo. Feliz no casamento, bem-sucedido, saudável. Queria levar João para dois ou três concertos no Japão. Venerava João, me disse. E me perguntou se eu podia ajudar. Eu não, respondi, mas passei a ele uns contatos antigos que eu ainda tinha. João foi para o Japão. E o público foi à loucura. Afinal, amava João. Num dos concertos, ele foi aplaudido durante 25 minutos, sem parar. Dá para imaginar uma coisa dessas, 25 minutos de aplauso? Bom, e João, sentado ali, apoiou a cabeça nas mãos, passou a mão na testa. "Faça eles pararem", disse ao produtor, "eu não aguento isso." Atazanou a vida do produtor de todas as formas possíveis: a temperatura da sala não era adequada, o violão não afinava, e por aí vai. Se você leva um contrato para ele e diz: "Assine aqui, por favor", ele responde: "Ah, não, não posso fazer isso, não é aí, mas *aqui* que eu tenho de assinar", e assina no verso, em algum lugar, ou num guardanapo ou em lugar nenhum. Tudo é difícil com ele. Ainda assim, os shows no Japão foram um grande sucesso. Quando fiquei sabendo disso, telefonei para o japonês, para dar os parabéns. Tentei duas ou três vezes, mas não consegui falar com ele. Aí, em algum momento, consegui falar com sua mulher, que estava abaladíssima. Logo depois da partida de João, o marido tinha tido um infarto e, assim que teve alta do hospital, se tornou alcoólatra. O sujeito virou um trapo. E continua assim até hoje. É esse tipo de coisa que João consegue fazer.

— Não!

— É, sim. E vou contar outra história a você. Conhece Normando Santos, o cantor?

— Não.

— Era um dos nossos, da turma da Bossa Nova. Bom cantor, um sujeito seguro. Morou na França por um tempo. Um dia, encontrou João, e, pouco tempo depois, mudou completamente de conduta: começou a sussurrar como João, a andar como João. Não era mais ele mesmo. Existem centenas de histórias como essas.

— Como é que João sussurra, e como ele anda?

— Fala sempre com uma vozinha bem fraca, baixinho, uma voz meio sofrida, mas penetrante. Um pouco como Marlon Brando em *O poderoso chefão* . Você precisa se inclinar para entender o que está dizendo. A loucura dele é uma loucura suave, quietinha e, por isso mesmo, a mais perigosa que existe.

Pela primeira vez desde o início de minha busca, sinto medo de fato. Medo de João e do que possa vir a acontecer, caso eu realmente consiga desentocá-lo. A insegurança toma conta de mim, minhas mãos gelam, começam a tremer, e eu as enfio no bolsão da frente do meu poncho de surfista mexicano.

— João é do mal?

— Tem um espírito muito forte, capaz de esmagar os outros. Quando ele entra num lugar, fica tudo em silêncio, como num caixão de defunto. João é um sedutor. Só vive de noite. Não me entenda mal: é um grande artista, grande mesmo, mas é também um...

— Vampiro?

— É.

Meu Deus, como é que eu pude levar tanto tempo para entender? Estava cego? Claro, só pode ter sido isso. O sol dele é a lua. E quem ele toca morre, tanto na arte (como os muitos contemporâneos que não conseguiram superar sua genialidade) como na vida (o produtor japonês em quem ele lançou um infarto). Mesmo Ricardo Cravo Albin ficara duas semanas de cama, depois que João o contaminou!

Listen to them — children of the night. What music they make! [Ouça-os — crianças da noite. Que barulho elas fazem!] No romance de Bram Stoker, é o que o conde Drácula diz a Jonathan Harker quando os lobos uivam.

Menescal me observa e balança um pouco na cadeira junto de sua mesa de trabalho.

— Roberto, de onde vem essa força que ele tem?

— Não sei, Marc.

— Parece que tem um iogue, já ouviu falar nele?

— Não.

— Você parece ser imune a ele. Por quê?

— Eu me afastei na hora certa. Contato mesmo, a última vez que tivemos foi em Nova York, em 1962. Na época do concerto no Carnegie Hall.

— E o que aconteceu em Nova York?

— Olha, eu simplesmente me cansei do tipo. Estávamos circulando por Manhattan, porque João queria comprar um chapéu, um daqueles chapéus típicos, com uma pena do lado. Assim sendo, fomos a uma chapelaria. Uma chapelaria muito boa, com paredes de quatro metros de altura e um gigantesco

sortimento de chapéus, que os vendedores foram trazendo para João, um atrás do outro. E João dizia: “Este é bonito, mas não tem esse modelo num cinza um pouco mais claro?”. E o vendedor: “Sim, podemos fazer”. João: “Não, não, melhor não. Gosto daquele ali em cima, se bem que... a pena deste aqui é muito mais bonita”. “Podemos trocar”, disse o vendedor, “fazemos o chapéu como o senhor preferir.” João: “Não sei... Não, me traga aquele outro ali, o da prateleira”. Passamos quatro horas naquela chapelaria, sem que ele comprasse o tal chapéu. Assim é João. Como uma criança. E nem vou contar a você quantas vezes ele já me telefonou no meio da noite, pedindo que eu levasse um violão para ele, um violão que nunca devolvia ou dava de presente a alguém, como se fosse dele, sem me agradecer, sem nem mesmo abrir a porta para apanhar o instrumento.

— Ele sempre foi assim ou ficou desse jeito?

— É assim desde que conheço ele.

— E onde é que ele mora agora?

— Não sei.

— Qual o melhor caminho para eu chegar até ele?

— Não tem um caminho melhor: são todos ruins.

— Quem é Krikor Tcherkesian?

— Nunca ouvi falar.

— Quem mais é próximo de João, quem tem contato constante com ele?

— Otávio Terceiro.

— Quem é esse?

— Um sujeito misterioso. Amigo, escravo, empresário, serviçal, ou alguma mistura disso tudo. É ator também. Seu nome verdadeiro não é Otávio, e sim Moacir. Eu sei disso porque, muitos anos atrás, frequentamos a mesma escola. E ele também foi meu sócio numa academia de violão que eu tive. Faz décadas que ele é a pessoa mais próxima de João. Quando João liga, ele larga tudo e sai correndo. Também foi contaminado.

— O vampiro e seu aprendiz?

— Exatamente. Se você encontrar ele, aí talvez encontre João também.

— Você tem o telefone?

— Tenho, em algum lugar por aqui.

— Maravilha.

Ainda no barco que me leva de volta do estúdio na selva de Menescal para a rua, chamo o número de Otávio. Caixa postal.

Novidades de Watson

Em nosso terraço na cobertura do Ipanema Penthouse, estou sentado na companhia de Laura, Cristian, Lloyd e de algumas cervejas, quando Watson me liga. O sol acaba de se pôr, e ondas bravas, imprevisíveis, se quebram na praia, abaixo de nós. Volta e meia, alguém morre nelas; da última vez, há duas semanas, foi um inglês.

— Eu sei quem é o tal iogue — anuncia Watson.

— E eu sei que ele é um vampiro — respondo.

— É melhor a gente se encontrar — ela sugere.

Meia hora mais tarde, estamos sentados no restaurante que fica logo depois da esquina e serve peixe. Watson, trajando um vestido vermelho vivo, está de arrasar. Pedimos cerveja e bacalhau grelhado. Rapidinho, eu conto a ela sobre Otávio Terceiro e a história dos vampiros. Em seguida, é a vez dela de me contar as novidades.

— O iogue se chama Paramahansa Yogananda. Nasceu há mais de cem anos em Bengala e, nos anos 20, foi enviado aos Estados Unidos por ordem de seu mentor espiritual, para disseminar os ensinamentos do mestre por lá. Fundou a Self-Realization Fellowship e morreu em 1952, em Los Angeles.

— Puxa, legal, Watson... Encontramos o cadáver de um iogue, e de que isso adianta para nós?

— Adianta um bocado, seu ignorante de ioga! E isso porque esse Yogananda é o iogue que tornou conhecida no mundo todo a arte da kriya ioga. É o iogue que escreveu a famosa *Autobiografia de um iogue* , um clássico do esoterismo.

— E quem disse a você que esse clássico tem tanta importância para João?

— Pesquisa, meu caro. O Facebook dele volta e meia menciona esse livro. E o jornalista Nelson Motta, um bom amigo de João, contou certa vez que João lhe deu o livro de presente, dizendo que era o melhor livro do mundo e que tinha mudado sua vida. João topou com ele no começo da década de 1960, quando morava nos Estados Unidos. Tem muitos centros dessa Self-Realization Fellowship por lá. Muitos artistas famosos praticam os ensinamentos, seja para se realizar na sua arte ou para encontrar paz, sossego, força e sei lá o que mais.

— Então, João fica sentado em casa o dia todo, fazendo ioga, é isso, Watson? Estamos falando de um vampiro praticante da ioga?

— Descubra, Sherlock!

— Tem gente dessa tal Self-Realization no Rio também?

Watson escreve algo num pedaço de papel e me passa.

— A sede é em Laranjeiras, e eles fazem reuniões regulares. Aí estão endereço e telefone.

Mastigo meu bacalhau.

— E quanto à história do Facebook, alguma novidade, Watson, meu chapa?

— Por enquanto, não. Fiz contato com um jornalista que escreveu sobre o assunto, um certo Leonardo Lichote. Ele acha que é o que eu já disse: conhecidos de João, que, em nome dele, postam lá umas besteiras. Bloquearam o acesso desse Lichote, quando ele escreveu sobre isso em *O Globo* .

— Hmmm — resmungo. — E a Miúcha?

— Não dá sinal. Mas isso não é tudo — Watson acrescenta.

— Não? Que mais tem?

— João tem filho, ou melhor, uma filha.

— Isso eu sei, Watson. Bebel Gilberto, lá em Nova York. Já tentei contato com ela, mas ela não fala. Que raio de novidade atrasada é essa que você me traz?

— São novidades muito interessantes, meu amigo. João tem uma filha *aqui* , no Rio. Ela veio ao mundo há seis anos. E essa filha tem uma mãe. Ela tem 38 anos e se chama Claudia.

O clube da autorrealização

Krishna me olha. Jesus me olha. Yogananda me olha.

Ele tem longos cabelos negros, repartidos no meio da cabeça, e um rosto infinitamente suave. Da parede, pendem ainda três retratos de três iogues simpáticos, de cujos nomes me esqueci de imediato. Um deles parece um Gandhi de bigodinho comprido. Outro, com Richard Chamberlain. E o terceiro parece uma mulher bonita que já foi homem. A questão agora é saber o que eles têm a ver com João.

São sete e pouco da noite, e eu estou na sala de meditação da Self-Realization Fellowship no Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras. Não muito longe dali fica o quartel-general do Bope, o batalhão especial da polícia que, nos últimos dias, intensificou suas incursões nas favelas, a fim de neutralizar as gangues do tráfico. No momento, a luta é pelo chamado Complexo do Alemão, uma favela da Zona Norte do Rio na qual, há pouco tempo, duas gangues se uniram: o Comando Vermelho e os Amigos dos Amigos.

A Self-Realization Fellowship está sediada num respeitável sobrado protegido por uma porta gradeada com comando eletrônico, bastante comum no Rio, em razão das muitas e desagradáveis visitas dos assaltantes.

Postado a meu lado está John, um americano simpático e grisalho, trajando camisa de mangas curtas. Ele dirige a filial carioca da Fellowship.

Admito de pronto: estou ali em missão secreta. Não contei nada a John sobre meu verdadeiro propósito. Telefonei para ele e disse que estava à procura de alguma coisa — sossego, alívio, paz. Disse que não conseguia me concentrar, que estava confuso, estressado, e que precisava de ajuda, de alguma técnica capaz de me situar. O que, aliás, não deixa de ser verdade.

John me explica a filosofia de Yogananda: apaziguar a alma e entrar em harmonia com o universo por intermédio da meditação e de técnicas de respiração; alcançar o reino celestial do relaxamento por meio de exercícios energéticos de quinze minutos; e, por fim, atingir a iluminação e a união com Deus mediante a condução consciente das correntes de energia no cérebro e na medula espinhal. Valendo-se daquelas técnicas, Yogananda conseguira, na travessia para os Estados Unidos, fazer um discurso em inglês para os demais passageiros, embora ainda nem falasse a língua!

Interessantíssimo. Mas meu problema é que não consigo me concentrar no

assunto por causa das novidades que Watson me contara, ou seja, que João, seis anos antes e, portanto, aos 73, tinha tido uma filha. E com uma mulher mais de trinta anos mais jovem, pertencente à alta sociedade do Rio de Janeiro: uma belíssima jornalista de televisão de cabelos pretos, chamada Claudia Faissol. Fui dar uma olhada nela no YouTube. No vídeo, ela fala de um documentário sobre João no qual trabalha há muitos anos.

O João Gilberto que, supostamente, não sai de casa. O João Gilberto que, supostamente, vive como um monge e não faz outra coisa que não seja tocar violão. O João de quem se pode imaginar tudo, menos que ele se abra para um documentário de tv . O vampiro avesso à luz. Como coadunar essas coisas? Que diabo aconteceu?

— Você está me ouvindo? — John pergunta.

— Claro. Então, pelo que você me diz, Yogananda e Jesus se entendem muito bem?

— Isso mesmo. Jesus também foi um mestre da meditação, do contrário não teria conseguido ressuscitar, depois da crucificação. Os átomos de seu corpo morto materializaram-se no Jesus que venceu a morte, no Jesus de luz. Por isso ele pregava harmonia e tolerância, como Yogananda.

— E o que Deus acha dessa interpretação?

— Não posso imaginar que ele tenha alguma coisa contra ela.

Nós nos sentamos no quintal, John e eu. Tinha uma mesa lá fora, com chá, água, biscoitos. Sirvo-me de um biscoito. A autorrealização oferece possibilidade de ascensão nessa área: de biscoito a hóstia. Mas hóstias não têm gosto de nada.

— O que a técnica da autorrealização pode fazer por mim, além de permitir que eu me rematerialize depois de uma eventual crucificação?

— Ela pode transformar você numa pessoa melhor, mais equilibrada. Pode te curar de vícios e equívocos. Comigo, funcionou. No passado, já me perdi na vida.

Segundo algumas pessoas, João teria tido um relacionamento intenso com o álcool em seus primeiros tempos no Rio. Outras dizem que ele teria sofrido de depressão. Ruy Castro escreve em seu livro que o pai de João temia que o filho estivesse ficando tantã. A conselho do primo Dewilson, João recebeu tratamento num ambulatório de psiquiatria em Salvador, em meados da década de 1950. O próprio João nunca falou muito a esse respeito. O que restou foi apenas um diálogo com uma terapeuta:

— Olha o vento descabelando as árvores... — disse João, que olhava pela janela lá pra fora.

— Mas árvores não têm cabelo, João — a psicóloga respondeu.

— E há pessoas que não têm poesia — João retrucou.

Alguns dias mais tarde, João deixou a clínica. Não era lugar para ele, disse-lhe o amigo Cravinho, que tinha ido visitá-lo.

— John, você conhece João Gilberto, o músico brasileiro brilhante?

— Sim, já ouvi falar dele. “Garota de Ipanema”, não é?

— Dizem que é grande adepto de Yogananda. Ele já esteve aqui? É um homem de mais idade, usa óculos grandes e se veste como um contador. Muitas vezes, carrega um violão com ele.

— Eu lamento decepcionar você, mas não, infelizmente.

— O que ele pode ter aprendido com Yogananda?

— Uma consciência mais elevada e o emprego eficaz de seu potencial criativo, por exemplo.

— Como?

— Com os exercícios de meditação, aqueles de que eu falei a você agora mesmo.

— E como funciona?

— Você compra, e as instruções são enviadas para sua casa. Aí, em casa, você faz um exercício por semana, todo dia. Se tiver dúvida, pode ligar para um monge. Esse monge vai te dar atendimento personalizado. Vai ser o *seu* monge, por assim dizer.

Fazer exercícios em casa. Naturalmente, isso combina muito bem com João. Na prática, é como se tivesse sido inventado para ele. E telefonar, isso ele também faz com gosto. *Will I talk like João, will I walk like João* , se aprender a meditar?

— Isto aqui é uma seita, John?

— Não, meu caro. O que você faz ou deixa de fazer é com você. Nós não fazemos uso de nenhum tipo de agressão.

— Quanto custam os exercícios?

— O primeiro conjunto custa 24 dólares.

— E a gente aprende depressa?

— Em uma semana, você recebe esse primeiro conjunto de exercícios pelo correio. Depois, precisa, primeiro, praticar esses exercícios durante seis meses.

Droga, é tempo demais, não tenho esse tempo todo! Até lá, João já me escapou pelos dedos. Não, eu preciso ir atrás dele *agora* .

O quintal começa a se encher de uma dúzia de autorrealizados, que logo estarão cantando e meditando juntos. São canções que dizem coisas como *om* , amém, Krishna e Kali, algumas das quais não diferem em quase nada daquelas da Bossa Nova, só que, em vez de invocar corações femininos, invocam o Espírito Santo. Há velhos ali, mas jovens também, brasileiros, americanos,

alemães e mesmo uma mulher latina muito bonita, de jeans e camiseta. Todos parecem, de fato, bastante relaxados.

— Perdão — digo eu à mulher. — Essa história de Yogananda começar de repente, sem mais, a falar inglês, sem jamais ter aprendido a língua... Você acredita nela?

— E por que não? — ela me responde. — Se essa é a coisa mais mágica de que você já ouviu falar, no que mais você acredita? Só no que é evidente, no que pode ver com os olhos?

Boa pergunta.

Deixo a casa dos autorrealizados com a *Autobiografia de um iogue* , que comprei, e, por via das dúvidas, com um suportezinho de papelão sobre o qual se veem os seis iogues. Vou colocá-lo de pé lá no nosso apartamento, no Ipanema Penthouse. Confesso que saio dali sentindo até certa inveja.

Estou a caminho da estação do metrô quando meu celular toca. Uma voz sombria, pesada, falando um inglês estropiado. Otávio Terceiro.

Entrevista com o aprendiz de vampiro

Watson olha para o relógio.

— Nove e vinte. Ele está atrasado.

— Não se preocupe, ele vem — eu digo.

— Como é que você pode ter tanta certeza?

— Intuição de detetive. É que estou no ramo há mais tempo.

Na verdade, não sei coisa nenhuma. Depois de tudo que me contaram sobre Otávio Terceiro, o tipo me parece absolutamente impenetrável. E tipos absolutamente impenetráveis são tipos absolutamente não confiáveis.

Estamos sentados no Garota de Ipanema. O restaurante — que vende sobretudo churrasco e cerveja — fica a uma esquina de distância do Ipanema Penthouse. Foi Otávio quem sugeriu que nos encontrássemos ali, e por uma razão óbvia: o Garota de Ipanema foi onde Vinicius e Tom escreveram "Garota de Ipanema", cinquenta anos atrás. Fotos dos dois, partituras e versos pendem sobre a mesa à qual sempre se sentavam. É o lugar pelo qual a garota, Helô Pinheiro, passou para ir comprar cigarros, tão linda naquele momento que os dois não puderam esquecê-la. Além de Tom, Vinicius e João, também o restaurante e a garota lucraram com isso: o restaurante, porque trocou o próprio nome de Bar Veloso para Garota de Ipanema e hoje é frequentado por hordas de turistas; a garota, porque fundou uma bem-sucedida cadeia de lojas de roupa de banho batizada com o nome da canção.

É bem possível que hoje exista um número um tanto alto de garotas de Ipanema.

Watson veste uma blusa vermelha bem decotada e traz brincos enormes nas orelhas. Parece uma Mata Hari mais avantajada. Eu a trouxe comigo e sugeri o estilo sexy porque, depois de um minuto ao telefone com Otávio, logo vi que seu inglês não era suficiente para ser compreendido e que ele era o tipo de sujeito que, com homens, fala pouco, mas, diante de uma mulher, não para de falar.

E, caso a presença de Watson não bastasse, eu tinha trazido algo mais, uma arma secreta: o baseado que João Donato me dera e que eu, em razão do inesperado progresso das investigações, ainda não conseguira fumar. Ele seguia guardado no meu maço de cigarros — a salvo, sequinho e muito eficaz.

O cheiro doce e encorpado das florestas do Iguaçu. Um belo cachimbo da paz, o bom e velho Rafa, a boa e velha erva.

O baseado do Donato vai tornar dócil o aprendiz de vampiro. Tão dócil que ele vai me contar tudo sobre João e, de preferência, me levar até ele ainda hoje à noite. Sim, porque isso também logo ficara claro em nossa conversa telefônica: que Otávio tendia antes a dizer sim do que não a todo tipo de barato.

Chega um táxi, e um homem desembarca. Veste um terno escuro, usa óculos de tonalidade avermelhada, e os cabelos desgrenhados e grisalhos descem até os ombros. É uma mistura do dirigente de Fórmula 1 Flavio Briatore com um maestro de ópera que explodiu. Calculo que esteja perto dos 75, mais ou menos. Ele entra no restaurante.

Otávio Terceiro

Peça em três atos

ato 1: cerveja

— Marc?!?!

— Otávio!

Abraço caloroso.

Apresento Watson. O olhar de Otávio passeia pelo decote dela, a cabeça se movimenta num sim fervoroso.

— Maravilha, maravilha! — Otávio bate palmas e se senta.

— O que você quer beber, Otávio?

— Uma cerveja, por favor.

— Está com fome?

— Um queijinho, *s'il vous plaît* .

— Quantas línguas você fala?

— De verdade, nenhuma, além do português. Mas me comunico com todo mundo, sabe como é? *Un homme du monde!*

— Até mesmo com João, ouvi dizer.

— Hahahahahaha! Exato, até mesmo com João.

— O que você é para ele?

— Amigo, conselheiro pessoal, gerente. Sou seu empresário, *if you will* .

— E é ator também?

— Sou. Estou fazendo um filme em que interpreto o filho de uma macaca com um ser humano.

— Tarzã?

— Não, tem a ver com Flaubert.

Chega a cerveja.

— *Very well, very well* — diz Otávio, rindo bem alto outra vez.

Na verdade, ele ri o tempo todo. Brindamos.

— Como foi que você e João se conheceram?

— Foi em 1960. Na época, fiz minha primeira grande aparição no teatro aqui no Rio. A peça se chamava *Olho mecânico* . Foi meio difícil. João estava na plateia e disse a um conhecido meu, Ricardo, que tinha me detestado.

— Por quê?

— Me achou mau ator. Inexato, como ele disse. Eu não podia aceitar aquilo e, portanto, pedi a Ricardo o endereço de João e fui até a casa dele. Naquela época, ele morava em Ipanema, logo aqui, virando a esquina, Visconde de Pirajá, 500, se bem me lembro. Quando cheguei lá, diante da porta, ele já sabia que eu viria. Me convidou para entrar e me apresentou seu gato. O gato se chamava Zé e, mais tarde, morreu em circunstâncias misteriosas. Depois, João tocou para mim por duas horas seguidas. Desde então somos amigos.

— O que vocês têm em comum?

— Amamos a arte, a arte mais elevada, mais verdadeira, a mais pura possível. João não apenas *encontrou* : ele *inventou* essa arte. É a Bossa Nova.

Segue-se uma digressão sobre aquilo que já sabemos: a música nova e revolucionária de João, seu espírito, seu talento. Otávio usa com frequência o pronome “nós” ao falar de si próprio e de João. Às vezes, as palavras dele se atropelam um pouco, saem voando em todas as direções. Ele desenvolve uma espécie de papel, um papel que já representou uma centena de vezes: o papel do defensor e exegeta de João. O papel de um homem que possui o código de acesso, mas não o revela a ninguém.

Se nada mais funcionar, minha arma secreta vai mudar isso. Cerveja nova, um novo começo.

— Quando foi a última vez que você falou com João?

— Hoje ao amanhecer, antes de ele ir dormir.

— Com que frequência vocês se veem?

— Várias vezes por semana.

— E o que vocês fazem quando estão juntos?

— A gente ouve música e conversa.

— Sobre o quê?

— Sobre como vão as coisas, como ele está, como eu estou.

— Como vai ele?

— Maravilhosamente bem. Ele sabe que estamos aqui. Mandou um abraço. Ele adora a Alemanha, esteve lá uma vez, nos anos 60.

— E por que ele não vem me dizer isso em pessoa?

— É complicado.

— Que tipo de música vocês ouvem? Antiga? Nova?

— Muita coisa antiga. Ella Fitzgerald, Chet Baker, Nat King Cole.

— Estão todos mortos.

— Pois é, *it's a shame* .

— João está trabalhando no momento?

— Cria o tempo todo. Sempre. Toca violão dez horas por dia.

— *Dez* horas?

— É, às vezes mais.

— E que músicas ele toca?

— Seu repertório.

— Sempre as mesmas?

— Tem algumas novas também. Ele está planejando uma coisa grande, faz tempo já, uma antologia da música brasileira. Mas pode ser que ainda leve algum tempo, porque ele toca mil vezes cada canção. Toca até achar que ficou bom.

— Ele já gravou alguma delas?

— Até agora, não.

— João quase não tem amigos. Por que justo você?

— Ah, ele tem mais amigos que eu. E uma memória gigantesca, muito precisa. Nunca esquece ninguém.

— Vocês também brigam de vez em quando?

— Nunca brigamos de verdade, mas teve uma época em que ele ficou com ciúme, porque eu empresariava outros músicos também. João precisa de atenção total. É muito sensível.

— Ele está no Facebook?

— Não, aquilo lá foi feito por umas pessoas com quem ele conversou por telefone uma vez e contou algumas coisas.

— Ele tem computador?

— Não.

— Tem e-mail?

— Eu sou o e-mail dele.

— João é um vampiro?

— Hahahahaha!

— Você é um vampiro? Já é noite, e você está praticamente de óculos escuros.

— Hahahahaha!

Otávio vai fumar um cigarro diante da porta. Eu também. Ele, Marlboro; eu, Camel. Os notívagos de Ipanema passam por nós, muitos gays jovens de camisetinha apertada e sandálias Havaianas.

ato 2: cigarro

— Você tem grande interesse em João, não é?

— É.

— Por quê?

— Tem coisa demais que eu não entendo.

— Muita gente não entende muita coisa.

— Por que você se tornou ator, Otávio?

— Li um anúncio e fui ver o que era. Na verdade, eu queria ser psiquiatra, para poder estudar a alma humana, mas não deu certo. Então, me tornei alguém que procura imitar a alma dos outros.

Otávio faz um gesto amplo na calçada. Alguns gays olham para ele e se perguntam: Flavio Briatore?

— Com o conhecimento psicológico que você tem, me diga: que tipo de gente é João?

— Uma pessoa absolutamente única. Incomparável. Para ele, foi muito difícil se transformar no que ele é hoje.

— É um homem livre? É acanhado?

— Como artista, é totalmente livre. Na vida, tem lá seus problemas de vez em quando. Se deixa perturbar pelas coisas mais insignificantes.

— Que coisas?

— Acima de tudo, pessoas. É incapaz de estar com muita gente. Tem medo das pessoas que não conhece. Odeia multidões.

— Mas, quando chegou ao Rio, ele não era nenhum eremita. Morava com outras pessoas, saía com elas, fazia música com outros. Quando era pobre.

— Nem tudo que você lê ou ouve é verdade, meu caro. Tem muita gente que mente, porque quer ser vista como alguém que ajudou o grande artista no passado. O mundo está cheio de gente assim. João nem era tão pobre. Quase não tinha dinheiro, está certo, mas que outro músico tinha dinheiro naquela época? Só que João tinha sempre a família atrás de si, na Bahia. Médicos, advogados, construtores de estradas, comerciantes. O pai dele era dono de barcas de transporte e representava uma companhia de petróleo. João não tinha de temer por sua subsistência: tinha apoio. Só estava sozinho aqui no Rio, onde era um estranho.

— O que aconteceu em Diamantina, onde ele se refugiou, quando a primeira vinda para o Rio não deu certo, e onde se trancou no banheiro para encontrar seu som e sua linguagem?

— Eu tenho uma teoria a esse respeito, mas é uma visão muito pessoal. Quer ouvir assim mesmo?

— Por favor.

— Você sabe onde fica a cidade de Diamantina, não sabe? Nas montanhas de Minas Gerais. Tem muito minério por lá, bronze, prata, ouro. Além, é claro, de diamante, como já diz o nome da cidade. Bom, a casa em que a irmã de João morava com o marido, ou seja, a casa onde João morou e tocou durante meses fica num terreno que tem uma mina de diamante. Os diamantes produzem um efeito particular. Eles irradiam seu brilho, e o efeito produzido por essa irradiação não afeta só as mulheres. Cristais de diamante geram força e energia. Eles curam, purificam. Produzem clareza. E João também recebeu essa irradiação. Foi o que pôs ele em ordem, depois de um período de confusão.

Otávio não sussurra sua teoria. Ele a expõe de modo claro e resoluto, como se se tratasse de conhecimento científico.

— João disse isso?

— Eu é que estou dizendo. Afinal, sou de Minas também, de Belo Horizonte. Tínhamos cristais no jardim, e eles nunca me fizeram mal: pelo contrário.

— Parece meio maluco, Otávio. Por que não demoliram a casa, se tinha tanto diamante debaixo dela?

Ele me olha como se eu fosse um completo idiota.

— *Não será porque ninguém sabia dos diamantes?*

De volta ao restaurante. A caminho da mesa, penso: diamantes, diamantes, diamantes. E penso também: fome, fome, fome. Dizem que a picanha dali é muito boa.

— Vamos comer uma comida decente, Otávio? Uma bela picanha?

— Não, obrigado. Ainda vou jantar mais tarde, com João. Vou daqui direto para lá.

— Ah, é? E o que vai ser?

— Pizza, talvez.

— Nada de *steak* ?

— Hoje não.

— A gente pode ir junto, Watson e eu?

— Hahahahaha!

Tapinhas nos ombros, bom humor. Peço a picanha assim mesmo. E cerveja, muita cerveja para Otávio.

— Quem é Krikor Tcherkesian, Otávio?

— Um armênio. Um velho amigo que já trabalhou também como produtor e conselheiro de João. *Un grande impresario* . Hoje, mora em São Paulo, dirige uma loja de departamentos ou coisa do tipo.

— E quem é Claudia Faissol?

— Essa pergunta é pessoal demais.

— Como é seu nome, de verdade?

— Meu nome é Otávio.

— Não é Moacir?

— Otávio!

— Qual a importância de Yogananda para João?

— Isso também é pessoal demais.

— João tem um livro preferido?

— Ele adora o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. E gosta do ritmo do Rainer Maria Rilke de vocês, de seu *Cartas a um jovem poeta* .

— Aquele tratado sobre a solidão?

— Aquele tratado sobre a arte.

— Em que medida você teve de mudar sua vida para ser amigo de João?

— Completamente. Hoje, vivo no fuso horário dele. Tive de abrir mão da praia, e você sabe o que isso significa para um carioca. Minha mulher vive me odiando, porque mal tenho tempo para ela. E tem o trabalho como ator, ainda em curso neste momento. O filhote de macaca que estou fazendo. Estamos rodando em Petrópolis.

Chega a picanha. Uma carne maravilhosa, que a gente não se cansa de comer. Otávio se serve também, e bebe mais. Passa por nós um vendedor de rosas, e Otávio compra três: uma para mim, duas para Watson. Depois, levanta-se de um salto, faz outro de seus gestos amplos, balançando os braços, e canta dois versos de “A felicidade”, de Tom e Vinicius:

Tristeza não tem fim
Felicidade, sim

Otávio escande os versos, assim como fez quando da turnê japonesa de João, aquela na qual o público não parava de aplaudir. No bis, que foi justamente “A felicidade”, Otávio teria dançado no palco como um dervixe, diante de milhares de japoneses, enquanto João permanecia sentado em seu banquinho, cansado, exausto. Depois, foi até João, sussurrou-lhe uma palavra mágica na orelha, e João, revigorado, cantou:

Tristeza não tem fim
Felicidade, sim

— Uma palavra mágica?

— Sim! Uma palavra que só funciona entre a gente.

— Que palavra é essa? Ho-ba-la-lá?

— Hahahahahaha!

É chegado o momento do baseado de João Donato. Quando estou prestes a lhe fazer a oferenda, o celular dele toca. Ele olha para o aparelho e se levanta de repente, desaparecendo na direção da saída.

ato 3: o complexo de sinatra

Otávio está de pé na calçada. Segura o celular junto do ouvido e assente com fervor.

— Preciso ir agora mesmo — diz, ao cabo da conversa telefônica.

— João?

— Hã-hã.

Acendemos um cigarro cada um, e eu brinco com o baseado no meu bolso. Otávio se volta para o restaurante, onde as pessoas sentam, comem e bebem. O movimento agora é intenso. Os brasileiros jantam tarde. Ele aponta para a mesa à qual Tom e Vinicius se sentavam. A mesa com fotos e versos de canções.

— Deviam ter pendurado uma foto de João também — diz. — Aqui, neste restaurante onde erigiram um monumento à *girl from Ipanema* . É uma grande canção, mas o que seria dela sem a voz e o violão de João? Sem a fórmula dele, ela teria se aninhado, toda leve e saltitante, na alma de todo mundo?

E Otávio torna a cantar, zombeteiro, aos soquinhos:

Tall
And tannnn
And young
And luvly
The gurl from Ipaneima
Goes walking
And — when — she — passes
Each — wun — she — passes
Goes aaahhh

— Em vez disso, escolheram Frank Sinatra! — Otávio exclama, jogando as mãos para o alto.

— Frank Sinatra?

— É!

— O que ele tem a ver com isso?

— Muito! — Otávio protesta. — Tom Jobim devia ter levado seu amigo João até *ele* , em 1967, quando foi gravar seu álbum de Bossa Nova com o cantor mais famoso do mundo à época! João era quem sabia cantar e tocar violão! O violão de Jobim era uma piada! Mas ele só quis saber de ficar famoso no mundo inteiro e traiu seu inventor com Sinatra! O resultado foi um desastre artístico gigantesco, um fiasco da música ligeira que, rapidinho, foi retirado do catálogo até do próprio Sinatra, porque era embaraçoso para a gravadora.

— Aquele disco é tido hoje como um clássico, Otávio.

— Isso não prova nada, meu caro, a não ser que a maioria das pessoas não tem ideia do que seja a beleza verdadeira. Podia ter se tornado um clássico de verdade se João tivesse tocado e cantado com Sinatra. Ele era quem podia

mostrar a Sinatra o que *é* a Bossa Nova, como cantar, como sentir, como interpretar Bossa Nova. No fim fizeram só uma cópia cara disso, com um cantor que, já meio velhinho, tenta se apropriar do som da juventude. Se João tivesse estado lá, *ele* é que teria se transformado em *superstar* . Porque só *ele* é Bossa Nova.

Então João ficou magoado, ferido, e até hoje não foi capaz de esquecer — será tão simples assim? E, de fato, Tom e João nunca mais gravaram nada juntos, mal se falaram desde aquela época.

— Sinatra e João juntos, num estúdio? Teria funcionado, Otávio? Sinatra era um mafioso; João, um perfeccionista. João teria obrigado Sinatra a ensaiar centenas de vezes, antes de cantar cada nota. Os dois teriam se matado.

— Teriam se tornado grandes amigos — Otávio diz.

— João nunca ficou triste por causa do rompimento com Tom?

— Tem respeito por Jobim como compositor, mas, para João, Jobim não sabia tocar nem cantar. Ia querer o que com ele?

— João é um sujeito durão?

— Não. É uma pessoa supersensível, autêntica. Muitas coisas machucam ele. Coisas demais, às vezes.

De repente, sei o que fazer. Deixo Otávio na calçada e corro para dentro do restaurante. Retiro o baseado do meu maço de cigarros, pego uma caneta e escrevo “Ho-ba-la-lá” nele. Se Otávio está indo para a casa de João, deve entregar o baseado a ele. Cabe a João fumá-lo. O baseado do Donato vai levá-lo de volta à época em que ainda se comunicava com as pessoas. Vai levá-lo de volta a um tempo em que estava tudo bem com todo o mundo. João vai entender que eu o entendo.

Maconha é o que eu vou mandar para ele. Quem é que vai recusar um baseado? A uma pessoa ferida, a gente tem de fazer alguma coisa de bom. Os feridos necessitam de carinho. Eles precisam ganhar presentes.

— Tenho aqui uma coisa para João — digo a Otávio, que se aproxima da mesa.

De novo, ele ri alto, depois que lhe explico a origem do baseado. E, contente, ele o enfia no bolso.

— *Very well, very well* . Mas, infelizmente, preciso ir agora.

— Garçom, a conta! — eu peço.

Agora, a pressa é importante.

Perseguição!

O táxi em que Otávio se encontra segue cinco veículos à nossa frente, na faixa da direita. “Siga aquele carro”, eu havia dito ao motorista do táxi que pegamos rapidinho, depois de sair correndo do Garota de Ipanema. Estranhamente, meu português soara perfeito. Watson me olhou como se eu tivesse sido enfeitiçado. Como Yogananda, que, em sua travessia rumo aos Estados Unidos, de repente havia começado a falar inglês.

— Você é maluco, Sherlock.

— Muito pelo contrário — protestei.

— Esta é sua primeira perseguição?

— É a segunda.

— E a primeira foi por quê?

— Por causa de uma mulher.

— Adiantou?

— Depende do ponto de vista.

Nós nos enfiamos pela Visconde de Pirajá em direção ao Leblon. Há muito movimento nas ruas, é sábado à noite, o Rio desperta. À direita e à esquerda, homens e belas mulheres, jovens, homens e mulheres a fim de se divertir. Nosso motorista segue o fluxo dos veículos, vai se desviando e acelerando. É bom naquilo que faz, estamos agora apenas dois carros atrás de Otávio Terceiro. Posso ver sua nuca.

Entramos na avenida Ataulfo de Paiva e passamos pelo Rio Flat Hotel. No cruzamento com a Carlos Góis, o carro de Otávio pega a faixa da esquerda e dá sinal.

— Já estivemos aqui há pouco tempo — diz Watson. — Olha aí o café onde a gente esteve, lembra? E ali está o cinema onde está passando *Tropa de elite 2* .

O carro de Otávio entra na Carlos Góis, uma rua bem estreita, e para alguns metros adiante, ao lado de um contêiner de lixo. Em frente, vizinho da fachada amarela do cinema, há um edifício de apartamentos acinzentado e sem graça. Conto doze andares. No térreo, tem uma locadora de dvd s. Otávio paga e se dirige para a entrada gradeada do prédio, à direita. Nós aguardamos e, em seguida, desembarcamos também.

Ele toca a campainha, e da grade provém um estalo. Otávio some na escuridão, levando consigo sua loucura e meu baseado.

Watson e eu olhamos para cima. Da rua principal chegam o barulho do tráfico e das buzinas. No oitavo andar, alguém acende a luz.

— É lá que ele mora — digo.

— Vamos entrar? — Watson pergunta.

— Ainda não. Não se pode encarar um vampiro assim, sem nenhum preparo. Dois, então, nem pensar.1

A caminho de Diamantina

A rodoviária cinza e estropiada na zona portuária do Rio é um daqueles lugares sobre os quais as pessoas nos alertam: “Cuidado, só tem viciados em crack e assassinos de aluguel! Não fique dando sopa por lá! É chegar, comprar a passagem, embarcar no ônibus e cair fora o mais rápido possível!”. Bem que eu gostaria, mas estamos atrasados, meu violão e eu. É quase meio-dia, os primeiros três ônibus já partiram. Não há assassinos de aluguel à vista; só um ou outro, passageiros dispersos que, naquela tristeza do meio-dia, ainda precisam embarcar para algum lugar — para visitar alguém doente, ir ver parentes ou para algum trabalho que, na segunda-feira, têm a fazer numa cidade longínqua.

Ontem, depois de retornar ao Leblon, de volta da minha perseguição a Otávio Terceiro, minha intenção era ir dormir imediatamente, a fim de, hoje cedo, pegar o primeiro ônibus para Diamantina. Sim, porque isto ficou claro para mim: sem Diamantina, não vou a parte alguma em minha investigação. Sem Diamantina, não há como entender a trajetória de João, tenha ela ou não começado com diamantes.

Mas, quando cheguei, estava rolando uma festa no Ipanema Penthouse. Laura e Cristian tinham convidado alguns amigos, brasileiros, italianos, americanos. Ficamos bebendo e fumando até altas horas da madrugada. Eu precisava, antes de mais nada, digerir meu encontro com Otávio e o fato de termos localizado o apartamento de João. Por isso, entrei também no clima da festa, embora a maconha não fosse em nada comparável ao baseado do Donato. O tipo de droga provinda da favela, a ser em breve incinerada — ou vendida — pelos policiais militares.

— E como estão as investigações? — Cristian perguntou.

— Para falar a verdade, não sei — respondi. — Todo mundo que encontro, cada testemunha que entrevistamos conta uma história diferente. Para uns, João é o sujeito mais sensível do mundo; para outros, um vampiro sombrio, que suga todo o sangue à sua volta. Um anjo delicado ou um diabo terrível. É para essa dualidade que as coisas apontam.

Cada caso é diferente, e todos são iguais, disse certa vez o comissário Maigret. Como será que ele, meu irmão espiritual, meu modelo, avaliaria esse caso?

Por um tempinho, fiquei com muita raiva de João. Pela primeira vez, julguei antipático e desagradável todo aquele mistério em torno de sua pessoa. Por que

bancar o ofendido para todo o sempre, só porque Jobim, lá atrás, tinha ido gravar com Sinatra sem levá-lo consigo? Por que tratar tão mal colegas como Menescal e Lyra, inteligentes, talentosos e simpáticos? Por que me ignorar, se está na cara que amo suas canções e que quero fazer com que mais pessoas possam ouvi-las? Por que não descer do Olimpo em que se entrincheirou e simplesmente deixar falar sua arte, sua música?

No momento, enfim, meu apreço por João era nenhum. Também por isso me decidi, depois de mandar um e-mail para Otávio perguntando "Que tal o baseado?", a sair do Rio e viajar para o interior, para onde, ao que tudo indicava, também João encontrara paz. As demais investigações a serem conduzidas no Rio, deleguei-as a Watson. Ela faz seu trabalho bem direitinho.

Compro uma empanada de frango, dois refrigerantes, uma garrafa d'água e embarco no ônibus. Além do violão, só levo comigo uma mochila pequena contendo uma camisa limpa, escova de dentes e a *Autobiografia de um iogue* do Yogananda, que leio um pouco toda noite. No momento, Yogananda está a caminho do Himalaia, em busca de iluminação. Meu ônibus é grande e moderno, com assentos confortáveis e só um quarto das poltronas ocupadas. Poltronas assim não existiam na época de João.

Quando, depois dos primeiros insucessos, João deixou o Rio em 1956, a conselho do amigo Luís Telles, preocupado com seu estado mental, foi passar alguns meses em Porto Alegre, onde Luís o hospedou no melhor hotel da cidade e o apresentou a todo mundo que conhecia. Por um breve período, João pareceu estar melhor: apresentava-se em bares, as pessoas o respeitavam, reconheciam seu talento e lhe deram até um violão de presente. Mas, como Porto Alegre nada mais era do que um Rio em miniatura — isto é, uma cidade que obedecia aos mesmos processos e rituais típicos —, em poucos meses João tornou a sucumbir a seu velho estado melancólico. Luís Telles decidiu, então, mandar o amigo para Diamantina, para a casa da irmã de João. A confusão em que ele se encontrava é coisa que já se pode perceber pelo fato de, inicialmente, João ter embarcado no ônibus errado, que o deixou a muitas centenas de quilômetros de Diamantina. Até que, em algum momento, ele enfim chegou à cidade.

A saída do Rio transcorre bem, o tráfego é quase inexistente e logo não se veem mais casas à direita ou à esquerda da estrada: apenas uma planura ampla e um pouco entediante. Ponho meu iPod para tocar *João Gilberto* , o chamado "álbum branco" que, em algumas poucas noites, ele gravou no porão de um edifício da rua 86 Oeste, em Manhattan, em 1973. Para muitos de seus fãs, é seu melhor disco, melhor até do que *Chega de saudade* .

É um álbum estranho, cheio de silêncios e com uma formação absolutamente reduzida. Não tem outro instrumento. Ouvem-se apenas o canto e o violão de

João; no fundo, bem distante, alguma percussão. É como se o estúdio estivesse povoado de espíritos. Espíritos atormentados, que, pela primeira vez em muito tempo, encontraram alguma paz.

João Gilberto foi gravado com produção de Wendy Carlos, uma mulher que, apenas um ano antes, ainda era homem. Uma operação o transformara em mulher, algo que, naquela época, não era muito frequente. Wendy nascera Walter Carlos, em Rhode Island. Aos seis anos de idade, começou a tocar piano e, mais tarde, estudou música e física na Brown University de Nova York. Foi uma das primeiras a experimentar com o sintetizador inventado por Robert Moog, gravando um disco com composições de Bach que vendeu mais de meio milhão de cópias: *Switched on Bach* . Quando o diretor Stanley Kubrick ouviu aquilo, chamou-a de imediato à Inglaterra, para que escrevesse a trilha sonora de *A laranja mecânica* .

Seja como for, o fato é que a atmosfera hipnótica e sombria de sua música se faz presente também em *João Gilberto* , que, um ano antes, havia descoberto Yogananda e começara a meditar. Além disso, os dois se interessavam por astrologia. Wendy fotografava todo eclipse solar que podia, e tinha uma coleção inteira de fotos de estrelas.

Espíritos, espíritos por toda parte:

O espírito de uma moça no corpo de um homem que se transformara numa mulher.

O espírito de um iogue na cabeça de um brasileiro no exílio.

O espírito dos astros, se é que eles têm algo como um espírito.

O espírito da música.

É bem isso que se passa em *João Gilberto* : uma pessoa se transforma em música, se une à música, se dissolve completamente nela. Transcende. O próprio João, diz-se, teria mais tarde odiado o resultado final, como tantas vezes. Discussões e conflitos diversos marcaram o álbum, tantos que hoje Wendy chega a negar ter estado naquele estúdio: “Eu lamento, mas o senhor está equivocado. Não conheço esse João Gilberto nem jamais tive coisa alguma a ver com ele”, escreveu-me ela num e-mail. Mais mítico que isso, impossível.

Volta e meia, enquanto o ônibus avança por Minas Gerais, ouço uma mesma canção: “Valsa”. O próprio João a escreveu, com o subtítulo “Como são lindos os iogues”. Não tem letra, não há nenhuma variação ou transição; só uma única, mesma e infindável melodia, conduzida apenas pela voz de João:

Da da
dadadadadada DA dada
da da
da
dadadadada

dadadada da da

Três minutos e dezenove segundos. Parece um pouco com uma canção que ouvi dos autorrealizados e que só dizia *om* . Eles a chamaram de “Cantos cósmicos”. Lembra também aquilo que Richard Wagner pode ter querido dizer com seu conceito de “melodia infinita”. Em 1860, em seu *Zukunftsmusik* [Música do futuro], Wagner escreveu, algo enigmaticamente: “Na verdade, a grandeza de um poeta se mede sobretudo por aquilo que ele silencia, a fim de, mesmo em silêncio, nos comunicar o inefável; o músico é quem, então, faz ressoar alto o não dito, e a forma iniludível de seu silêncio tonitruante é a melodia infinita”.

Se antes eu estava com raiva de João, sem entender por que ele se fecha daquele jeito, ouvir essa canção torna absolutamente impossível para mim odiá-lo. E isso porque a suavidade com que ele canta essa música, dotada da simplicidade de uma cantiga infantil, é inacreditável, de tão comovente. Há nela algo que contraria frontalmente toda e qualquer vaidade. No fundo, é uma meditação: relaxamento supremo pela via da suprema precisão. Assim, exatamente assim, a música há de ter soado no banheiro, quando ele a tocava sem parar. Exatamente assim, esse mesmo som, é o que ele deve ouvir hoje, sentado sozinho em seu apartamento.

Também João é um iogue.

Volta e meia, adormeço durante a viagem, a música em minha cabeça. Não me lembro dos sonhos que tenho. Paramos num posto chamado São Geraldo, onde compro um sanduíche de frango e fumo um cigarro. Em algum momento, chegamos a Belo Horizonte, e lá eu tomo o ônibus para Diamantina. A estrada agora se torna mais estreita e mais cheia de curvas; a região, mais montanhosa. De novo, adormeço. Então, tarde da noite, estou em Diamantina.

Diamantina

A cidade em que o ônibus para é torta e enviesada. Por toda parte, paralelepípedos e ruas tortuosas; além disso, pelo bairro onde fica a rodoviária, ressoa a mesma música de David Guetta que já me perseguira por todo o Rio de Janeiro. Meu violão e eu tropeçamos de imediato, assim que descemos do ônibus, e estamos com fome também: eu, de comida; ele, de ser tocado novamente, de preferência num banheiro. É quase meia-noite.

— Tem algum hotel aqui por perto? — pergunto ao sujeito que, no ônibus, estava sentado do outro lado do corredor.

— Neste bairro, não. É perigoso aqui — ele diz, e aponta para uma rua que parece enfiar-se numa escuridão sem fim. — Desça esta rua em direção ao vale, até a igreja. Os hotéis ficam lá.

Meu violão e eu fazemos o que ele sugeriu. O mesmo que João deve ter feito 54 anos antes. Sombras se aproximam de nós, sinto algum medo. No Rio, nunca tive medo de andar na rua, embora sempre me dissessem para tomar cuidado. Ali, porém, tudo é sombrio e desconhecido. Com o violão nas costas, sinto-me estranho e incapaz. Mas as sombras são mocinhas, que respondem amistosamente quando pergunto o caminho a elas.

Então, depois de uma curva, a cidade se descortina no vale. Parece pequena e pacífica. A igreja barroca irradia sua luz amarelo-ouro desde a praça central; pelas ruelas, os paralelepípedos refletem a luz dos postes. Ao fundo, uma cadeia escura de montanhas uniformes, das quais por certo já se extraíram ouro, diamantes, bronze e prata. O guia de viagens dizia algo sobre as primeiras pedras preciosas encontradas fora da Ásia, sobre patrimônio cultural da humanidade e sobre construções coloniais intactas. Se eu tirasse uma foto para mandar para meus pais, eles diriam: “Pitoresco. Vamos fazer uma visita um dia desses”.

O medo se vai, instala-se a paz.

Uma escada desce até a cidade. De imediato, sou rodeado pelos sons das risadas, das conversas, do tilintar dos copos nos bares, restaurantes e cafés. Diamantina ainda está acordada. No Rio, Cristian havia me contado que ali moravam muitos estudantes e que o carnaval era um dos melhores do Brasil. À procura de um hotel, abordo belas estudantes, na esperança de que entendam um pouco de inglês, e me apaixono umas quatro vezes, mas apenas por pouco tempo. Afinal, já estou apaixonado por uma mulher em Berlim.

O hotel para o qual duas estudantes me levam fica perto da igreja e se chama Relíquias do Tempo. Sua decoração parece a de uma pensão numa aldeia austríaca: camas de madeira e lençóis xadrez. Deposito meu violão e a mochila num canto, e saio para a rua, em direção à noite.

Gosto da cidade de imediato. Entendo de pronto como João deve ter se sentido ali quando, depois de todo o estresse no Rio de Janeiro — a barulheira, a pressão de dar início a uma carreira —, chegou à casa de sua irmã Dadainha, do marido dela, o engenheiro Péricles, e da filhinha dos dois. O ar, fresco e límpido, é maravilhoso; as pessoas caminham calmamente, em vez de correr, e não parecem precisar provar alguma coisa a todo instante. À parte uns poucos carros, estacionados nas ruelas como corpos estranhos, Diamantina dá a impressão de ter sido congelada no século xviii . Mas andar por ela cansa: as ruas de paralelepípedo sobem e descem, como ondas de pedra.

Terá sido por isso que João passava tanto tempo em casa? Porque passear pelas ruas era tão cansativo? Com essa pergunta na cabeça, sento-me num restaurante e peço uma cerveja e um bife. E, enquanto como, a próxima pergunta, bem mais difícil, me invade a mente: como vou descobrir onde moram ou moraram Dadainha e Péricles? É que não tenho a menor ideia de qual era o sobrenome deles. E os estudantes bêbados que me circundam não parecem poder me ajudar muito nessa questão.

A Baiúca

“Quando você não souber mais o que fazer, vá a um bar”, disse certa feita algum detetive da pesada. Philip Marlowe? Sam Spade? Não me lembro agora quem foi. Columbo, não: disso tenho certeza. Sei também, com certeza, que as chances de encontrar alguém numa pesquisa de bar em bar são bem maiores numa cidade de quarenta mil habitantes, como Diamantina, do que em Los Angeles ou no Rio de Janeiro. O que também não significa nada.

O estabelecimento que escolho fica na rua principal, no centro da cidade, e se chama A Baiúca. Por que justamente esse? Porque ali se reúnem os velhos, os que já estavam por ali no passado e que talvez ainda se lembrem. De João.

Entro no bar ao meio-dia, como no filme com Cary Grant. E me comporto como ele também.

— Muito bem, amigos — declaro à roda de velhinhos já bêbados. — Quem é o mais velho de vocês?

A frase, eu a havia aprendido de cor, com o auxílio de um dicionário bilíngue.

As conversas cessam de imediato, silêncio, olhares perplexos, encolher de ombros: quem é esse sujeito? Tanto faz. O negócio é continuar bebendo. Habitantes de uma cidade mineradora estão acostumados a tipos bem mais esquisitos do que eu.

Um dos *barmen* vem até mim, um baixinho de cabelos pretos e bigode que fala um pouco de inglês.

— O que o senhor deseja?

— Estou procurando uma pessoa.

— Que tipo de pessoa?

— Alguém que saiba onde morou um tal de Péricles, com quem um homem chamado João Gilberto morou.

— Tem um Péricles aqui na cidade.

— Quero falar com ele.

O homem de cabelos pretos se dirige ao telefone. Dez minutos mais tarde, um sujeito de uns cinquenta anos entra pela porta, vestindo uma camisa polo azul. O *barman* o traz até mim.

— Este é Péricles — diz o *barman* .

— É jovem demais — digo eu. — O homem que eu procuro deve ser um velho. De uns noventa anos ou por aí.

— Quem você está procurando? — Péricles pergunta.

— O Péricles que era engenheiro e construía estradas. O que era, ou ainda é, casado com Dadainha. E que, muitos anos atrás, acolheu João Gilberto em sua casa. O músico.

— João Gilberto... — Péricles murmura, para, em seguida, me dizer: — Venha comigo!

Ele me conduz pelos sacolejantes paralelepípedos até o outro lado da praça. Eu não paro de tropeçar. Viramos à direita, uma ruela; à esquerda, outra ruela. Chegamos a uma casa com garagem. Nela, vê-se um sujeito vestindo camisa de time de futebol e calção. Tem uns quarenta anos e está mexendo em seu carro.

Péricles explica a situação. O homem olha para mim, limpa as mãos e desaparece. De repente, está de volta e traz consigo uma mulher bem baixinha (um metro e quarenta) e muito velha, que veste uma espécie de avental.

— Esta é minha mãe, dona Lourdes. Ela tem oitenta anos e conheceu João — diz o homem, segundo a tradução de Péricles.

A maravilhosa dona Lourdes ergue os olhos na minha direção.

— Isso mesmo, eu conheci ele muito bem — ela diz. — Éramos vizinhos naquela época. Ainda me lembro como ele apareceu por aqui de repente, cansado, esgotado. A irmã, Dadainha, amava muito ele. Ela tinha vindo morar aqui por causa da tuberculose. O ar aqui é bom, o senhor sabe. Eu tocava piano para João. Às vezes, ele cantava. Cantava tão bonito!

— Cantava alto? Baixo?

— Fazia umas experiências com a voz. Às vezes, só cantarolava, como se sua voz fosse um instrumento.

— Era louco, como tanta gente diz? Andava por aí de pijama?

— Na minha casa, sempre apareceu vestido decentemente. Eu achava ele muito simpático. Acho que precisava desta paz daqui. Das montanhas e de ninguém ficar olhando para ele, querendo alguma coisa.

— A senhora e ele se apaixonaram?

— Não, ele já tinha outra moça aqui na cidade. Uma professora primária.

— Ele teve uma namorada aqui, um amor?

— Ele arrastava uma asa e tanto, eles se viam muito e passavam bastante tempo juntos. Mas nunca se beijavam. Era estranho mesmo. Eu sempre me perguntava o que era aquilo, porque pareciam tão próximos, feitos um para o outro. Talvez, por alguma razão, não pudessem ficar juntos. Então, um dia ele foi embora. Sem se despedir. Disso, ainda guardo um pouco de rancor.

Será que uma mulher é a culpada de tudo? Uma mulher que João não pôde ter? Ele não terá sido o primeiro a pirar por causa disso.

Tristeza não tem fim,

Felicidade, sim.

— A senhora sabe o nome, tem algum contato com essa mulher?

— Esta minha cabeça velha já está cheia de buracos, meu filho.

— Dadainha e Péricles ainda moram aqui?

— Não, eles se mudaram. Mas não sei para onde.

— E onde era a casa? Isso a senhora sabe, não é?

— Sei. É uma casa colonial, lá no centro da cidade. Na praça Barão de Guaicuí.

Meu coração faz “bim bom”, como na velha canção de João. Despeço-me de dona Lourdes com um beijo em sua bela mão enrugada, e dou a Péricles meu número de telefone, caso ele se lembre de mais alguma coisa. Depois, saio em disparada, em busca do meu violão.

Favor não tomar banho!

A construção colonial é um grande casarão pintado de verde e branco, com seis portas de madeira no térreo e a mesma quantidade de amplas janelas no piso de cima. Diante da casa, tem uma cercazinha, também ela pintada de verde e branco. Ao lado, uma loja de suvenires com toda sorte de quinquilharias e cartões-postais. Duas ou três pessoas circulam à toa por ali, telefonando ou fumando. Na entrada do casarão, lê-se: “Imobiliária Solar — Compra, Venda e Administração. Perícia e Avaliação de Imóveis”. A casa de João, onde nasceu a Bossa Nova, é hoje uma imobiliária!

— Bom dia — digo ao entrar, o violão apoiado no ombro como um fuzil.

— Bom dia — responde um jovem de cabelos pretos, vestindo camiseta marrom e jeans.

É José Walter Pereira da Silva. Está sentado a uma mesa escura de madeira, diante de um *laptop* . A seu lado, uma pilha de documentos. O parquete do assoalho é em zigue-zague, e dois ou três quadros pendem das paredes brancas. Tudo muito arrumadinho. O corretor olha um tanto irritado para o violão.

— É esta a casa onde morou João Gilberto? — pergunto.

— É. Lá por meados dos anos 50. Morou aqui em 1956, acho — ele responde.

— Eu gostaria muito de ver o banheiro.

— E o resto da casa também?

— Sim, por favor.

José me mostra a cozinha (quase vazia), o quintal (atulhado) e mais alguns cômodos. Quantos? Não sei, estou agitado demais. Então, abre uma porta no corredor.

Azulejos de um marrom-claro. Pia azul-clara. Porta-toalhas azul-claros. Porta-sabonete azul-claro. O espelho é engraçado, as luminárias também, em forma de flor. Vaso azul-claro. À esquerda, janela basculante. À direita, boxe com porta de correr.

O célebre banheiro é... um banheiro bem comum.

Ali ele ficava sentado. Por horas e horas. Dias e dias. Semanas e semanas. Meses e meses. Até encontrar o que procurava. Finalmente, também eu encontrei alguma coisa.

E como é pequeno! Cinco metros quadrados, no máximo. Como é que ele conseguia se acomodar ali com o violão? Só podia ficar sentado no vaso. A

Bossa Nova foi inventada na privada!

Sinto uma grande alegria, que me invade vinda de todos os lados.

— Sou o primeiro a vir aqui? O primeiro a ver este banheiro?

— O primeiro, não. Faz pouco tempo, uma equipe da televisão japonesa esteve aqui.

— Não!

— Esteve, sim.

— Com um violão?

— Não, isso não.

— E o banheiro ainda é o original?

— Infelizmente, não.

— Tem alguma mina de diamantes debaixo da casa?

— Não que eu saiba. Se tivesse, esta casa não existiria mais.

— Você me dá alguns minutos, por favor?

— Tudo bem.

Ao me trancar no banheiro, bato com o violão no batente da porta. Eu o retiro da capa, sento-me no vaso, afino as cordas, experimento dois ou três acordes — "Ho-ba-la-lá", é claro, embora eu não seja páreo para João; ninguém é. O som é duro e claro, pode-se ouvir cada nota, como Marcos Valle havia dito. Reverbera de todos os lados: de trás, da frente, da esquerda e da direita. É, de fato, um mundo em miniatura, longe de todos. Um mundo que só existe para si.

Ouço meu coração bater. Terá João ouvido o seu, da primeira vez que esteve ali?

É amor o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá uma canção
Quem ouvir o ho-ba-la-lá
Terá feliz o coração
O amor encontrará
Ouvindo esta canção
Alguém compreenderá
Seu coração
Vem ouvir o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá
Esta canção

Fecho os olhos.

— João, cadê você? — Dadainha chama. — Vem comer!

Nenhuma resposta.

— João! Péricles, você sabe cadê João?

— João! — Péricles chama. — Desce dessa privada!

Nenhuma resposta.

— João, faz horas que você está sentado aí!

Plim, plim, plim, ouve-se no banheiro. Um acorde de sétima se desfaz, decomposto em notas individuais que rebentam na parede de azulejos. João, com as costas tortas, debruçado sobre o violão, a cabeça tombada para o lado, só ouve aquelas notas. A privada é desconfortável; depois de algum tempo, todos os músculos se contraem, mas ele nem percebe. Segue tocando as mesmas notas, ora mais depressa, ora mais devagar. Toca um ré, um dó, um mi e, de novo, um acorde. Bate o polegar na corda lá, para fazer o ritmo; anular e médio buscam a melodia nas cordas mais abaixo. Não pode cantar alto, porque senão acorda a filha de Dadainha; além disso, não quer cantar alto, para não abafar o som do violão. Canta baixinho, cantarola e, em algum momento, harmonia, ritmo e sua própria voz se fundem de tal maneira que já não é possível separar uma coisa da outra; a conjunção resulta em algo novo.

Batem na porta.

— João!

— Já vai, Dadainha, já vai — sussurra ele, tão baixo que ninguém ouve.

Terá sido assim? É assim que a arte funciona? É o lugar que faz o artista ou o artista que faz o lugar? O espírito de um homem permanece no local onde ele criou ou parte junto com ele? Os canos se lembram de quem lavou as mãos em sua água?

Ergo a tampa da privada, mijo, dou a descarga. A privada funciona muitíssimo bem, isso é certo.

José Walter bate na porta:

— Saia daí, por favor. Já chega!

Um velho amigo, dois novos amigos e um intérprete bem maluco

Sentimentos completamente opostos tomam conta de mim quando me vejo de volta à rua, defronte à Imobiliária Solar. Euforia, felicidade, endorfina, porque enfim encontrei o banheiro, aquele lugar tão decisivo. Confusão, insegurança, perplexidade, porque não sei dizer ao certo o que tudo isso me traz.

Um cigarro, outro cigarro e um terceiro, logo em seguida: solucionei o mistério? O que foi que encontrei? Tenho o local do crime, umas poucas testemunhas, mas tenho o cadáver também? Ou, melhor dizendo: é o contrário disso, porque, afinal, é com uma ressurreição que estamos lidando.

Fixemos brevemente os conhecimentos adquiridos no banheiro. São dois:

1) Claro está que João não é claustrofóbico. Ele parece se sentir muito bem em espaços apertados ao extremo.

2) Uma pessoa que, todo dia, se tranca voluntariamente e se esconde do mundo num ambiente claustrofóbico também não há de estar lá muito bem. Depressivos isolam-se com frequência, trancam-se num quarto, recusam-se a conversar. E, embora não saibamos com certeza se João era depressivo, se fumava muita maconha ou bebia demais quando se refugiou em Diamantina, sabemos ao menos que ele chegou à cidade num estado bastante precário e confuso. Sua família e os amigos estavam preocupados com ele; preocupava-os que ele acabasse por perder o juízo. Ali, ele haveria de se curar — de algum abalo.

Mas *como* ele vivia? Só no banheiro? Ou levava também uma vida normal fora dele, como dona Lourdes havia dito? Eu precisava de outra testemunha, mais próxima de João. Alguém que de fato tivesse privado de sua intimidade.

O telefone toca.

— Alô? Permita-me me apresentar. Meu nome é Bernardo Silva. Como vai? — diz uma voz num inglês um tanto peculiar.

— Vou bem, Bernardo Silva. Quem é você?

— Uma amiga de Péricles me falou de você e me deu seu número. Você está atrás da história de João Gilberto?

— Estou.

— Talvez eu possa ajudar. Estudo letras, inglês, e conheço pessoas que

doutoraram sobre ele?

— *Doutoraram* ?

— Não, como se diz? Que estudaram ele. E conheço um amigo também.

— Um amigo de João?

— É. Ele se chama Geraldo. Vem do alemão, não é?

— Sim.

— Quer me encontrar?

— Quero.

— Onde?

— No bar A Baiúca.

— Está bem. Às quatro.

Bernardo já está sentado quando chego. Uma Coca-Cola repousa sobre uma mesa oblíqua diante do bar. A inclinação do chão é tamanha que o refrigerante quase escorrega da mesa.

Bernardo tem cabelos pretos encaracolados, um sorrisinho na boca o tempo todo e se parece com o cabaretista bávaro Gerhard Polt, quando Polt tinha trinta anos.

— Bom dia, bem-vindo! — ele me cumprimenta. — Como está o seu dia?

— Meu dia está bom, Bernardo. Quem é esse Geraldo?

— Era o melhor amigo de João Gilberto, quando ele morava. Aqui. É um homem rico, muito simpático, posso ligar. Quer?

— Por favor.

— Tem outro homem, mais novo, o nome dele é Wander Conceição. Ele entrevistou muita gente de Diamantina. Sobre João Gilberto. Porque quer escrever. Um livro. Posso ligar. Também. Quer?

— Por favor!

Bernardo telefona. Uma vez. Duas.

— Geraldo Miranda. Encontramos às sete. Wander Conceição. Encontramos às nove. Bom?

— Muito bom. Vamos tomar uma até lá?

— Sim!

Duas horas mais tarde, um tanto bêbados, Bernardo e eu estamos na fazenda de Geraldo Miranda. Cai uma chuvinha fina, um chuvisco constante e quase imperceptível que, devagar, vai penetrando na roupa. A casa, uma construção colonial de mais de cem anos com um pátio, fica no topo de uma colina, da qual se tem uma bela visão das luzes da favela, mais abaixo, e da cadeia de montanhas no horizonte.

Geraldo Miranda é um homem magro e gentil, do gênero antigo senhor de terras. Trabalha há décadas para o Banco do Brasil. Sua sala está repleta de

livros, figuras em madeira, poltronas e sofás curvilíneos. Um museu do Velho Mundo. Nós nos sentamos, e eu desapareço no meio das almofadas.

— Como e quando o senhor conheceu João Gilberto, senhor Geraldo?

Geraldo mal fala inglês. Bernardo traduz, à sua maneira, o que ele diz, mas a cerveja o tornou mais claro e fluente.

— João morou aqui oito meses, na casa da irmã. Minha família conhecia a família dele. Eu me encontrava com ele quase toda noite, e a gente saía.

— Aonde iam?

— Para os bares, para a rua.

— E como era sair com João?

— Eu passava lá, ou ele vinha aqui, para encontrar a mim e a meu irmão. E a gente ia passear.

— Como ele estava naquela época?

— Era um homem simpático e atencioso. Falava muito, sobre música, política.

— Política?

— É, sobre a América, os Estados Unidos. Vivia dizendo que detestava o estilo de vida deles. “Sou metade socialista”, dizia. O que é engraçado, porque, depois, no começo dos anos 60, ele se mudou para Nova York.

— Dizia alguma coisa sobre por que ele fugiu do Rio?

— Não. Nunca disse uma palavra sobre por que estava aqui e o que tinha acontecido no Rio. Mais tarde, algumas pessoas disseram que teve problemas por lá. Que tinha tomado drogas e vindo para cá para se recuperar. Disso, não sei nada. Só a música importava para João.

— Ele bebia nos bares?

— Não, quase nunca. Muito de vez em quando, uma cerveja.

— O que as pessoas de Diamantina pensavam dele?

— Que era doido, excêntrico.

— Por quê?

— Falava com as mulheres.

— Falava com as mulheres?

— É, não era costume. Diamantina era muito tradicional, muito católica. Mas, quando João via uma mulher e gostava dela, ele ia falar com ela, recitava poemas, contava belas histórias. Algumas mulheres tinham medo. Trocavam de calçada quando ele vinha vindo.

— Ele *flertava* ? Não era tímido, como sempre se diz?

— Não, era rápido e, como se diz? Coquete. Uma vez, apresentei minhas seis irmãs a ele, e todas se chamam Maria. “Maria é um belo nome”, João disse. “Combina bem tanto com um anjo como com uma pecadora.” Minhas irmãs

coraram.

— É verdade que ele tinha uma moça aqui?

— Talvez uma mulher de Montes Claros. Não conheci. João é homem que sabe guardar seus segredos.

— Ele tinha algum tique, alguma maluquice?

— Era sistemático. Uma vez, ele me mostrou como exercitou o dedinho por um mês, para poder tocar violão de um jeito diferente, novo. Tocava no banheiro, sempre a mesma nota, a mulher que morava em cima dele ficou maluca. Começava às quatro da manhã e tocava dez horas, todo santo dia. Muitas vezes, ele se queixava de cantores que tinham um vozeirão, uma voz alta. Eram exibicionistas, dizia, e exibicionismo não produz arte. Uma vez, estávamos numa festa, o barulho era grande, perturbava ele que ninguém conseguisse ouvir aquela sua voz pequena. João pegou uma pedra e jogou ela na rua. Fez um estrondo, todos ficaram quietos, todo mundo olhou para ele. João não disse nada. Ah, é, e tomava banho com sopa de coco, todo dia.

— *Sopa de coco* ? Tem certeza, Bernardo?

— Não, desculpe, *sabão de coco* . Porque é muito bom para a pele.

Com dificuldade, emerjo das almofadas do sofá. Estou *lost in translation* . Sabão de coco, metade socialista, João que flerta... Havia uma mulher ou não? O caso não está ficando mais fácil.

— Geraldo, você alguma vez viu João triste, depressivo, com alterações de humor? Afinal, depois de sair de Diamantina, ele recebeu tratamento psiquiátrico por um tempinho.

— Não. A única coisa que eu sentia sempre era que a cabeça dele estava à frente da dos outros. Porque ele tinha uma visão. E como os outros não entendiam isso, achavam ele estranho.

Concordemos em uma coisa, que vamos estabelecer como resultado dessa investigação: se João chegou a Diamantina com depressão, então aprendeu a lidar com ela por intermédio da música. Canalizou para o violão a solidão que sentia dentro de si próprio e ao seu redor. E o violão em algum momento respondeu, na medida em que transformou o desamparo de João em novos som e ritmo, naquela fórmula de que Carlos havia falado na Toca do Vinicius. A fórmula mediante a qual João é capaz de se apropriar de cada canção e de cada humor, independentemente de como, em cada momento, se configura o mundo em torno dele. Daí em diante, tornaram-se inseparáveis, João e sua fórmula. Daí em diante, sua saúde psíquica passou a depender do funcionamento dessa fórmula, e não de pessoas, amigos, mulheres ou de outros músicos. Daí em diante, ele soube que podia não apenas suportar como também utilizar a solidão — sim, e que daí por diante *precisaria* dela para sempre e sujeitaria a ela tudo o

mais.

Entrava sem forças no banheiro; saía dele fortalecido.

Foi precisamente isso que confirmou mais tarde, na Baiúca, o amigo de Bernardo, Wander Conceição, um quarentão obcecado por João Gilberto, que quer transformar a Imobiliária Solar em patrimônio cultural da humanidade. João sabia o que estava fazendo, sabia aonde queria chegar e fez até mesmo uma profecia: “Vou ficar famoso e ser tocado no rádio e na televisão”, anunciou ele, segundo Wander, às pessoas em Diamantina.

E, como uma confirmação, quando chego a meu hotel mais tarde e vou olhar meus e-mails, recebo uma mensagem do Facebook de João Gilberto Prado Pereira, perguntando se, por favor, eu não poderia me candidatar de novo a ser seu amigo. Posso, claro, e, dois minutos depois, sou seu amigo número 5007 — de João ou de quem quer que se oculte por trás de seu nome. De novo, que significado isso tem? Eles sabem que estou aqui, em Diamantina? João andou telefonando de novo? Otávio mexeu os pauzinhos? Ou terá sido meu baseado? Estamos agora mais próximos?

O telefone toca. É Watson. Ela me comunica que Claudia Faissol, a namorada de João e mãe de sua filha de seis anos, Luisa Carolina, está disposta a se encontrar comigo. Preciso voltar para o Rio.

Copacabana Palace

Em geral, a fachada branca do hotel Copacabana Palace ergue-se feito a muralha inexpugnável de um castelo junto da avenida Atlântica. Ela reflete a luz do sol e constitui o último bastião verdadeiramente dourado do bairro. Assim como o Negresco de Nice ou o Carlton de Cannes evocam épocas passadas, o Copacabana Palace traz de volta à lembrança a era dos astros de cinema das décadas de 1950 e 60 e os tempos da Bossa Nova. Tyrone Power, Frank Sinatra, Ava Gardner, Rudolf Nuréiev, Edward G. Robinson, Noel Coward, Henry Fonda, John Wayne, Kirk Douglas, Errol Flynn, Orson Welles — todos eles já se hospedaram ali. Tivesse F. Scott Fitzgerald alguma vez passado pela cidade, ele teria mudado o título de seu conto "Um diamante tão grande como o Ritz" para "Um diamante tão grande como o Copacabana Palace". Muito provavelmente, trata-se do melhor hotel do mundo, porque fica na praia e no Rio, e porque é tranquilo, mas seu bar está sempre cheio.

Hoje, o castelo encontra-se sitiado. É impossível chegar perto. Meu taxista até tenta, mas sem chance de sucesso. Volta e meia uma barreira, volta e meia uma das adolescentes agitadas de catorze ou quinze anos tromba com o capô do táxi. Uma multidão de seiscentas a setecentas delas bloqueia o hotel. Algumas maquiadas de branco.

O que está acontecendo é o que quero saber. Estarão felizes porque Dilma ganhou a eleição? Ou estão protestando contra Dilma, que ganhou a eleição — como fantasmas?

— Não tenho ideia — diz o taxista.

Tudo aconteceu muito rápido desde ontem à noite, quando voltei de Diamantina. Ainda sem pensar muito, decidi sair do Ipanema Penthouse e me hospedar aqui por alguns dias, nesse velho e lendário hotel. A decisão tem a ver sobretudo com Claudia. Ela é namorada de João, mulher de alta classe, belíssima — preciso impressioná-la um pouco. Ela poderia me esclarecer a vida de João como nenhuma outra pessoa que encontrei até o momento; pode se tornar minha testemunha suprema. *Cherchez la femme* .

Além do mais, o Copacabana Palace oferece uma tal de "massagem Bossa Nova". Depois de onze horas dentro de um ônibus, talvez seja exatamente o que eu preciso.

Centenas de olhos adolescentes me observam enquanto tento abrir caminho

até a entrada do hotel, munido de mala de rodinhas e violão. Algumas delas se postam na minha frente e agarram meu braço.

— *Who are you, mister? Who?*

— *Just a poor, lonesome detective.*

No saguão, Watson está à minha espera. Ela exibe nova tatuagem no ombro: uma caveira feita de pétalas de rosas. Rindo alto, ela vem gingando em minha direção:

— Quase não me deixaram entrar. Você sabe quem está hospedado aqui?

— Robbie Williams? Snoopy? O espírito de Michael Jackson?

— Que nada! Vou listar para você. Vamos lá: Vin Diesel, o ator, a banda *teen* Jonas Brothers e Brandon Routh, que fez o *remake* do *Superman* , *Superman returns* , caso você se lembre.

— Não me lembro, porque achei uma blasfêmia terem tentado isso depois da morte do Christopher Reeves.

— Tanto faz, Sherlock. O melhor vem agora. *Você tem ideia de quem mais está aqui?*

Watson está curtindo de verdade o suspense.

— Não, Watson, não tenho.

— Então se segure: Kristen Stewart e Robert Pattinson, as estrelas de *Crepúsculo* ! Estão filmando a última parte da saga aqui perto do Rio! E alugaram o apartamento de cobertura. Todo mundo diz que está rolando alguma coisa entre os dois!

Eu olho para o recepcionista, que estava ouvindo aquilo tudo. Ele faz que sim com a cabeça.

Vampiros, vampiros por toda parte. Primeiro, João; depois, Otávio; e, ainda por cima, as personagens de Stephanie Meyer e as adolescentes com o rosto maquiado de branco na frente do hotel. Agora é que eu preciso mesmo de uma massagem. Solicito ao recepcionista que ligue para o Beauty Center para marcar uma hora, peço dois *club sandwiches* e, por fim, Watson e eu seguimos o funcionário, que, carregando mala e violão, nos conduz a meu quarto.

É um quarto maravilhoso; não senti vontade nenhuma de ser sovina. Fica no sexto andar, na parte nova do hotel. Da sacada, vejo a piscina, o restaurante e a praia, mais atrás. Da piscina sai, neste momento, um homem de cabelos escuros e uma bela barriga. Um empregado do hotel, vestido de branco, lhe estende uma toalha antes mesmo de uma única gota pingar no chão. *Superman* ?

— Ao que tudo indica, as investigações vão indo muito bem — Watson comenta, olhando em torno.

— Isso é o que nós vamos saber já, já, quando você me fizer seu relatório — respondo. — Quer uma cerveja?

Nós nos sentamos na sacada, onde há um pouco de sombra.

— Eu me encontrei com Joyce, a cantora — Watson começa. — A que visitou João no México e passou metade de um dia com ele no hotel de Nova York. Aliás, uma mulher maravilhosa, muito bonita!

Watson parece apaixonadíssima.

— E o que ela contou?

— Você quer que eu diga ou prefere ler? Escrevi alguns relatórios.

Orgulhosa, ela ergue sua bolsa.

— Me conta. Sou fã da palavra falada.

— Está bem. Bom, diz Joyce que João hipnotiza as pessoas. E que é preciso tomar cuidado para que ele não entre na gente e tome posse feito uma jiboia. No livro que ela escreveu sobre a vida dela, o capítulo dedicado a João se chama "O medo".

— Ela revelou como ele faz?

— Sim. Acima de tudo, com aquela voz baixa. E não te olha nos olhos. Ele chega a você em silêncio completo, só pela simples presença, com seu violão, as histórias que conta. E vai rastejando para dentro.

— Tem alguma coisa de sexual nisso aí?

— Não, é uma coisa espiritual. Como um curandeiro indiano ou coisa do tipo.

— O que aconteceu no quarto de hotel em Nova York?

— Ele tocou violão e falou, tocava e falava. Foi como se um mantra envolvesse todo o seu ser, disse Joyce. Eletrizante, estranho, espraiando-se. Ela teve de escolher entre ir embora e nunca mais ter coisa nenhuma a ver com ele ou ficar e se transformar nele, para sempre. Saiu correndo do quarto. Ele chamou ela, pediu que voltasse. Desde então, ela nunca mais viu João nem quer ver.

— Hmmm. E o que mais?

— Eu me encontrei com Miele também.

— Quem é ele mesmo?

— Diretor e produtor de shows de tv da Bossa Nova. Uma figura lendária, 72 anos, com uma barba maluquíssima, como a do Conde do *Vila Sésamo* . Ex-estrela infantil também. Nos anos 60, andava por aí sempre de fraque. Nessa época, trabalhou com o amigo Ronaldo Bôscoli nos bares do Beco das Garrafas e, mais tarde, fez durante três décadas o programa de tv do Roberto Carlos, o maior ídolo popular do Brasil.

— O que ele faz hoje?

— Se apresenta regularmente na casa de espetáculos do Plataforma, no Leblon. Faz uma espécie de show da Broadway muito divertido, canta velhos clássicos. Ele me contou uma história muito interessante sobre João.

— Vamos ouvir, então.

— É uma história de vinte anos atrás. Bôscoli e ele queriam montar um show chamado “Chega de saudade”. Evidentemente, queriam que João participasse, mas, pelas razões costumeiras de João, claro que não rolou. Bôscoli sugeriu uma alternativa. Conhecia um sujeito chamado Anselmo, que tocava e cantava *exatamente* como João, uma coisa inacreditável: como uma cópia idêntica, ou quase melhor até, embora nunca tivessem se encontrado. A sugestão de Bôscoli era que fizessem a parte musical com Anselmo. Mas Miele ficou preocupado que João processasse os dois e, por isso, ligou para ele. “João, nós temos aqui um sujeito que toca e canta como você.” João respondeu: “Põe ele no telefone”. E os dois conversaram rapidamente. Então, João pediu a Anselmo que tocasse todo o repertório dele, João, que ficou o tempo todo ouvindo aquilo pelo telefone. Passadas duas horas, João mandou chamar Miele e disse: “Tudo bem, pode fazer”.

— Uau, tremenda história! E que fim deu esse Anselmo?

— Praticamente sumiu. Nunca mais apareceu. Talvez porque ninguém precise de um segundo João. Além disso, mora na Zona Norte. Não é um bom lugar para um artista que quer ficar famoso.

— Será que a gente consegue achar o cara, para ele tocar “Ho-ba-la-lá” para nós e revelar os truques de João?

— Miele está vendo isso. Está tentando descobrir o número do telefone para fazer contato.

Batem na porta. Serviço de quarto. Entram dois *club sandwiches* de aparência excepcional e batatinhas fritas.

Enquanto comemos, conto a Watson o que se passou em Diamantina. Falo sobre Péricles e dona Lourdes, sobre Geraldo Miranda e Wander Conceição, sobre o banheiro, o maluco do Bernardo, e conto a ela que, agora, sou amigo de João no Facebook, seja lá o que isso signifique. Relato que, agora sabemos, João não viveu como um completo eremita em Diamantina, de jeito nenhum: tinha amigos, flertava com as moças e se trancava no banheiro porque tinha uma ideia do que encontraria ali. Tinha, aliás, até mesmo um plano.

Watson ouve tudo aquilo com grande interesse. Não consegue de modo algum imaginar um João namorador.

— Mas isso significa, então, que ele só virou vampiro *depois* de Diamantina, não? Ou até bem mais tarde? Mas quando?

— Pois é, é isso mesmo — digo.

Watson me passa um pedaço de papel com um número de telefone. É o número de Claudia.

— Ligue para ela, agora mesmo!

A dança dos vampiros

Liberto de toda tensão, com músculos de fato “relaxados”, encosto no balcão do Bar do Copa, a boate pertencente ao Copacabana Palace. Passa um pouco da meia-noite. Visto meu melhor e único terno (cinza-claro), bebo um gim-tônica e estou no melhor do meu humor.

Por três motivos:

1) Há poucas horas, fiz minha “massagem Bossa Nova”. E, ainda que no decurso dessa massagem caríssima (cerca de trezentos euros) de duas horas e meia eu não tenha descoberto o que havia nela de “Bossa Nova” (a música, certamente que não, porque o que tocou foi um instrumental de guitarra pavoroso, que João teria abominado), a massagem em si com certeza surtiu efeito. Fui muito bem massageado por uma massagista brasileira, mergulhado em seguida numa banheira com água quente de flores e ganhei até mesmo uma refeição do restaurante Cipriani, acompanhada inclusive por uma tortinha de chocolate.

2) Antes ainda da massagem, e obedecendo à rigorosa determinação de Watson, telefonei para Claudia Faissol. Ela tem uma voz muito agradável (até mesmo sexy), fala um inglês excelente e concordou de imediato em se encontrar comigo. Marcamos para amanhã à tarde. Ela prometeu me ligar um pouco antes, para me informar o local exato do encontro, que deve acontecer em algum ponto da Lagoa.

3) Não me encontro no Bar do Copa numa noite qualquer, e sim precisamente na noite da sexta-feira em que acontece uma festa para o elenco e a equipe de *Crepúsculo* . Trata-se, portanto, na prática, de uma festa vampiresca, à qual comparecerão nada menos que o vampiro supremo, Edward (Robert Pattinson), e sua namorada, Bella (Kristen Stewart). E eu — sim, eu — vou falar com eles, porque tenho algumas perguntas urgentes a fazer. Como ser amigo de uma criatura dessas sem se transformar num vampiro? Quanto amor é necessário para sobrepujar a sede de sangue de um vampiro, de modo a que ele queira proteger de si mesmo sua vítima em potencial, sem, no entanto, deixá-la? Sangue doce sobe mais depressa à cabeça de um vampiro do que sangue não tão doce? Os dois devem saber e precisam me dizer.

O anseio de João e o anseio dos vampiros — tudo agora se coaduna. E a história da cópia perfeita de João circulando por alguma parte do Rio também

me soa muito bem.

Tudo perfeito, portanto, nesse bar iluminado por complicadas luminárias de aço que lançam uma luz difusa sobre os clientes. Um dj toca alguma canção de um grupo francês de *house* . Presentes estão assistentes de direção, iluminadores, gente da produção, figurantes, atores; dândis e mulheres para exibição oriundos da vida noturna do Rio de Janeiro; uma porção de prostitutas de luxo; e hóspedes do hotel, como eu. É perfeito.

Peço o segundo gim-tônica. Quando a bebida chega, uma mulher baixinha de vestido tomara que caia preto se enfia a meu lado, junto do balcão. Ela tem um rosto muito bonito, ainda que um pouco pálido, e cabelos pretos semilongos. Calculo que esteja na casa dos 25, mais ou menos.

— Mais um uísque com Coca-Cola, por favor.

O *barman* olha para ela como se já se conhecessem, como se ela lhe pedisse um uísque com Coca-Cola de cinco em cinco minutos. A bebida chega voando. A mulher dá uma mexidinha na mistura e, então, num amplo arco, joga o canudinho de plástico amarelo no meio da multidão de dançarinos.

— *Cheers* — diz ela, voltando-se para mim.

— *Cheers* .

— Que turminha mais deplorável... — queixa-se.

— Por enquanto, não está tão ruim — respondo.

— Só tem americanos ricos e putas querendo trepar com americanos ricos. Bom, se é o que você quer, veio ao lugar certo.

— Não sou americano — digo. — Só um sujeito à espera dos vampiros.

— Pattinson e Stewart, você quer dizer? E acha mesmo que vão aparecer?

— São vampiros. O que mais podem fazer?

— Sentar à beira de uma piscina privativa, uns quarenta metros acima de nós, e cheirar coca, por exemplo?

— Hmmm, você acha?

— Acho. Como você se chama, sujeito estranho?

— Marc. E você?

— Bella.

— Como a namorada do vampiro? Não acredito.

— Acredite você ou não, não muda nada: é verdade. Meu nome é Bella, Bella Reis. Muito prazer.

Eu olho para ela, Bella Reis. De fato, não é alta, tem cerca de um metro e sessenta, calculo. E é mesmo muito bonita. E muito pálida também. Na panturrilha da perna esquerda, vejo a tatuagem de uma faca perfurando um coração que sangra. As gotas de sangue escorrem até o calcanhar.

Será que é uma vampira?

— Por que você é tão branca?

— Cuido da minha pele, só isso. As pessoas aqui no Rio passam muito tempo no sol. Você tem ideia de quantos novos casos de câncer de pele aparecem a cada ano? É um horror, acredite. Bebe mais um?

— Vamos lá.

Uísque com Coca-Cola e gim-tônica em menos de vinte segundos.

— Vamos dançar — diz Bella.

Ela me puxa em direção ao dj , que a cumprimenta. Depomos as bebidas e nos sacudimos um pouco, um diante do outro. Ela se mexe bem, como alguém acostumada há décadas a sair à noite. Os outros nos observam. Olho em torno, à procura de Pattinson e Stewart, mas não estão em parte alguma.

— *Fuck* ! — ela diz. — Assim não dá. Só tem babaca e idiota por aqui. Você tem certeza de que quer ficar?

— Os vampiros... — respondo.

— Eu sou cem vezes mais vampira do que qualquer um que você possa encontrar por aqui. Vamos para outro lugar. Decida-se, e rápido!

— Está bem.

Bella engole sua bebida de uma vez, corre até o caixa e paga a conta. Vou atrás. Por alguma razão, não paguei nada.

Ela me dá o braço e, na avenida Atlântica, chama: “Táxi!”. Alguns turistas sexuais passam por nós, bêbados, a caminho do Dolce Vita.

— Não vou dormir com você — ela me diz, no assento traseiro do táxi.

— Tudo bem, Bella.

O carro avança pela praia de Copacabana, atravessa Ipanema e segue rumo ao Leblon. De repente, estamos diante de um clube de telhado curvo. Na frente dele, vejo uma porção de jovens agitados. Bella abre caminho, puxa para si a mulher à porta, e somos liberados para entrar.

— Cem reais por pessoa, mas a gente pode beber quanto quiser. Está bom, não está?

De fato, está muito bom.

O barulho é grande, de novo a música de David Guetta. Está muito cheio e muito escuro. Eu me perco de Bella de imediato. Bebo o terceiro gim-tônica e converso com algumas pessoas sobre João. Há muitos e muitos anos, séculos atrás, ouviram falar alguma coisa dele, dizem. Bebo meu quarto gim-tônica e me apresento, como farei amanhã com Claudia. No quinto gim-tônica, Bella está de novo a meu lado.

— Mas você nem dança!

— Só bebo, só bebo — balbucio.

— Venha, dance comigo!

Nós nos enfiamos pela multidão, nos abraçamos um pouco, completamente bêbados, e tentamos dançar. À minha frente, tudo gira: Bella, os outros, que volta e meia trombam na gente, a noite, o Rio, minha missão. Vejo João, com seus óculos grandes, sentado diante de mim, a cabeça inclinada, sorrindo um pouco e dizendo apenas: “Ho-ba-la-lá, ho-ba-la-lá, ho-ba-la-lá”. Sinto alguma coisa em minha nuca, bem de leve, um beijo, uma mordida, Bella, João?

De repente, sinto medo. Ele se arrasta para dentro de mim, úmido e gelado, como a jiboia de que Joyce havia falado. Tenho medo de não ser mais o mesmo. Medo de perder alguém.

Um medo que traz uma imensa solidão.

Eu me solto e saio correndo em direção à porta. Como quem tenta libertar-se de cipós, agito-me por entre os dançarinos. Empurro-os para longe, para o lado, dou a volta neles, que me olham como se eu fosse um louco, e é, aliás, como um louco que me sinto: preso em algo que é maior do que eu e que ameaça me subjugar.

Então, caio.

Não sei o que foi, se um degrau ou uma das mesinhas, talvez montada por algum idiota muito perto da pista de dança. Só sei que bati a canela esquerda com toda a força contra alguma coisa muito dura, e que a dor é tão grande que me derruba das pernas, e eu desabo no chão sujo, entre pessoas sentadas, dançando ou de pé. Seguro a perna e tenho a impressão de que ela está quebrada, foi arrancada fora ou coisa ainda pior.

Leva um tempo até que, auxiliado por um par de braços, eu consiga me levantar. Hesitante e alheio, estou de pé. Dói, estou mancando, a dor aumenta ainda mais. A caminho do banheiro, examino o ferimento, que é grande e profundo. Sangue escorre por minha perna, um bocado de sangue. A calça de algodão está encharcada.

Não sei bem como, mas, com uma meia e papel higiênico, consigo enfaixar minha perna. Quando me olho no espelho em cima da pia, vejo que estou pálido como jamais estive.

Estou me transformando em outra coisa, mas em quê?

Um blindado preto contendo os guerreiros do Bope passa por mim, que estou sentado num táxi. Querem conquistar sua próxima favela. São o contrário dos vampiros: são caçadores de vampiros. Que bom que não me veem.

O momento mágico, transformador

Quando acordo, a cama está manchada de sangue, como se alguém ali houvesse cometido um assassinato. Com a perna desinfetada e enfaixada, mas ainda dolorida, estou deitado junto da piscina do Copacabana Palace. Contemplo o céu e penso em João.

Quando, em 1957, ele retorna de Diamantina e do breve tratamento psiquiátrico em Salvador, é um homem mais rico do que quando partira do Rio, em consonância com as leis típicas do romance de formação. Encontrou sua voz e um estilo que o torna inconfundível. Só que o mundo ainda não sabe de nada disso. E quantas vozes já não se perderam porque o mundo nunca lhes deu ouvidos?

Além disso, nem tem mais um violão. Supostamente, penhorou o dele.

Não, profissional ele ainda não é.

Ruy Castro descreve isso com muita beleza em sua bíblia da Bossa Nova, *Chega de saudade* . Ele conta como João circula pelo Rio, perdido, depois de dois anos de ausência. Como visita velhos amigos e se hospeda na casa deles, mas vivem mandando-o embora, porque João não paga aluguel, não faz faxina, não cozinha nem ajuda em coisa nenhuma. Como pede a um colega cantor que compre um violão, para que ele próprio possa utilizá-lo, mas, depois, toca o tal violão apenas duas vezes. Como volta e meia desaparece com violões de outras pessoas. Como até mesmo seu velho protetor, Luís Telles, o põe no olho da rua, porque não suporta ver tamanho desperdício de talento. Como João se recusa a tocar nas boates, porque, nelas, as pessoas falam demais e fazem uma barulheira com os copos. A única boate de que gosta é a do Plaza, porque, nessa, o público se compõe sobretudo de músicos que nada mais querem do que se divertir e ensaiar, como é o caso do pianista Johnny Alf, do baterista Milton Banana ou de João Donato, que à época ainda tocava principalmente acordeão.

Empolgado mesmo João só fica depois de conhecer Roberto Menescal e Carlos Lyra — que todo dia, como se embriagados, escrevem canções novas, ágeis e legais —, e Tom Jobim. O fotógrafo Chico Pereira, que à época fazia todas as capas da gravadora Odeon, tinha recomendado a João que fizesse uma visita ao compositor, que trabalhava na Odeon como produtor. Muita coisa aconteceu na casa desse Chico Pereira. Foi ele quem, pela primeira vez, gravou em fita cassete o novo som de João; e foi ele quem, cheio de entusiasmo,

convidou a sua casa os produtores que, mais tarde, ofereceriam contratos aos bossa-novistas.

— Jobim mora na rua Nascimento e Silva, 107 — Pereira disse a João. — Vá até lá e toque alguma coisa para ele.

Tom e João já haviam se encontrado algumas vezes, mas nunca tinham sido muito próximos. João fica nervoso ao tocar a campainha de Tom Jobim, que, nesse meio-tempo, passou a exercer alguma influência. Mas, depois de tocar "Bim bom" e "Ho-ba-la-lá", ele se acalma ao ver o entusiasmo de Tom. O compositor compreende que está diante de algo novo, de um jeito de cantar e formar acordes capaz de dar início a um gênero inteiramente novo. Ele vê a fórmula.

E tem também uma canção que talvez combine com João. Uma canção que havia escrito com Vinicius seis meses antes: "Chega de saudade".

Mas o problema é que já entregou a canção a outra pessoa: à cantora Elizete Cardoso, com quem Tom e Vinicius estão prestes a gravar um álbum. O disco, *Canção do amor demais* , sai em maio de 1958 e, décadas mais tarde, será muitas vezes citado como a primeira manifestação real da Bossa Nova — não em razão do canto carregado demais de Elizete, e sim porque João toca violão em duas faixas: "Outra vez" e "Chega de saudade". Ao fazê-lo, ele se apaixona por "Chega de saudade", que fará de tudo para gravar ele próprio, ou seja, para cantar e tocar a canção do jeito que *ele* deseja.

João sente que aquela é *sua* música e, pela primeira vez na carreira, consegue reunir a energia necessária e concentrar-se de tal forma nesse objetivo que, depois de muitos preâmbulos, promessas e súplicas, de fato grava "Chega de saudade". No início de julho de 1958, entra num estúdio com Jobim, orquestra e Milton Banana e registra a canção num 78 rotações para a Odeon.

A gravação é difícil. João discute diversas vezes com músicos e técnicos, queixa-se de notas erradas que só ele ouve; para tudo, recomeça. Por fim, briga até com Jobim, em geral tão calmo. Diz a Tom que ele não entende nada, que não tem noção e que é um idiota. Já se anuncia aí o estresse que, também no futuro, sempre haverá entre os dois e que acabará conduzindo ao desentendimento em torno do caso Sinatra. Apesar disso, o disco fica pronto, com "Chega de saudade" de um lado e, do outro, "Bim bom", uma canção que ocorreu a João enquanto ele observava as lavadeiras de Salvador caminhando para o rio com seus cestos cheios de roupas. As duas faixas soam fantásticas, novas e estimulantes:

O volume baixo em vez do alto. A leveza em lugar do peso. A juventude em vez da velhice. A vida em vez da morte.

E tudo isso em um minuto e 59 segundos, ou seja, ainda mais breve do que as

típicas canções do *punk rock* , que, vinte anos mais tarde, produziriam um novo movimento das juventudes inglesa e norte-americana.

"Chega de saudade" não se abate sobre o Brasil feito uma tempestade. Não de imediato. A canção provoca o que toda nova forma de arte suscita, quando, por ser bom, o novo ameaça o velho: resistência, repugnância, incompreensão. Um gerente de vendas da Odeon de São Paulo a caracteriza como "essa merda que o Rio manda para a gente". Apesar disso, o disco chega ao mercado. João dá entrevistas, se apresenta, se empenha, porque sabe que aquela é a sua chance.

E, então, "Chega de saudade" efetivamente se impõe. Toca nas rádios, nas lojas de discos e na televisão. Toca nas casas e fora delas, apega-se às pessoas e muda alguma coisa. De repente, muita gente jovem quer tocar violão, em vez de piano ou sanfona; de repente, o violão deixa de ser coisa de vagabundos à toa pelas rodoviárias e passa a ser representativo dos jovens poetas que se quer ter nas próprias festas. De repente, ele significa juventude, sexo e uma maneira nova de ver o mundo.

Mais tarde, o jornalista, compositor e produtor musical Nelson Motta, com treze anos à época, descreverá esse momento da seguinte forma, em seu livro *Noites tropicais* :

> Foi como um raio. Aquilo era diferente de tudo que eu já tinha ouvido, fiquei chocado, sem saber se tinha adorado ou detestado. Mas quanto mais ouvia, mais gostava. Na volta ao Rio comprei o disco, comi a cozinheira e abandonei a natação.

A voz de João se espalhou. É ouvida, perturba, é admirada e amada. Primeiramente, no Rio; depois, em fevereiro de 1959, quando sai o álbum *Chega de saudade* , em todo o país — ou melhor: no mundo todo. A fórmula se espraia, e João nem precisa exigir o *copyright* , porque dois compassos bastam para deixar claro que só há uma pessoa capaz de tocar daquele jeito.

Ou será que existe uma segunda, a quem posso encontrar ali mesmo, no Rio de Janeiro? Alguém que tenha a força, como sempre dizem os cavaleiros de Jedi em *Guerra nas estrelas* ?

Que tipo de sujeito é esse tal de Anselmo? Uma cópia? Um gênio? A cópia de um gênio?

Gemendo, eu me levanto e manquitolo de volta a meu quarto de hotel, a fim de praticar um pouco mais meu "Ho-ba-la-lá" ao violão. Não soa lá muito bom.

A garota de João

Passa um pouco das cinco da tarde. Estou sentado num banco junto da lagoa em torno da qual se agrupam os bairros Lagoa, Ipanema, Leblon, Jardim Botânico e Humaitá. No calçadão, *joggers* passam correndo por mim. À minha frente, dois ou três esqueitistas treinam no *half-pipe* , molecada abastada de rua.

Espero por Claudia.

"Nos encontramos lá nos *skaters* ", ela havia dito.

É que ela estava com a menina, filha dela e de João, que precisava sair um pouco.

Os esqueitistas estão ali, mas Claudia e a filha, não. Será que mudou de ideia? Será que conversou com João, e ele a proibiu de falar comigo? Seria o fim da minha testemunha suprema! E não me resta mais muito tempo no Rio. Pouco a pouco, meu dinheiro está se acabando.

Nuvens aparecem. Vai chover.

Recapitulemos os fatos outra vez. Claudia é filha de um bem-sucedido dentista do Rio de Janeiro. Na foto do Facebook, ela está segurando um violão e lembra um pouco Carla Bruni. Mora em Ipanema, estudou jornalismo e música, trabalhou por um tempo como repórter da Rede Globo, organizando pesquisas de opinião, fazendo pequenas reportagens, matérias maiores. Casou-se aos 25 anos; do marido, não há muito a dizer. Em algum momento, ela pediu demissão do emprego para fazer um grande documentário — sobre João Gilberto. O mesmo João Gilberto que o que mais odeia neste mundo é documentário a seu respeito, razão pela qual, aliás, até hoje não foi feito nenhum. Claudia, no entanto, já apresentou até um trailer, batizado de "Bossa Brasil". Como foi que ela conseguiu? Encantou, enfeitiçou, seduziu João?

O telefone toca. É ela.

— Onde você está?

— Perto dos esqueitistas, e você?

— Na pista de *roller skate* na Lagoa. Você está do lado errado.

Há gente demais sobre rodinhas neste mundo. Paro um táxi, ponho meu celular no ouvido do motorista, e Claudia explica a ele o caminho. O trânsito está pesado, a loucura da hora do rush.

— Tem de ser aqui — diz o taxista, quando chegamos a uma espécie de parque.

Vejo um playground, um restaurante, um carrinho de sorvete e, mais atrás, a pista de patins.

Só quando vou pagar a corrida é que noto que o táxi cheira muito mal, um odor úmido e pútrido. Parece cocô de cachorro. E é mesmo, cocô de cachorro grudado na minha perna direita, a perna boa até aquele momento. Devia estar em algum ponto do banco onde eu estava sentado. Em dois minutos, vou me encontrar com a namorada de João, da alta sociedade, e tem cocô de cachorro na minha perna. E agora nas mãos também, porque, em pânico, tentei limpar aquela coisa.

O taxista fareja, ainda na dúvida, quando salto do carro, mancando, fedendo, gotas de suor na testa. Não, não é um bom começo. Meu encontro não parece regido por uma boa estrela.

— Toalete? — pergunto a alguém.

A resposta é um encolher de ombros.

— *Bathroom* ? — pergunto a outra pessoa.

Ela faz um não com a cabeça.

— wc ? — pergunto ao vendedor de sorvetes.

Ele aponta para uma construçãozinha cercada, com um vigia na frente. Corro até lá, ele quer dinheiro, eu levanto as mãos, e ele se afasta para me dar passagem. Limpo-me na pia, tanto quanto possível, um tanto que, na verdade, não é muito.

O telefone toca. Claudia.

— Estou chegando.

Corro na direção da pista de patins, ainda agitado, ainda examinando a perna e as mãos.

Antes da mãe, vejo a criança. Ela tem cabelos escuros, veste um pulôver listrado, calça jeans e tateia devagar sobre os patins *inline* , jamais se distanciando mais do que um metro da mãe, para a qual volta e meia se vira, insegura e eufórica ao mesmo tempo. A mãe veste um casaco semilongo e está de costas para mim. Com as duas, há uma babá, uma mulata de uns 55 anos, mais ou menos.

A mãe se volta, a criança vem em minha direção. Aceno. Claudia é, de fato, muito bonita, mais até do que eu esperava. Por uma vez na vida, entendo João perfeitamente.

— Olá — cumprimento.

— Oi — responde Claudia, estendendo-me a mão.

— Esta aqui é a Lulu. Luísa Carolina, na verdade, mas a gente chama ela de Lulu.

— Oi — diz Lulu, e quase escorrega sobre os patins.

Não consigo parar de olhar fixo para ela. É desagradável, mas não consigo evitar.

— Eu sei — Claudia comenta. — Ela é a cara de João. Tem a cabeça redonda, a boca e o nariz do pai. Só os olhos são como os meus. Vamos nos sentar ali adiante?

Ela se despede de Lulu e da babá, e procuramos um lugar sob a cobertura em forma de tenda de um restaurante árabe. Claudia fala um pouco de alemão, porque já frequentou escola na Suíça.

Ela pede uma caipirinha com pouco açúcar. Eu, uma cerveja.

— Claudia, milhares de jornalistas têm, há décadas, pedido a João para fazer uma entrevista ou uma matéria de tv com ele. Mil vezes ele já disse não. Mas deu essa permissão a você. Por quê?

— Não foi porque sou muito inteligente, muito bonita, ou muito especial, mas porque me interesso apaixonadamente por ele e pelo que ele faz, eu acho. Ele sentiu: essa moça quer me entender, quer entender a Bossa Nova.

— Como ele pode ter sentido isso?

— Ele me conhece desde pequena. É amigo de meu pai, que era seu dentista. A música de João e sua história sempre me fascinaram. Eu estudei música no Berklee College de Boston, saí em busca da história da Bossa Nova e quase não encontrei material nenhum. Então, quinze anos atrás, tive a ideia de acompanhar os passos de João, o inventor e mestre desse estilo musical.

— Como ele reagiu?

— Primeiro, entrou em pânico, claro. Disse para mim: “Claudia, você é muito bem-vinda, pode ir aos concertos e anotar o que vê, mas eu odeio microfones, câmeras, fotos. Depois, sempre modificam e deturpam o que gravaram”. A primeira coisa que fiz, então, foi abrir mão da câmera e acompanhar João em concertos na França, na Itália, em Tóquio, Nova York. Mas, em algum momento, ficou claro para mim: registrar por escrito não basta. Escrever é coisa muito pouco moderna para nossos tempos, e as pessoas no Brasil quase não leem. Depois de uma longa batalha, convenci João a me deixar usar uma câmera de vídeo. Começamos faz dez anos, no Carnegie Hall, em Nova York. Depois disso, fui juntando cada vez mais material.

— E em que pé está agora?

— Para mim, o documentário está praticamente pronto. Produzimos um *trailer* de dez minutos, mas não quero finalizar a coisa toda sem João. Cabe a ele escolher a música e esclarecer ainda uns poucos detalhes. Só que, infelizmente, ele tem muito que fazer.

— O que, por exemplo, além de tocar violão?

— Precisamente isto: tocar violão. Doze horas por dia. Ele não consegue parar

com isso.

Ela me olha, sorri um pouco insegura e bebe um gole de caipirinha.

— Então faz quinze anos que você tem um material sobre um homem que toca violão o tempo todo, mas não consegue finalizar seu documentário porque ele toca violão o tempo todo: é isso?

— É.

Dois garçons chegam e dispõem um bocado de comida diante de nós: molhos, molhinhos, *homus* , pão sírio, *baba ganoush* e tabule. É tudo muito bom.

— Vocês são um casal?

— Não. Nós fomos durante um tempo, mas não dá para viver com ele. Eu tentei, mas, com ele, nunca mais se vê a luz do dia. É um isolamento total. Agora, tivemos uma filha, e eu amo ele muito, a gente se vê regularmente, mas cada um toca sua própria vida.

— Como foi que você se apaixonou por ele?

— Foi acontecendo aos poucos, sorrateiramente. Ao longo do trabalho, fui me desesperando com o fato de que ele não falava, nunca se explicava. João não funciona como as outras pessoas, ele não te dá informação nenhuma. Canta, toca, registra o que registra, mas isso é tudo. Não fala a respeito. Então, eu percebi que precisava viver com ele para poder entender como ele é. Do mesmo modo como música é coisa que a gente tem de aprender. Aí, comecei a passar cada vez mais tempo com João.

— Ou seja, você se apaixonou por seu objeto de estudo.

— Quando se passa bastante tempo ao lado de alguém tão inteligente e talentoso, é quase impossível não construir uma intimidade. Claro que lutei contra isso quando percebi o que estava acontecendo. Eu era casada, João era velho demais. Mas quando notei que continuava indo até ele, mesmo já tendo comigo todo o material necessário para o documentário, aí eu soube: amo João.

— Levou dois anos até que vocês admitissem que a filha era dele. O que aconteceu durante esse tempo?

— Bom, foi um inferno e um escândalo enorme. Minha família é muito tradicional. Sem meus amigos, eu não teria suportado aquilo tudo. Porque eu não estava nem um pouco preparada. Não sabia como explicar a meu marido, como explicar a minha família. Eu me fechei. Mas o mais louco de tudo foi eu ter engravidado.

— Por quê? Vocês tinham um caso, não tinham?

— Sim, mas, um pouco antes, meu médico havia me dito que era muito improvável que, algum dia, eu pudesse ter filhos. Eu precisava fazer uma cirurgia, mas, por causa das viagens com João, não conseguíamos marcar uma data. E, de repente, veio Lulu.

— Como João reagiu?

— Feliz. Ele amou a menina desde o primeiro momento.

— Ele assistiu ao nascimento?

— Não, estava fazendo um concerto em Nova York ou Tóquio, acho.

Parece invenção, mas é verdade: a tempestade que se anunciara o dia todo despencou. A trovoada vem do Jardim Botânico, e a chuva estronda na cobertura de tenda debaixo da qual estamos sentados.

Lulu aparece, acompanhada da babá. Dá à mãe uma florzinha amarela e um abraço. Depois, vem até mim e me dá uma florzinha igual.

— Puxa, obrigado, Lulu.

— De nada. Posso arrumar mais uma para você. É de uma árvore — ela diz num inglês perfeito.

— De que árvore?

— Não sei. De uma árvore.

— Você fala o melhor inglês que eu já ouvi no Brasil. Como pode?

— Estou na primeira série.

— É? E como é isso?

— Gosto de matemática e de música.

— Matemática, sério?

— É, porque tem bastante coisa para desenhar. E, na aula de música, a gente canta muito.

— Não quer cantar a música que você acabou de aprender, Lulu? Aquela para o Dia das Mães? — Claudia pergunta.

— Mas é em português — diz Lulu, e olha para mim.

— Tudo bem, Lulu.

Ela canta. Muito suave e timidamente, baixinho, de modo que, com a tempestade, mal dá para ouvir. Mas canta também muito bonito, de dar alegria ao coração, porque é uma filha que quer fazer a mãe feliz.

Claudia traduz:

Meu coração,
não sei por quê,
bate feliz
quando te vê.

— É uma velha canção de um compositor chamado Pixinguinha. No fim, Lulu sempre muda a letra um pouquinho: “Mamãe, meu amor, você é meu amor”, ou coisa parecida.

— Como João.

— Como João. É o que ele ensina a ela.

Lulu e a babá se despedem e desaparecem no meio da chuva.

— Ele é bom pai?

— Maravilhoso, faria qualquer coisa por ela. E tem muito respeito por Lulu também. Diz sempre que ela tem cem anos, e não seis. Brinca com ela, toca para ela, assim como sempre fez com Bebel e João Marcelo. Cantam juntos, veem futebol, os jogos do Vasco da Gama. Ela está tendo a melhor educação musical precoce que pode haver. É meu maior presente para ela. Ele só se esquece de que, de vez em quando, ela também precisa fazer tarefa.

— Com que frequência ele vê a menina, se dorme o dia inteiro?

— Lulu em geral vê o pai nos fins de semana. É perigoso quando ela vai visitar João durante a semana, porque, aí, ele quer que ela falte à escola para ouvir os passarinhos ou coisas desse tipo. Quando isso acontece, sempre digo a ele que ela precisa aprender a ler e a escrever.

— Como você explica para ela a existência dele?

— Não é fácil para Lulu. Reuniões na escola, aniversários das outras crianças, tudo aquilo de que os outros pais participam, nada disso rola com João. Eu expliquei a ela que seu pai é diferente, que é músico. Que é capaz de fazer o que os homens de terno e os funcionários não sabem: criar beleza. Ela compreende e trata o pai com dignidade, e não como se ele fosse maluco.

— Na sua opinião, ele não é maluco?

— Não, ele só é muito, muito sensível. Mas tem um bom coração. E ficou muito magoado, quase morreu, com o que a emi fez com ele.

— O que foi que a gravadora fez?

Claudia apanha uma sacola, de onde retira três discos, como provas de um crime. São os três discos perdidos. Além de *Chega de saudade* , *O amor, o sorriso e a flor* , de 1960, e *João Gilberto* , de 1961.

— A gravadora destruiu esses três discos, quando foi digitalizar os álbuns para lançar em cd . Mixaram as músicas de novo, acrescentaram instrumentos, mal se ouve o violão dele. Além disso, puseram uma coletânea horrorosa no mercado. Desfiguraram a obra da vida de João e a pedra fundamental da Bossa Nova, um verdadeiro estupro.

— Mas é mesmo tão ruim assim? Eu tenho uma versão em cd do *Chega de saudade* , lançado por um selo inglês pequeno, e o som é muito legal.

— Para seus ouvidos, talvez, mas não para os de João, e, nesse meio-tempo, nem para os meus. No começo, também achei loucura. Depois, sugeri uma medição das frequências e dinâmicas, e o resultado foi: elas são diferentes no cd . Não são as que se ouvem nas matrizes originais, as que João determinou quando estava no estúdio. Sim, porque, em essência, foi ele, e não Tom Jobim, quem dirigiu as gravações. Ele, com seu ouvido perfeito, logo percebeu o que tinham feito com sua obra.

— João consegue ouvir isso, assim, sem mais?

— Ouve tudo, até os detalhes mais insignificantes! Nada nele funciona tão bem quanto os ouvidos. João é capaz de dizer em que tom um canário está cantando, se uma buzina de carro está desregulada ou que acorde combina com uma brisa de verão. Sabe direitinho como cada corda deve vibrar para que ela soe exatamente como ele quer. Apanha harmonias no ar, como um mágico.

— E por que a emi faria isso? Por que trabalhar contra ele dessa maneira, arrumar encrenca com João?

— Por muitas razões. Porque, para a gravadora, tanto faz; porque ela quer ganhar dinheiro fácil e rápido; porque é um conglomerado inglês que incorporou a antiga Odeon brasileira; porque a emi , a maior gravadora do mundo na época, preferia vender Beatles, ou seja, música inglesa, a vender a música de João. No Grammy de 1965, por *Getz/Gilberto* , João já tinha vencido os Rolling Stones e Louis Armstrong.

— Isso está me soando a conspiração e neocolonialismo, Claudia. Não é exagero?

— Não é, não. É da maior importância mesmo, porque se trata de um dos maiores bens culturais que o Brasil já produziu: a Bossa Nova de João Gilberto. O Brasil devia, portanto, se empenhar até legalmente na defesa de João. Por essa mesma razão, cheguei até a ir falar com o ministro da Cultura, Juca Ferreira.

— E o que foi que ele disse?

— Que era uma questão particular e que não podia fazer nada. Portanto, sou eu que me encontro com executivos da emi , com advogados, com quem quer que possa, talvez, fazer alguma coisa para que João se livre do contrato e consiga de volta as gravações originais.

— Onde elas estão?

— Diz a emi que no Brasil. A gente não acredita. Uma vez, mostraram para nós uma parte delas, mas não eram as originais. É tudo muito cansativo, e a justiça brasileira é a mais lenta do mundo.

— Você chegou a ler o contrato?

— Li, é de 1958. Perguntei a João: “Você não sabia ler?”. Mas ele nunca foi bom negociador. Abriu mão de uma série de direitos, direitos demais.

A chuva agora vai parando aos poucos. As luzes refletem nas águas da lagoa.

— É essa a maior mágoa dele, o motivo do seu recolhimento?

— É. Foi o que acabou com ele. Desde então, ele é um ser socialmente morto, como um mutilado de guerra. Imagine que você é Michelangelo, e alguém vai lá e rabisca uns bonequinhos na Capela Sistina. Ou que você é James Joyce, e alguém resolve reformular as frases que você escreveu. O que aquilo ainda tem a ver com você?

Ela luta a luta dele. Assumiu seu sofrimento, sua dor, sua loucura, sua paixão

e se sacrifica agora pelo gênio de João. Também ela foi contaminada, como Otávio Terceiro e todos os outros que não foram rápidos o suficiente para escapar a tempo.

— Você trabalha em alguma outra coisa, Claudia?

— Não, cuido da Lulu e trato de fazer com que João obtenha justiça, o que já é mais do que trabalhar em período integral. Meu pai diz que eu devia parar com isso e buscar uma nova realidade. "Mas *essa* é minha realidade, pai!", é o que eu sempre digo a ele.

Tenha cuidado, ou você pode se tornar um amaldiçoado para todo o sempre, Menescal havia dito. Um homem sábio, esse Menescal.

O garçom traz mais bebidas.

— Por que ele não diz um "foda-se" e supera de uma vez essa história toda? Quero dizer, João já escreveu seu nome na história, o que mais ele quer?

— Porque ele não é assim — Claudia responde. — Porque ele não é como nenhuma outra pessoa. Porque ele é João.

Parece invenção, mas é verdade: o celular dela toca. Claudia me faz sinal: é João.

Eu só entendo "oi", "bem", "não", "tudo ótimo", "o.k.", "tchau".

— É assim — diz ela, depois de desligar. — Ele acorda e me liga. "Está tudo bem? Que dia é hoje?" E eu respondo: "Sim, João, tudo bem, hoje é segunda e não é mais dia, já é de noite". Ele telefona uma barbaridade. É seu contato com o mundo.

Agora ela parece um pouco desamparada.

— Ele está bem de saúde, em forma?

— Já faz muito tempo que tinha de fazer uns exames. De vez em quando, sente cãibra na mão. Essas cãibras começaram em Nova York, quarenta anos atrás, e de vez em quando voltam. Claro que ele tem medo, porque não pode tocar. No mais, a não ser pela longa depressão que acabei de explicar, é muito ativo. Só não cuida de si próprio.

— Terapia?

— Já sugeri tantas vezes, mas ele diz que a cura é sua música. Não percebe que não é saudável viver como ele vive, dentro de casa, no escuro, para sempre.

— Ele é muito pálido? Pálido como um vampiro?

— Muito pálido. Vou mostrar para você.

Ela tira seu BlackBerry da bolsa, aperta algumas teclas e passa o celular para mim.

Vejo três fotos:

Com seus óculos de professor e os cabelos restantes compridos e desgrenhados, João segura Lulu nos braços e aperta a menina contra si. Ele sorri,

ela está rindo. Se tem caninos compridos na boca, não dá para ver, por causa da baixa resolução.

João, de camisa sem passar, tomando café e saudando a câmera com a xícara diante do nariz. Difícil dizer se com um olhar malandro ou triste. Talvez uma mistura das duas coisas.

João brincando no chão com Lulu, fazendo bagunça sobre uma manta.

O que dizem as fotos? Se, ao contemplá-las, penso na história de João e em tudo que julgo saber a respeito dele, elas confirmam o que eu já esperava: é, de fato, um homem muito pálido, apartado do mundo, e cuja solidão só é interrompida pela presença da filha. Se eu não soubesse que aquele era João Gilberto, pensaria estar vendo um viúvo comum, não tão debilitado para a idade, que recebe a visita da neta e parece muito contente com isso, porque ela é mesmo encantadora.

Qual das duas impressões é a verdadeira?

— De quando são estas fotos?

— Da semana passada.

É a primeira vez que tenho o sentimento real de ter feito contato com João. Trata-se do sinal mais efetivo da existência dele. Tão perto assim, nunca estive. É, também, um sentimento um pouco engraçado. Como se eu tivesse obtido acesso não autorizado a alguma coisa. Na minha situação, porém, dependo até do bocado mais minúsculo de informação. Detetives são assim, e assim têm de ser.

— Além de vocês, quem visita João com regularidade?

— Quase ninguém. Muita gente diz ter acesso a ele, mas não é verdade. Otávio, Miúcha, Lulu e eu. Na prática, é isso.

Sim, tem Miúcha também. Watson, é com você!

— Otávio é mesmo o melhor amigo dele?

— É um amigo que já trabalhou muito com ele. Ainda se veem, mas João diz que se decepcionou com ele. Acha que Otávio não é um bom sujeito. Não sei que história é essa, porque Otávio sempre esteve a seu lado. João diz que não tem amigos de verdade. Que o que todos amavam nele era a confusão.

— Confusão?

— Acho que o que ele quer dizer é que amigos também podem ser muito egoístas. Convencer-se de que estão fazendo alguma coisa por você, quando, na verdade, só estão tratando de si mesmos. Pode ter algo de verdade aí. O problema é que João vê as coisas muito mais sombrias do que são.

— Afinal, ele gosta do Rio?

— No fundo, não. Ele é da Bahia. Lá, os valores que contam são outros, não tão superficiais como os daqui. A Bahia é mais rural, mais família, confiança, fé.

Ele ficou tão triste quando o irmão morreu. Viajamos juntos para lá.

— Ele saiu do apartamento?

— Saiu. Por uma vez, consegui tirar João de lá, para ir visitar as cidades de sua juventude: Juazeiro e Salvador. Mas não adiantou. Também lá, ele ficou o tempo todo no hotel, dia e noite. Só em Juazeiro ele se animou um pouco.

— Como assim?

— De dentro do carro, viu uma conhecida, que saiu correndo para abraçar: Maria.

Admito por um momento a ideia de um João saltitante, correndo espontaneamente para abraçar alguém. Parece absurda, legal e maravilhosa a um só tempo.

— E se fosse possível tirar ele do Rio e levar de volta para a Bahia?

— Está velho e excêntrico demais para ser levado embora daqui, Marc. João não vai mais mudar.

— Você é muito católica?

— Sou.

— E João?

— A mãe dele rezava todo dia. Ele medita bastante.

— Segundo as regras de Yogananda?

— É. Repete mantras e sons que levam ele a um nível mais elevado de consciência.

— Ainda fuma muita maconha?

— Quando pinta alguma, ele fuma. Mas não quando está trabalhando. Dois meses antes de um concerto ou gravação, ele para até de usar sal ou pimenta.

— À noite, a que horas ele acorda?

— Às vezes, fica acordado durante o dia também. Depois, volta a acordar às dez da noite. Às vezes, passa dois dias sem dormir, comendo quase nada. Depois, dorme duas ou três horas, normalmente. João aboliu a noção de dia que a gente conhece.

— Como ele vai comemorar os oitenta anos?

— Não comemora nada, nunca. Não comemora Ano-Novo, aniversário, coisa nenhuma.

— Ah, de novo: ele está no Facebook? É que sou amigo dele.

— Não.

— Quem escreve lá em nome dele?

— Um sujeito que uma vez telefonou para ele e que agora se diverte fazendo-se passar por João Gilberto. Eu acho que se chama Hugo Grimaldi Jr. Perguntei a João se ele queria que eu fizesse alguma coisa, mas ele disse que tanto fazia, que não tinha vontade de ir atrás disso. Esse Grimaldi é um dos muitos que ganham

dinheiro com João. Tem outros também, uns agentes que fazem como se pudessem agendar concertos dele e, depois, quando alguém pede João, agendam seus próprios artistas. Muitas vezes as pessoas comparam João a Drácula, mas o número de Dráculas que sugam o sangue dele é muito maior.

— Você conhece um tal de Anselmo?

— Não, quem é esse?

— Um sujeito que canta e toca exatamente como João.

— Não consigo imaginar que exista alguém assim.

— O que se aprende no apartamento de João?

— É uma experiência crucial. Quase religiosa. A gente percebe como a arte pode ser verdadeira. E como pode ser ruim, quando é tão absoluta. Porque, aí, ela exclui um bocado de outras coisas. Seres humanos, por exemplo.

— João encontrou sua personalidade num banheiro de Diamantina. Ele alguma vez saiu desse banheiro?

— Não. Continua sentado lá dentro. Às vezes, acho que tive Lulu para tirar ele de lá. Mas por que você quer saber essas coisas todas? É doloroso.

— Quero saber como João se transformou no que é. Afinal, é uma história quase bíblica.

— Não é nenhum conto de fadas. É muito triste.

— Contos de fada também são, às vezes.

— É, e talvez essa história, em particular, seja triste demais até para ser contada.

— E o que é mais triste nisso tudo?

— O triste é ele tocar para as paredes, embora conheça todas aquelas canções faz muito tempo, porque domina esse repertório há décadas. É ele tocar a coisa mais linda do mundo como ela nunca foi tocada e, em seguida, dizer: “Ainda não está pronta, Claudia”. O meu medo é que nunca mais fique pronta.

Tudo agora ganha um peso indizível: a jovem mulher à minha frente, que se impôs uma tarefa praticamente inexequível; o velho João, sozinho em seu apartamento a poucos quilômetros dali; todo o desperdício da beleza que, surgida naquele apartamento, nunca sai dali. A história da Bossa Nova, que era uma história de luz, se transforma numa história sombria. A beleza que engole tudo também existe. E a de João é desse tipo.

O anseio, o maldito anseio!

— Algum dia o documentário vai ficar pronto?

— Não sei. Para ser sincera, eu pouco trabalhei nele nos últimos seis anos. Tudo que fiz foi coletar a música de João, para que pelo menos alguma coisa sobreviva. Pode ser que, algum dia, Lulu precise terminar o filme.

Longo silêncio. Esvaziamos nossos copos e nos olhamos. Não há muito mais a

dizer. Depois de conversar durante mais de cinco horas, estamos exaustos.

Pago a conta. Claudia se oferece para me levar até em casa. Ao nos levantarmos, enfio no bolso a flor que Lulu me deu. Nesse meio-tempo, ela murchou por completo.

Pouco antes de nos separarmos, faço ainda uma última pergunta a Claudia:

— Se eu quisesse encontrar João, não para uma conversa, mas só para ouvir como ele toca violão, “Ho-ba-la-lá”, por exemplo, o que eu teria de fazer?

— É difícil, eu posso tentar. Posso explicar que você ama a música dele do fundo do coração, mas não tenho como te dar grandes esperanças. Esperança é uma coisa bonita, só que muito destrutiva também.

Em seguida, ela se vai, e só quando chego de volta ao hotel noto que, nas últimas horas, não pensei uma única vez na minha perna. Minha dor sucumbiu ante todas as outras dores. Também do cocô de cachorro praticamente já não há sinal.

Crushed by the wheels of industry

Ainda naquela tarde, tento descobrir o que o grande adversário de João, a emi , tem a dizer sobre as acusações dele e de Claudia. A emi é um dos últimos grandes conglomerados entre tantas gravadoras moribundas. Virgin, Blue Note, Capitol, Chrysalis e Parlophone são alguns de seus selos. Foi fundada em Londres, em 1931, como Electric and Musical Industries Ltd. Abriu os estúdios de Abbey Road, fez a grandeza dos Beatles e fechou um contrato exclusivo com Robbie Williams de mais de 80 milhões de libras.

Na emi brasileira, me remetem à emi na Inglaterra, onde, dizem, uma mulher chamada Silvia Coleman é quem cuida do assunto em questão. Claudia também falou com ela. Quando ligo para Londres, sou informado de que Coleman não trabalha mais para a emi .

— E quem cuida agora de João Gilberto? — pergunto.

— De quem?

— João Gilberto, o famoso músico da Bossa Nova que vocês têm em catálogo. Sabe de quem estou falando?

— Humm. Vou passar o senhor para o departamento que cuida do catálogo.

Caixa postal.

Deixo um recado, solicitando que me liguem de volta tão logo quanto possível. Nunca mais tenho notícia da emi de Londres, a despeito de várias outras tentativas nos dias seguintes.

Duas ou três horas mais tarde, recebo um e-mail de Gerald Seligman, que durante muito tempo foi gerente de marketing da emi brasileira e amigo de João. Hoje, mora em Nova York. Um conhecido meu em Berlim fez o contato.

“De início, João não reclamou da qualidade do som”, escreve Gerald. “Talvez tenha ficado um pouco insatisfeito, mas, para mim, a qualidade era boa, ainda mais levando-se em conta o estado das fitas originais, com trinta anos de idade. Em 1988, a emi quis lançar em cd os três primeiros álbuns de João Gilberto num volume único intitulado *O mito* ou *The legendary João Gilberto* . O problema era que os álbuns não cabiam inteiros no cd , o que fez a emi se decidir por encurtar três faixas ou reunir num *medley* ‘O nosso amor’ e ‘Felicidade’. Supostamente, a gravadora teria feito isso sem a permissão de João Gilberto, e se foi isso de fato o que aconteceu, com certeza a emi errou. João ficou com tanta raiva que processou a gravadora. É trágico que esses álbuns não existam mais.

Eles estão entre o que João — e o Brasil — produziu de melhor. Mas João é briguento e se envolveu em diversas situações desse tipo. Na época em que trabalhei com ele, Tom Jobim vivia querendo fazer as pazes com João. Afinal, os dois já nem se falavam. Tom me pediu que mandasse lembranças, que intercedesse em seu favor, o que eu fiz, porque teria sido maravilhoso reconciliar os dois. Foi ingênuo da minha parte acreditar naquilo. João foi cabeça-dura, jamais retribuiu o cumprimento."

Em seguida, tento contato com Mike Alway, o gerente da pequena gravadora inglesa El, que lançou na Europa belas e pequenas edições em cd de *Chega de saudade* e, mais recentemente, de *O amor, o sorriso e a flor* . Como conseguiu? Cinquenta anos após o lançamento original, o direito de exploração das gravações musicais está livre: o músico deixa de contar com a proteção da lei. Esse prazo já teria decorrido, mas João contratou advogados que proíbem todo e qualquer relançamento desse material, porque, assim alegam, isso constituiria uma violação do chamado direito de personalidade.

Alway é o rei do pop elegante, um gigante do estilo que, nos anos 80, criou imagens completas para suas bandas. Respondeu-me num e-mail que ficava muito contente por alguém estar, enfim, pesquisando a história de João. Disse-me que eu podia perguntar o que quisesse, e ele responderia minhas perguntas até o final da semana. É o que faço de imediato, mas, ao longo das semanas seguintes, e a despeito da minha insistência, recebo uma única mensagem dele, dizendo que sua mãe havia adoecido gravemente, que ele precisava ir ao encontro dela e que, no momento, não podia nem falar nem escrever. De certo modo, aquilo não me surpreende. De certo modo, é absolutamente lógico que, depois de parecer que as coisas iriam se aclarar, tudo em torno de João Gilberto volte a se revestir de escuridão completa.

Recebo um torpedo de Claudia. Ela achou simpática nossa conversa do dia anterior e quer ainda me mostrar algumas gravações, assim que consertarem seu computador.

O telefone toca. É Watson.

— Duas boas notícias. Primeira: Miúcha respondeu. Estava em Buenos Aires; depois, ficou doente. Você pode ir jantar com ela amanhã, se quiser.

— Quero. Segunda?

— Falei com Anselmo. Vamos nos encontrar com ele em seguida, às nove da noite, num barzinho de Copacabana chamado Bip Bip. Rua Almirante Gonçalves, 50. Leve o violão!

Anselmo

Dizer que o Bip Bip é pequeno é pouco. Mais parece um buraco na parede diante do qual estão sentados dois ou três marmanjos de barba por fazer, usando a camisa do time de futebol, calção e de chinelos. Bebem cerveja e discutem o tempo todo. Por que motivo, evidentemente não entendo: política, futebol, Deus e as mulheres, suponho. São os temas clássicos.

No final da rua fica a praia. A areia cintila sob os postes de luz.

O dono do bar é prontamente reconhecível, tanto pela barba bem-feita como pelo tom de voz mais alto que todos. É também o mais rabugento. Se Roberto Menescal é um Hemingway simpático, o proprietário do Bip Bip parece um Hemingway de mau humor.

— Por favor, eu queria uma cerveja — pedi.

O chefe olha com ceticismo para o violão apoiado no meu ombro. Depois, bufa e aponta para o fundo do estabelecimento em forma de tubo, onde se vê uma geladeira. Pego uma cerveja e vou me sentar lá fora, a uma mesa com um sujeito que fala sozinho e fuma um cigarro atrás do outro. No fundo, uma roda de samba começa a batucar e um homem canta. Irrita um pouco.

Watson aparece. Todos olham de imediato e emudecem por um instante quando ela senta a meu lado. Eu amo Watson já por esse efeito que ela costuma produzir, entrando em cena como uma baleia, poderosa e cheia de si.

— Oi, Sherlock.

— Oi, Watson.

— Anselmo ainda não chegou?

— Não que eu saiba.

— Eu me pergunto que cara ele tem. Óculos, cabelos ralos e calça de bancário, como João? Usa pijama? Que aspecto tem alguém que se parece com alguém?

— Alfredinho! — exclama um homem que chega ao bar e dá um tapinha nas costas do chefe. O proprietário recebe o gesto com um misto de relutância e alegria. Por baixo de um boné de beisebol, uma longa trança se projeta para fora; a barba redonda circunda a boca de um jeito estranho, e ele veste uma camiseta cor-de-rosa grande demais. O traje é de surfista, mas ele é tão branco que é como se nunca tivesse tomado um único raio de sol na vida. Seu rosto parece ter sido maquiado com pó de arroz.

— Pedro! — diz ele, cumprimentando outro homem, um sujeito de cabelos pretos que ostenta à sua frente sete latas vazias de cerveja.

— Francisco!

— Camilla!

— Antônio!

Ele volta seu olhar para nós.

— Anselmo? — Watson pergunta.

Ele faz que sim e vem em nossa direção. Olha longamente para mim, sorri e me estende a mão. Eu jamais o teria imaginado daquele jeito. Tem algo de absolutamente barroco nesse homem.

— Você é alemão?

Anselmo não diz a frase: sussurra.

— Sou.

— Conhece Bach?

E então, ainda antes de chegar a primeira cerveja, ele me olha fixo e começa a cantar, do nada, como se estivesse num palco:

Bist du bei mir, geh ich mit Freuden
zum Sterben und zu meiner Ruh.
Ach, wie vergnügt wär' so mein Ende,
es drückten deine lieben Hände
mir die getreuen Augen zu!
Bist du bei mir, geh ich mit Freuden
zum Sterben und zu meiner Ruh. [*]

De novo, o anseio, só que, dessa vez, em alemão.

— Adoro Bach — diz Anselmo.

— E João — complemento.

— E João — ele confirma.

— Ouvi dizer que você canta e toca como ele.

— É verdade — diz Anselmo.

— Como assim?

— As pessoas dizem que é uma ligação espiritual.

— Você é bem mais jovem que ele, não é?

— Tenho 54. Mas não tem nada a ver com idade.

— Já esteve com João?

— Não, só nos falamos pelo telefone, duas ou três vezes. Uma vez, depois de um concerto em que cantei "Chega de saudade", ele mandou me servirem comida.

— O que era? *Steak* ?

— Era, como é que você sabe?

Anselmo conta que cresceu na Zona Norte do Rio, filho de um militar que

ouvia música clássica o tempo todo, sobretudo alemã, até que sua irmã, poucos anos mais velha, trouxe a Bossa Nova de João Gilberto para dentro de casa. Durante meses, ela só ouvia aquela música, e Anselmo começou a acompanhar ao violão o que ouvia. Até que, a partir de certo ponto, já não fazia outra coisa na vida.

— Eu me transformei em música — diz.

Depois, saiu de casa. Toda noite, pegava o ônibus para ir da Zona Norte à Zona Sul da cidade, principalmente a Copacabana. É uma viagem de uma hora. Tocou em clubes e bares. Até ser descoberto por Ronaldo Bôscoli. Era uma loucura, segundo o próprio Bôscoli: Anselmo não tocava simplesmente como João; quando tocava, era como se o próprio João em pessoa estivesse ali.

— Qual o segredo do violão de João, Anselmo?

— É difícil de explicar. É seu ritmo, seu suingue, o modo como ele liga e conduz as sílabas pela melodia, algumas vezes mais rápido, outras, mais devagar. A mão direita dele faz coisas que nenhuma outra mão direita no mundo é capaz de fazer. É tudo preciso, sem um único erro. É o que eu chamo de um suave veneno.

— Suave veneno?

— É, uma coisa que entra em você imperceptivelmente e que te obriga a mudar de direção. Uma coisa que você acolhe e que te guia.

— Você tem formação musical, Anselmo?

— Não, nunca frequentei escola de música ou coisa do tipo. Uma vez, eu tentei, me candidatei a ter aulas com um professor. Toquei Bach para ele. “Muito bonito”, ele disse. “Por quanto tempo você estudou a partitura, até conseguir tocar?” “Foi meio rápido”, respondi. Não tinha estudado partitura nenhuma, disse a ele. Aí ele ficou muito surpreso.

— Você toca só de ouvido?

— É.

— E por que não estudou com o tal professor?

— Tinha acabado de me casar e precisava ganhar dinheiro. Hoje, dou aulas de violão. Tenho oito ou nove alunos.

— Quanto cobra por aula?

— Oitenta reais.

Tiro meu violão da capa e o entrego a ele.

— Preciso ouvir você tocar, Anselmo. Toque “Ho-ba-la-lá”, por favor!

Ele pega o violão, examina-o, desliza a mão pela madeira.

— Que violão é este?

— É alemão. Muito antigo. Tem uns cem anos.

Anselmo afina o instrumento, longamente, sem diapasão, sem uma nota-guia,

sem nada. Examina cada corda. Para mim, já está afinado, mas ele segue ajustando, mais e mais.

— Tudo tem de estar perfeito — diz. — Os trastes são mais estreitos que os do meu violão. Ouça o lá...

Então, passados cinco minutos, ele começa a cantar:

Madame diz que a raça não melhora,
que a vida piora por causa do samba.
Madame diz que o samba tem pecado,
que o samba, coitado, devia acabar.
Madame diz que o samba tem cachaça,
mistura de raça, mistura de cor.
Madame diz que o samba, democrata,
é música barata, sem nenhum valor.
Vamos acabar com o samba,
madame não gosta que ninguém sambe,
vive dizendo que samba é vexame,
pra que discutir com madame?
No carnaval que vem também concorro,
meu bloco de morro vai cantar ópera,
e na avenida, entre mil apertos,
vocês vão ver gente cantando concerto.
Madame tem um parafuso a menos,
só fala veneno, meu Deus, que horror!
O samba brasileiro, democrata,
Brasileiro na batata é que tem valor.

Não é “Ho-ba-la-lá”, e sim “Pra que discutir com madame?”, uma canção de Heitor Barbosa do lp *Eu sei que vou te amar* . Que não seja “Ho-ba-la-lá” não tem a menor importância, porque é perfeito. O ritmo avança suave, sem peso, cada acorde soa inteiro, executado no momento exato, nem uma única nota trasteja; é como ouvir não um único violão (e sobretudo não o meu), mas vinte, trinta violões, todos tocando exatamente a mesma coisa; e a voz de Anselmo se liga a cada acorde — um misto de matemática e beleza absoluta.

Fecho os olhos, ouço apenas, e tudo à minha volta desaparece; o tagarelar dos fregueses, a estranha roda de samba, que segue matraqueando, o barulho da rua, que chega da avenida Atlântica. E vejo João, em várias versões: ainda jovem em Copacabana, com a camisa branca de manga curta que sempre vestia; aos quarenta e poucos anos, num concerto em Salvador, vestindo terno e calçando mocassins, enquanto, quase em fúria, explica ao público que só na Bahia se sente bem de verdade; e, já velho, de óculos, em seu último concerto no Rio, em 2008, em comemoração ao quinquagésimo aniversário da Bossa Nova, cantando tão baixinho que os espectadores não se atrevem nem sequer a sussurrar.

Bôscoli e Miele estavam certos: Anselmo é uma encarnação de João; a ligação existe. E João nem precisou encontrar aquele homem para contaminá-lo. Bastou

enviar-lhe esporos invisíveis, que se implantaram em Anselmo mais profundamente do que em qualquer outra pessoa. Suave veneno.

É absolutamente inacreditável. Quatro minutos mais tarde, Watson e eu estamos sentados ali, boquiabertos. Também os outros, que, havia poucos minutos, ainda falavam, discutiam ou balbuciavam, se calam. Mesmo já conhecendo Anselmo, seguem ainda e sempre se surpreendendo ao vê-lo tocar.

— Incrível — diz Watson, batendo palmas.

— Não dá para entender — digo eu.

Anselmo não esboça nenhuma grande reação; em vez disso, passa de imediato à canção seguinte, "O samba da minha terra", de *O amor, o sorriso e a flor* , e aí a atmosfera dentro e ao redor do Bip Bip se modifica por completo: transeuntes se achegam de todos os lados, puxam cadeiras e formam um semicírculo em torno dele; alguns dos beberrões apanham latinhas vazias de cerveja e começam a batucar em ritmo de samba; outro imita um trompete com a boca, encaixando-o com perfeição à música; pouco depois, chega uma mulher, que, quase de passagem, assume a voz feminina na canção seguinte. Tem início uma festa em cujo centro está a música de Anselmo, e ela é fantástica e calorosa. Se, então, a lua decidisse se retirar e o sol nascesse no meio da noite, isso já não seria nenhum grande milagre.

Mas há um problema também. Ele surge quando Anselmo começa a tocar cada vez menos canções de João e cada vez mais composições próprias. Suas composições são o oposto do estilo de João: fados pesados, que se arrastam cheios de solos e de uma cantoria sofrida. Por meio delas, Anselmo quer distanciar-se de João, encontrar sua própria voz, mas não funciona: brilhante, ele só é como cópia. É seu destino, e o motivo pelo qual permanece anônimo, dividido entre a capacidade que tem e a que gostaria de ter. O presente que João lhe deu é também uma maldição.

Ficamos sentados ali ainda por um bom tempo, cantando noite adentro. Meu violão encontra muitos amigos, todos se apaixonam por ele, até mesmo, por alguns segundos, o chefe, Alfredinho. No fim, os moradores do andar de cima do Bip Bip chegam mesmo a despejar um balde de água sobre nossas cabeças. Por um breve momento, foi como em 1958; por um breve momento, foi como se o mundo seguisse sendo Bossa Nova.

— Por que você não tocou "Ho-ba-la-lá"? — perguntei ainda a Anselmo, antes de Watson e eu nos despedirmos dele.

— Não senti que era o momento — ele me respondeu. — E sentimento é importante em música, meu caro. Não dá para a gente pedir uma música como quem pede um picadinho ou coisa do tipo.

— Obrigado, Anselmo, por tudo.

Mas ele já começava a música seguinte.

[*] “Se estás comigo, caminho com alegria/ em direção à morte e a meu repouso final./ Ah, como seria alegre o meu fim,/ tuas mãos adoráveis fechando-me os olhos fiéis!// Se estás comigo, caminho com alegria/ em direção à morte e a meu repouso final.” Pequena ária atribuída a Johann Sebastian Bach e constante do chamado *Pequeno livro de Anna Magdalena Bach* . (N. T.)

A história do gato

Depois da noite com Anselmo, reina grande confusão. Pela primeira vez na vida, ouvi a Bossa Nova de João em sua forma pura, ao vivo, acompanhado de uma porção de gente, como deve ter sido no passado. Mas feliz, não estou. É como se tivesse feito sexo com uma mulher muito bonita, muito parecida com aquela que eu amo, que fala, anda e se move tal como ela, mas que, apesar de tudo, não é *ela* .

Sinto-me muito mal, portanto, tanto mais porque não me resta muito tempo para encontrar o João de verdade. Tenho só alguns dias e, por isso, preciso agir agora, e com toda determinação. Afinal, de Otávio Terceiro não tive mais notícia, depois de lhe enviar vários e-mails solicitando um encontro com João. Nada de novo em relação a Claudia também: o computador dela continua pifado. Além disso, ela está em São Paulo no momento. E São Paulo é muita coisa, mas não é o Rio.

O ruim é que, com isso tudo, minhas chances de me encontrar com João não estão exatamente aumentando, a não ser que Miúcha consiga alguma coisa. O bom é que não dependo mais da boa vontade de amigos dele que possam me abrir as portas. A necessidade e o desespero me deixam livre para fazer o que bem entender. Posso tentar de tudo para, por conta própria, me aproximar de João, valendo-me de todos os meios à minha disposição.

Preciso fazer isso.

E, comprando suvenires em Copacabana, passo por um *pet shop* e tenho a ideia. Vou dar um gato de presente a João. A vida toda, sempre foi dos gatos que ele se sentiu mais próximo. Se mandar o porteiro lhe entregar um gatinho pequenininho numa caixa de papelão cheia de buracos, vou conquistar seu coração. Gatos seduzem todo mundo. E meu presente vai lembrá-lo do Zé, do Gato, de Romainha e de todos os outros; João vai poder falar com ele como o Nakata do livro de Murakami. Dando de presente um gato, mostro a ele, muito mais do que com o baseado do Donato, que o entendo perfeitamente, que entendo sua necessidade de algo macio, peludo, que não deseje entrevistá-lo, explorá-lo ou incomodá-lo de nenhuma maneira.

É, por assim dizer, um presente que não se pode recusar. É também um suave terrorismo, mas essa linguagem ninguém entende melhor do que João.

Nesse meio-tempo, comecei a pensar como ele.

Portanto, decidido e cheio de alegria antecipada, entro no *pet shop* .

O lugar é quente e bolorento. Pios, latidos e miados ressoam por toda parte. Esquilos se movem ruidosamente em pequenas jaulas, porquinhos-da-índia farejam aqui e ali, cachorrinhos brincam, pintassilgos cantam, papagaios enrolam a língua grossa na grade da gaiola. Como são estranhos os *pet shops* deste mundo.

Um vendedor vem em minha direção. Em seu avental verde vê-se a figura de um cachorro.

— Bom dia!

— Bom dia!

— *I'd like to buy a cat, please* .

Ele me olha meio abobalhado.

— Miau — digo, esticando a mão e imitando graciosos movimentos de pata.

— Um gato! — diz ele.

Passando pelas prisões dos bichinhos e pelas prateleiras de comida para animais, o vendedor me conduz até os fundos da loja. É ali que estão os gatos, em jaulas um pouco maiores, espalhadas pelo chão e dotadas de mantas e brinquedos. São cinco ao todo: dois gatos cinza, um cinza e branco, um preto e um preto e branco. Em mim, o preto e branco é o que desperta de imediato maior simpatia. Ele tem três patinhas brancas e uma preta. Parecem tão macias quanto as almofadas de veludo do Rei-Sol. Eu me agacho e fito seus olhos escuros, que rebrilham ternos e muito bonitos, profundos e insondáveis. Não resta dúvida: é meu gato Bossa Nova.

Peço ao vendedor que me passe o bichano. Primeiro acariciar, depois comprar: essa é minha filosofia.

— Muito bom — elogio.

O vendedor concorda com um gesto de cabeça.

— Quanto é? — pergunto.

— Duzentos e oitenta reais — ele escreve num pedaço de papel.

São cerca de 130 euros. Uma pechincha, considerando-se que vou ganhar o coração e a confiança de João.

Só que não consigo concluir a compra. Não enquanto eu tiver de olhar o bichinho cara a cara, e preciso olhar a todo momento para ele. É pequeno demais, vulnerável demais e me olha com fé. Impossível enfiá-lo numa caixa e depositá-lo diante da porta de um homem que nem conheço.

Não, aquele gato, não. Nem nenhum outro.

Cabisbaixo, saio do *pet shop* , sento-me no restaurante mais próximo, peço uma cerveja e ligo para Watson.

— Watson, estou desesperado.

— Eu sei — ela diz.

— Você tem de vir para cá — peço.

— Watson está a caminho — diz ela.

Vinte minutos depois, ela chega.

— Tenho de ir direto a ele — digo a ela. — O problema é que preciso fazer isso de uma maneira que nunca ninguém tentou, porque ele sempre rechaçou todo mundo. Ou seja, preciso fazer a coisa de uma maneira *inesquecível* , por assim dizer.

— Mais drogas, talvez? — Watson pergunta.

— Se não deu certo da primeira vez, não vai dar certo na segunda — respondo.

Conto a Watson a história do gato.

— Genial! — ela elogia.

— Não para o gato...

— Ahn... Isso tudo é muito difícil. O que você tem aí na sacola?

Ela aponta para a sacola ao lado da minha cadeira.

— Lembrancinhas e umas coisas para casa.

— Deix'eu ver — ela pede.

Mostro a Watson tudo que comprei. Mini-Cristos Redentores de latão, cartões-postais, um caderninho, uma sacola de "animais selvagens para brincar" (elefante, leopardo, leão, antílope e girafa, acompanhados de uma árvore; são para o filho da minha namorada), um *nécessaire* listrado de prata e preto e um tubo de pasta de dente.

— Não é muito, mas dá para bolar alguma coisa — ela diz.

Watson começa a examinar minhas compras: um Jesus em miniatura, os animais selvagens. De repente, abre seu bloco de anotações e o estende na minha direção.

— Escreva uma carta para ele. Diga o que você quer e, depois, leve a carta até ele.

Esta foi a carta que escrevi:

> Caro João Gilberto,
>
> Boas-novas. Cada vez mais, avanço na direção do coração da Bossa Nova, que, para mim, é o coração da beleza. Só que não posso entender esse coração enquanto não tiver ouvido o senhor, Mr. Gilberto. E já não me resta muito tempo. Por isso, sugiro simplesmente fazer-lhe uma visita. O senhor toca sua obra-prima para mim, "Ho-ba-la-lá", e eu desapareço em seguida. Não precisamos falar muito. Uma ideia maravilhosa, não é? Meu número de telefone é 8109-1372.
>
> Com os melhores cumprimentos,
>
> mf

— Ótimo — diz Watson, depois de traduzir a carta para o português.

Então, ela pega o Jesus de latão e, depois de pedir fita adesiva ao garçom, cola

a miniatura no alto da carta, bem ao lado de “Caro João Gilberto”. A isso, junta ainda o pacotinho de animais selvagens.

— Se não vai ser um gato, pelo menos um Jesus e um brinquedinho — ela diz.

— Ele não pode recusar uma coisa dessas — concordo.

— Ninguém pode recusar uma coisa dessas — Watson complementa.

— Só um coração muito frio.

Enfio tudo no *nécessaire* , fecho o zíper e, com pincel atômico preto, escrevo por cima: *Para João Gilberto* . Guardo o *nécessaire* no bolso frontal do meu poncho de surfista mexicano, pago a conta, despeço-me de Watson, paro um táxi e digo: “Rua Carlos Góis”. Uma vez lá, aperto a campainha na grade de entrada do edifício, como Otávio havia feito. O portão se abre e entrego o pacote na mão do porteiro, um portador de bigode espesso e comprido em camisa azul-clara de manga curta. Aponto cinco vezes seguidas para o nome do destinatário, ao que ele faz um prestativo sim com a cabeça e ergue o polegar, um gesto que todo mundo aqui faz e pelo qual lhe agradeço várias vezes, efusivamente. Depois, saio correndo do edifício. Meu coração batendo acelerado, eu só noto quando me vejo de volta à rua.

Fiz contato, penso comigo, fiz contato!

Miúcha

— Você parece exausto.

É o que ela me diz ao sair do elevador no Rio Flat Apart Hotel, o local onde toda essa história começou. Amarildo está de folga hoje. Em seu lugar, tem outro recepcionista, mais gordo, de cabeça raspada.

— Além disso, está muito pálido.

Em dois segundos, fica claro: essa mulher não se deixa enganar. Ela é filha do historiador e importante intelectual brasileiro Sérgio Buarque de Holanda; é irmã de uma lenda musical brasileira, Chico Buarque, que há alguns anos voltou a escrever romances, pelos quais tem recebido um prêmio literário atrás do outro; é, também, uma cantora maravilhosa, que trabalhou com Vinicius de Moraes e com Tom Jobim; e é ex-mulher do próprio João. Baixinha, Miúcha tem cabelos pretos curtos e encaracolados e um olhar desafiador, mas jamais desagradável. E emana uma energia inacreditável, embora, até pouco tempo antes desse nosso encontro, tenha passado dois ou três dias internada num hospital de Buenos Aires, com pneumonia.

— Eu sei.

— Por causa dessa história de Bossa Nova? *Come on* !

— Por causa de tudo, Miúcha.

— Ah, meu Deus. Eu sugiro que a gente coma e beba alguma coisa, que tal?

— Boa ideia.

O restaurante, italiano, é vizinho ao hotel. Nós nos sentamos e pedimos vinho.

— E então? — diz ela.

Pela primeira vez, tenho a sensação de que cabe a mim fazer um relato, de que o entrevistado sou eu. Assim sendo, conto a ela com quem já me encontrei em minha jornada à procura de João. Falo de Donato, Menescal, Marcos Valle, Otávio, Claudia, Anselmo e de todos os outros. E digo a ela quantas versões e histórias diferentes andei ouvindo, e como, pouco a pouco, fui ficando um tanto desorientado em relação a quais são verdadeiras e quais não.

— É claro que são todas verdadeiras, porque quem conta acredita no que está contando — diz Miúcha. — O número de versões diferentes é igual ao número de pessoas que você ouviu. São interpretações, como as canções de João. Você devia se alegrar!

— E qual é a sua história, Miúcha?

— Com João?

— Também.

— Bom, uma coisa eu posso te dizer: fui casada com ele um bom tempo e temos uma filha. João é muito cheio de segredos, muito mergulhado em si mesmo. Contar esses segredos a você, eu não vou, porque tenho respeito por eles. E porque sei que João precisa deles.

— Está bem. O que você pode me contar?

— Pergunte, simplesmente, o que você quer saber.

— Como vocês se conheceram?

— Foi em 1962. Eu ainda era mocinha e morava em Paris. Estudava história da arte. Mas, na verdade, queria ser cantora. Por lá, encontrei uma compositora chilena, Violeta Parra, e um monte de sul-americanos. De noite, costumavam frequentar um bar em Saint-Germain chamado La Candelaria. Em algum momento, comecei a cantar nesse bar. Uma noite, apareceu João, que naquela época estava tocando na Europa. Ele tinha ouvido que, no La Candelaria, havia uma cantora brasileira e ficou interessado.

— E aí, o que aconteceu?

— Começamos a sair juntos, sempre num grupo grande. Sul-americanos são assim, você sabe, principalmente no exterior. Uma noite, queríamos ir a algum outro lugar, mas éramos oito e tínhamos um carro só. Resultado: todo mundo se enfiou naquele carro, o que era proibido, e, se não me engano, o motorista tinha bebido. Quando mencionei esse fato, João disse: “Se a polícia parar a gente, saímos correndo, todos ao mesmo tempo, cada um numa direção. Aí, não há polícia neste mundo que possa nos pegar”. Não sei bem por quê, gostei daquela ideia.

Um pensamento típico de João.

— Como foi quando você ouviu ele tocar pela primeira vez?

— Como se, antes, eu sempre tivesse enxergado tudo em preto e branco e, de repente, alguém tivesse inventado o filme colorido. Aquilo me tocou profundamente e mudou tudo, para todos nós. Então, em 1964, fui morar com ele em Nova York, onde os músicos de jazz tinham grande interesse em nós. No fim de 1969, João foi convidado para fazer alguns concertos no México, e nos apaixonamos de cara pelo país. Quando João começou a passar mal por causa da altitude, alugamos uma casa japonesa gigantesca entre a Cidade do México e Toluca. Fomos muito felizes ali. João gravou *João Gilberto in Mexico* , o disco que tem “Besame mucho” e uma ou outra faixa de violão solo. Moramos mais de dois anos lá. Bom, e agora eu gostaria de pedir alguma coisa para comer, uma massa ou coisa do tipo. Ah, e lá vem minha amiga Georgiana de Moraes. Eu disse a ela que a gente ia se encontrar aqui. É a filha do Vinicius, a primeira do

segundo casamento. Georgiana! Georgiana! Estamos aqui, *darling* !

Georgiana, uma mulher esbelta e elegante de cinquenta e poucos anos, vem até nós, pede também um vinho e uma massa e, de imediato, acontece o que costuma acontecer quando amigas se encontram: a conversa toma todas as direções possíveis. Perdemos João de vista e conversamos sobre queijos (“As pessoas comem queijo demais”), a nova presidente, Dilma, sobre Stefan Zweig, a Berlim dos anos 30, as descobertas de petróleo na costa brasileira etc. Georgiana conta de uma turnê com o pai e Tom Jobim, de como os dois, na França, fingiam falar francês e como inventavam palavras que não existiam, trocando piadas e ofensas leves às quais cabia ao outro reagir. Parece uma grande e calorosa amizade; a cada história que ela conta, fica claro a saudade que sente do pai. E a falta enorme que ele faz ao Brasil.

— Posso dar uma tragada no teu cigarro? — Miúcha pergunta, quando, já na rua, me preparo para fumar.

— Não! — Georgiana intervém. — Já faz três dias que você parou com isso.

— Pode ser. Mas a gente tem de fazer o que precisa fazer — Miúcha responde. — Senão passa o resto da vida com vontade.

Em algum momento, ela volta por si só a falar de João.

— Em princípio, é muito simples, muito mais simples do que as pessoas pensam: João nunca teve medo de olhar para a frente. Arriscou sua vida e sua alma naquilo que descobriu. Ele *só pode* ser diferente.

— Você parece ser a única que teve um relacionamento equilibrado com ele. Por quê?

— Não tento nem mudar nem agradar João. Talvez seja esse o motivo.

— Eu também não quero mudar ninguém: só quero ouvir ele tocar “Ho-ba-la-lá”.

— E quem não quer?

— Quando foi a última vez que você esteve na casa dele?

— Ontem. E uma coisa eu posso te dizer: ele está cada vez melhor, fica melhor a cada hora que passa tocando. Amanhã vou lá de novo.

— Me leva junto?

— Não, mas você pode deixar um recado para ele. Quem sabe ele se manifesta?

— Isso eu já fiz.

— Boa sorte.

É tarde da noite quando me despeço das duas.

Ho-ba-la-lá II

A batalha pelo Rio está a todo vapor. Cinco dias são necessários para que tropas do exército e da polícia consigam tomar do Comando Vermelho a favela Vila Cruzeiro. Ruas bloqueadas, guerra urbana, ônibus incendiados, trinta mortos, 125 detenções. É como se estivessem filmando *Tropa de elite 3* . Não é Bossa Nova. Na Bossa Nova não escorre sangue, João disse certa vez.

— Meus amigos e eu, nós somos todos sonhadores — disse-me o artista gráfico Cesar G. Villela, quando, semanas atrás, enquanto caminhávamos, perguntei a ele por que só desenhava Quixotes, em inúmeras variações.

Saí do Copacabana Palace e, em meus últimos dois ou três dias de Rio, mudei-me para uma casinha algumas ruas adiante, não muito longe do Arpoador, a pequena colina que separa Copacabana de Ipanema. Estive umas poucas vezes com Laura, Cristian e os outros moradores do Ipanema Penthouse à beira da praia. De noite, andamos bebendo cerveja em bares diversos. Watson me convidou para seu aniversário de quarenta anos; fomos a um caraoquê e cantamos Elvis e Beatles; Watson arrebentou com sua voz de Beth Ditto. Fora isso, fiz muitas caminhadas. Uma vez, passei pela Toca do Vinicius e vi Carlos pela vitrine, agitando os braços e contando suas histórias a dois turistas japoneses. É coisa que não vai mudar, enquanto ele viver. Um dia, peguei a balsa até Niterói, para ir ver o famoso Museu de Arte Contemporânea, projetado por Oscar Niemeyer, um pires branco no topo da colina. É uma construção maravilhosa, mas onde a arte não tem chance: jamais vai conseguir sobrepujar o próprio museu.

Tentei me ocupar o mínimo possível de João. Era necessário. E só então notei como é cansativo querer se aproximar de alguém que rechaça qualquer tentativa com todas as forças. Não pensar nele o tempo todo foi, portanto, uma libertação.

E então, ainda um acontecimento.

Pouco depois das quatro da manhã, meu celular toca, arrancando-me de meu sono. Lembro-me da hora, porque o súbito iluminar-se do visor na escuridão completa me ficou marcado a fogo na retina.

— Alô? — atendo, ainda em boa parte em sono profundo.

Seja quem for que está do outro lado da linha, ele ou ela não diz uma única palavra. Ouço apenas um crepitar e, como quero acreditar, a respiração de alguém. Depois, isto:

Diu, n’diu
bop n’bo
Diu, n’diu
nbop n’bo
É amor o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá uma canção
Quem ouvir o ho-ba-la-lá
Terá feliz o coração
O amor encontrará
Ouvindo esta canção
Alguém compreenderá
Seu coração
Vem ouvir o ho-ba-la-lá
Ho-ba-la-lá
Esta canção

E, antes mesmo que eu possa me dar conta do que está acontecendo, a linha está muda. Esfrego os olhos, para afastar o sono, e aperto de imediato a tecla *redial* , mas ouço apenas uma voz gravada a repetir um número de que não entendo nem a metade.

Quem terá sido?

João, que atendeu a meu pedido e me envia dessa forma sua resposta? O horário da ligação combina com ele. Assim como também o humor: simplesmente pôr um disco para tocar.

Otávio, fazendo uma brincadeira, talvez na companhia de João, talvez sem ele?

Claudia, reforçando sua tese de que nada neste mundo é tão João Gilberto como suas primeiras gravações?

Watson, com pena de mim e mesmo um pouquinho de vergonha de, depois de todas as nossas investigações, não termos conseguido nos aproximar de fato de João?

Muitas pessoas têm o número do meu celular. Muitas delas sabem do que trata minha busca desde o começo: desse quebra-cabeça chamado “Ho-ba-la-lá”.

Permaneço acordado ainda por um bom tempo nessa noite. Então, às seis da manhã, ligo para Watson pela última vez.

Vista Chinesa

— O que estamos fazendo é muito perigoso, espero que você saiba — avisa Watson, que, ademais, está com raiva por eu tê-la acordado tão cedo.

— Se João pode, nós também podemos — respondo.

— Ai, ai — ela resmunga, olhando pela janela.

À direita e à esquerda, o verde, que agora, com o sol subindo no céu, começa lentamente a cintilar.

O táxi serpenteia pelo Parque Nacional da Tijuca, morro acima, e Watson tem certa razão: boa parte da estradinha estreita acompanha o sopé de uma favela, e ali carros são volta e meia abordados e assaltados. A região só é tida como razoavelmente segura a partir das dez ou onze da manhã. Prometi pagamento em dobro ao taxista, se, a despeito do perigo, ele topasse nos levar até lá.

Nosso destino é a Vista Chinesa, um mirante de onde se vê toda a cidade. É o local aonde, de vez em quando, pouco antes de ir dormir, João pede que o levem, como contou Garrincha. E ali, ao som do motor do carro, contempla o Rio de Janeiro.

Logo depois daquele telefonema, ficou claro para mim de imediato que eu precisava ir até lá. Não contei nada a Watson sobre o fenômeno “Ho-ba-la-lá”. Se ela tivesse tido alguma coisa a ver com ele (no que não acredito), eu estaria com isso destruindo o presente que pretendera me dar. Do contrário, só ficaríamos discutindo o assunto sem parar.

O telefonema permanece, portanto, um mistério.

— Chegamos — diz o taxista.

Um pagode chinês surge à nossa frente. Ele se ergue à beira de uma colina, as vigas de metal sobre bambu refletindo a luz amarelada do sol da manhã.

— Deixe o motor ligado, por favor — peço ao motorista.

Ele me olha como se eu não batesse lá muito bem.

— É por razões atmosféricas — Watson explica.

Pássaros piam enquanto desembarcamos do táxi, inclusive o sabiá, talvez, de que Donato me falou. A cantoria se mistura ao ronco do motor. Não faço ideia do que aquilo significa.

Lá embaixo, quatrocentos metros abaixo de nós, estende-se o Rio de Janeiro. O céu está encoberto, mas, apesar disso, Watson e eu conseguimos reconhecer tudo com nitidez. Na extrema esquerda, o Pão de Açúcar emoldura o quadro; em

seguida, a linha curva de Copacabana, o Arpoador, as praias de Ipanema e do Leblon; mais atrás, a lagoa, com o morro Dois Irmãos mais à direita, o morro com dois picos. Na beirada, mestre Jesus. Nos morros intermediários, as favelas, que agora exibem aspecto calmo e pacífico; em volta delas, como obturações, os arranha-céus, os prédios de escritórios, conjuntos habitacionais, complexos de apartamentos.

É possível reconhecer até mesmo o Rio Flat e o prédio onde mora João.

— O que será que ele está fazendo agora? — Watson pergunta.

— Pelas nossas contas, deve estar tocando violão — digo a ela. — Há mais ou menos dez horas. Ou, então, está pedindo comida e olhando pela janela. Ou brincando com os animais selvagens que mandamos para ele.

— Muito provavelmente, só existem duas maneiras de ver o mundo: ou é tudo maluco ou tudo é normal — declara Watson, subitamente filosófica àquela hora da manhã.

Uma brisa suave sopra através dos cachos de seus cabelos. Talvez por isso.

— Por que a gente não conseguiu apanhar ele, Watson? Tentamos de tudo!

— Porque anseio é coisa que ninguém consegue apanhar, Sherlock. E João é isto: anseio.

Eu olho fixamente para ela.

Todos que, nessa história, têm alguma coisa a ver com João têm também um anseio. Claudia, por viver uma vida com ele; Lulu, pelo pai, que de vez em quando sai com ela; Otávio anseia por respeito; Donato, por fumar um baseadinho em paz com João; Garrincha bem que gostaria de grelhar outro *steak* para ele; Anselmo sonha em tocar com ele; Lourdes e Geraldo ficariam contentes se João desse uma passadinha por Diamantina; Carlos só deseja ardentemente que, um dia, João apareça em sua loja e o cumprimente pelo arquivo que mantém; Miúcha tem esperança de que, um dia, João volte a se erguer e produzir a magia que só ele é capaz de produzir; e mesmo o satisfeito Menescal por certo não se incomodaria se, um dia, João lhe telefonasse para agradecer pelos muitos violões e pelos bons tempos que todos viveram no passado. E quem é que sabe o que pensam Tom Jobim e Vinicius de Moraes, na cova, no céu ou no clube dos grandes poetas e compositores do além?

Ninguém que esteve com João será, de fato, capaz de esquecê-lo algum dia. Porque João, como diz corretamente a perspicaz Watson, é o anseio personificado. Sempre foi, desde o começo. É intangível como o anseio, imaterial como ele, notívago como ele, insatisfeito como ele, caprichoso como ele, belo como ele, doído como ele. Uma busca constante que nunca encontra de fato o que procura, porque o único e verdadeiro anseio é aquele que ecoa eternamente num espaço infinito. Em nós. Ali permanece a pergunta não

respondida, para todo o sempre.

Essa é *sua* maldição. Isso é Bossa Nova.

— Tudo de bom, João. *Thank you for your music* — digo a ele. — Vamos embora daqui, Watson.

Ao embarcarmos no táxi, uma flor amarela jaz ao lado do carro. Eu a apanho. Pergunto ao motorista como ela se chama.

— Algodoeiro — diz ele.

Dois dias depois, parto de volta para a Alemanha. Ao chegar, nada é como havia sido antes.

Anseio, sempre e de novo o anseio, por toda parte:

Vai, minha tristeza,
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer
Chega de saudade, a realidade
É que sem ela não há paz, não há beleza
É só tristeza, e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai
Mas se ela voltar, se ela voltar
Que coisa linda, que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos que eu darei na sua boca
Dentro dos meus braços os abraços
Hão de ser milhões de abraços apertado assim
Colado assim, calado assim
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio
De viver longe de mim
Não quero mais esse negócio
De você viver assim
Vamos deixar desse negócio
De você viver sem mim

Bibliografia

bernecker , Walther L.; pietschmann , Horst; zoller , Rüdiger. *Eine kleine Geschichte Brasiliens.* Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2000.

castro , Ruy. *Bossa Nova: The sound of Ipanema.* Höfen: Koch International GmbH, Hannibal, 2006 [*Chega de saudade* . São Paulo: Companhia das Letras, 1990].

_____. *Rio Bossa Nova* . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

_____. *Rio de Janeiro* . Londres: Bloomsbury, 2004.

chamisso , Adalbert von. *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* . Munique: dtv , 1999.

freland , François-Xavier; mirguet , Olivier. *Sarava!* Paris: Naïve, 2005.

garcia , Walter. *Bim bom* . São Paulo: Paz e Terra, 1999.

junichiro , Tanizaki. *Lob des Schattens* . Munique: Manesse, 1989 [*Em louvor da sombra* . São Paulo: Companhia das Letras, 2007].

montaigne , Véronique. “Rencontre avec João Gilberto”. In: *Le Monde* , 23/5/1991.

motta , Nelson. *Noites tropicais.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

schreiner , Claus. *Música popular brasileira.* Marburg: Tropical Music, 1985.

Time Out , “Rio de Janeiro”. Londres: Time Out Group Ltd., 2007.

wagner , Richard. *Gesammelte Schriften und Dichtungen* . Boston: Adamant Media Corporation, 2001.

yogananda , Paramahansa. *Autobiography of a Yogi* . Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1998.

zweig , Stefan. *Brasilien: Ein Land der Zukunft* . Frankfurt a.M.: Insel, 1997.

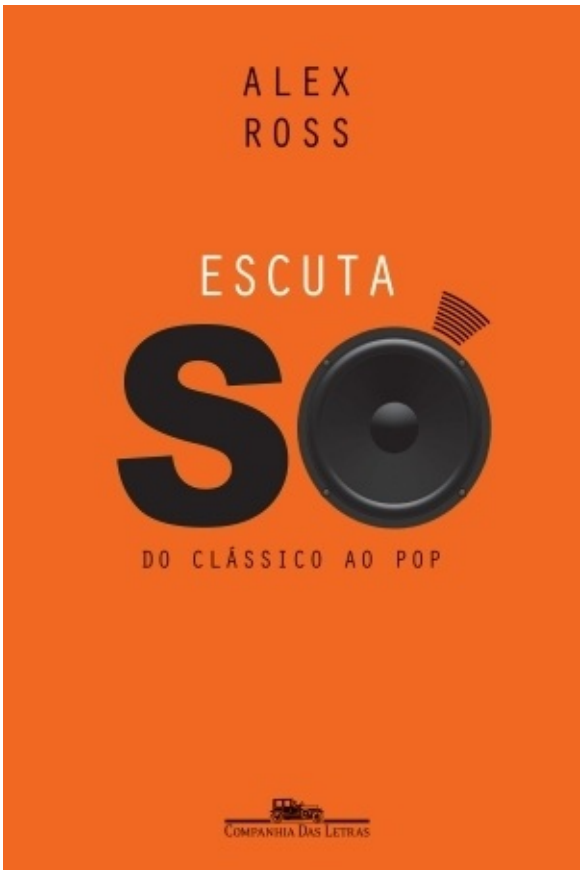
Crédito das canções

Chega de saudade
Tom Jobim e Vinicius de Moraes
Editora Musical Arapuã Ltda. (Fermata do Brasil)
Desafinado
Tom Jobim e Newton Mendonça
Editora Musical Arapuã Ltda. (Fermata do Brasil)
Ho-ba-la-lá
João Gilberto
Warner Chapell Music (Brasil)
Pra que discutir com madame
Haroldo Barbosa e Janet de Almeida
Copacor Edições Musicais Ltda. — addaf

Muito obrigado

Rachel Balassiano, Roberto Menescal, Marcos Valle, João Donato, Miúcha, Joyce, Claudia Faissol, Lulu, Ruy Castro, Nelson Motta, Jorge Cravo, Miele, Anselmo, Otávio Terceiro, Garrincha, Toshimitsu Aono, Ricardo Cravo Albin, Joe Davis & Far Out Crew, mc Gringo, Johanna von Rauch, Daniel Haaksman, Nicolai von Schweder-Schreiner, Johann Buchholz, Christoph Dallach, Detlef Diederichsen, Eduardo & Francisco Pereira, Gerald Seligman, Carlos Lyra, Magda Botafogo, Ronald Barnabas Schill, Tropicália Discos, Bernardo Lima e Silva, Wander Conceição, Geraldo Miranda, Hotel Copacabana Palace, Ipanema Penthouse, Ricardo Verzola, Otmar Jenner, Uwe Kopf, Georgiana de Moraes, Herbert & Hilde, Dominik Imseng, Walter Schönauer, Gay Talese, Bram Stoker, Stephanie Meyer, Sir Arthur Conan Doyle, Peter Falk, Georges Simenon, Jana, João Gilberto.

Copyright © 2011 by Rogner & Bernhard GmbH & Co.Verlags KG, Berlin
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 , que entrou em vigor no Brasil em 2009 .
Título original
Hobalala: Auf der Suche nach João Gilberto
Capa
warraklоureiro
Foto de capa
Glide , 1968 (impressão com recorte de filme de poliéster), por Gerald Lang (1936-).
Private Collection/ The Bridgeman Art Library
Preparação
Leny Cordeiro
Revisão
Luciane Helena Gomide
Carmen T. S. Costa
ISBN 978-85-8086-260-7
Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.
Rua Bandeira Paulista, 702 , cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



Escuta só

Ross, Alex
9788580863260
424 páginas

Compre agora e leia

De Bach a Björk, da música chinesa aos Beatles, de Brahms a Bob Dylan, Escuta só propõe um instigante percurso pelo melhor da música mundial. Organizado em dezenove capítulos temáticos, o livro é uma introdução a

algumas das figuras capitais do cânone erudito, explicando em linguagem acessível a arte de mestres como Mozart, Beethoven, Verdi e Schubert. Simultaneamente, canções emblemáticas de ícones do pop como Frank Sinatra, Kurt Cobain e a banda Radiohead recebem releituras inovadoras. Alex Ross combina textos publicados na revista New Yorker, da qual é crítico musical desde 1996, com amostras inéditas de sua premiada produção ensaística. Saudado como "indispensável" pela revista Entertainment Weekly e elogiado pelo conceituado crítico Roger Ebert, Escuta só foi selecionado pela Time como um dos melhores livros de 2010. Em sua atuação como escritor e crítico - essa espécie de mediador entre os leitores-ouvintes e os artistas que movimentam o circuito sonoro da cultura humana -, Ross sempre tem combatido o preconceito disseminado de que a música clássica é elitista e autossuficiente, afastada da realidade cotidiana da maioria das pessoas. Por outro lado, o autor de O resto é ruído - Escutando o século XX procura compreender a música pop como uma manifestação legítima e plena de interesse da cultura contemporânea. Segundo Ross, a música precisa ser entendida - e, sobretudo, escutada - como um modo privilegiado de conhecimento do mundo, chave de acesso a realidades que o discurso racional por si só não consegue penetrar. Por meio de uma prosa livre do árido jargão dos especialistas, o autor demonstra que a

boa música não reconhece fronteiras entre gêneros, autores, estilos ou épocas quando se trata de seduzir os ouvidos e corações das pessoas.

Compre agora e leia



Tá todo mundo mal

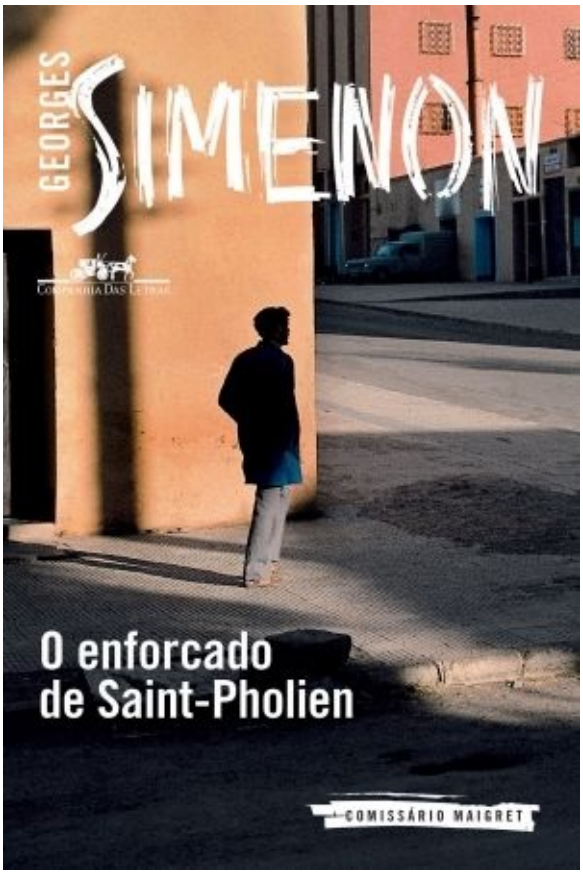
Jout Jout
9788543805863
200 páginas

Compre agora e leia

Do alto de seus 25 anos, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, já passou por todo tipo de crise. De achar que seus peitos eram pequenos demais a não saber que carreira seguir. Em "Tá todo mundo mal", ela reuniu as suas "melhores" angústias em

textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer".
Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias!

Compre agora e leia



O enforcado de Saint-Pholien

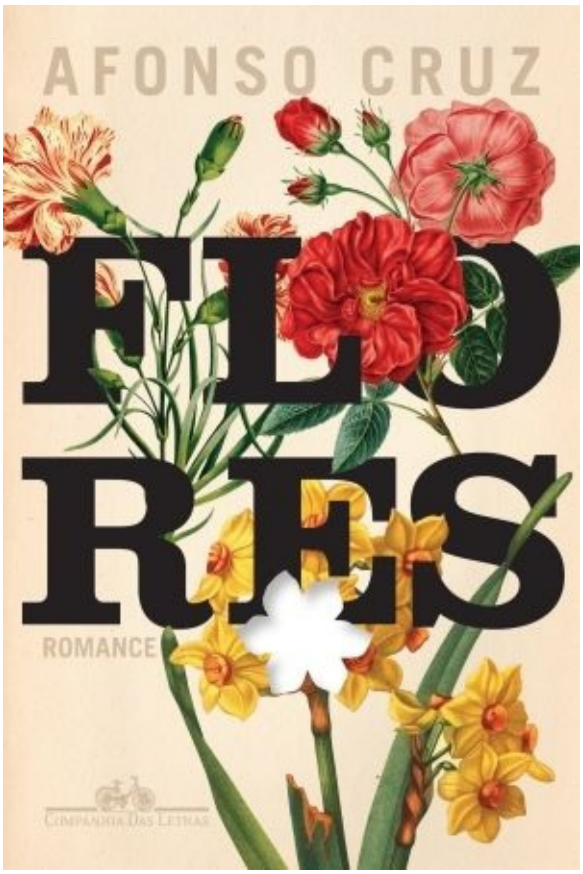
Simenon, Georges
9788580869934
136 páginas

Compre agora e leia

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges

Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

Compre agora e leia



Flores

Cruz, Afonso
9788543805856
272 páginas

Compre agora e leia

Uma história inquietante sobre o amor, a memória e o que resta de nós quando perdemos nossas lembranças.

Um homem sofre muito com as notícias que lê nos jornais, com todas as tragédias humanas a que assiste.

Um dia depara-se com o fato de não se lembrar do seu primeiro beijo, dos jogos de bola nas ruas da aldeia ou de ver uma mulher nua. Outro homem, seu vizinho, passa bem com as desgraças do mundo, mas perde a cabeça quando vê um chapéu pousado no lugar errado.
Contudo, talvez por se lembrar bem da magia do primeiro beijo — e constatar o quanto a sua vida se afastou dela —, o homem decide ajudar o vizinho a recuperar todas as recordações perdidas. Em seu livro mais recente, o português Afonso Cruz apresenta uma bela reflexão sobre o amor e a memória.

Compre agora e leia



Cadernos de Lanzarote II

Saramago, José
9788543801995
504 páginas

Compre agora e leia

José Saramago mora em Lanzarote, uma das ilhas Canárias. Ali, em 1993, começou a compor um diário cujo primeiro volume abrange os anos de 1993, 94 e 95 (Companhia das Letras, 1997), enquanto este cobre 1996

e 1997. O autor pode falar sobre tudo: a família, os amigos, as coisas cotidianas, as coisas extraordinárias, as viagens constantes, o Brasil, os muitos brasileiros que conhece, as tarefas que decorrem da sua profissão, do seu modo de escrever etc. Para um escritor, manter um diário é trabalhar. O tom pode ser mais informal e nenhum projeto propriamente dito se explicita, mas a obra é legível em cada página. Entre coisas e pessoas, hábitos e decisões, afetos e idéias, o trabalho de José Saramago é escolher suas afinidades e gerar sua escrita humanizadora.

Compre agora e leia

Table of Content

Capa
Rosto
Prólogo
A torre
A queda
Ho-ba-la-lá
Primeiras investigações
Steak à João
O suicídio
A história do meu violão
Marcos Valle parece mesmo bem mais novo do que é
Os dois Joões
Schilly, schilly, bang, bang
O sombrio pressentimento do barqueiro
Novidades de Watson
O clube da autorrealização
Entrevista com o aprendiz de vampiro
  Ato 1: cerveja
  Ato 2: cigarro
  Ato 3: o complexo de Sinatra
Perseguição!
A caminho de Diamantina
Diamantina
A Baiúca

Favor não tomar banho!
Um velho amigo, dois novos amigos e um intérprete bem maluco
Copacabana Palace
A dança dos vampiros
O momento mágico, transformador
A garota de João
Crushed by the wheels of industry
Anselmo
A história do gato
Miúcha
Ho-ba-la-lá II
Vista Chinesa
Bibliografia
Crédito das canções
Muito obrigado
Créditos

Table of Contents

Rosto
Prólogo
A torre
A queda
Ho-ba-la-lá
Primeiras investigações
Steak à João
O suicídio
A história do meu violão
Marcos Valle parece mesmo bem mais novo do que é
Os dois Joões
Schilly, schilly, bang, bang
O sombrio pressentimento do barqueiro
Novidades de Watson
O clube da autorrealização
Entrevista com o aprendiz de vampiro
    Ato 1: cerveja
    Ato 2: cigarro
    Ato 3: o complexo de Sinatra
Perseguição!
A caminho de Diamantina
Diamantina
A Baiúca
Favor não tomar banho!
Um velho amigo, dois novos amigos e um intérprete bem maluco
Copacabana Palace
A dança dos vampiros
O momento mágico, transformador
A garota de João
Crushed by the wheels of industry
Anselmo
A história do gato
Miúcha
Ho-ba-la-lá II
Vista Chinesa

Bibliografia
Crédito das canções
Muito obrigado
Créditos